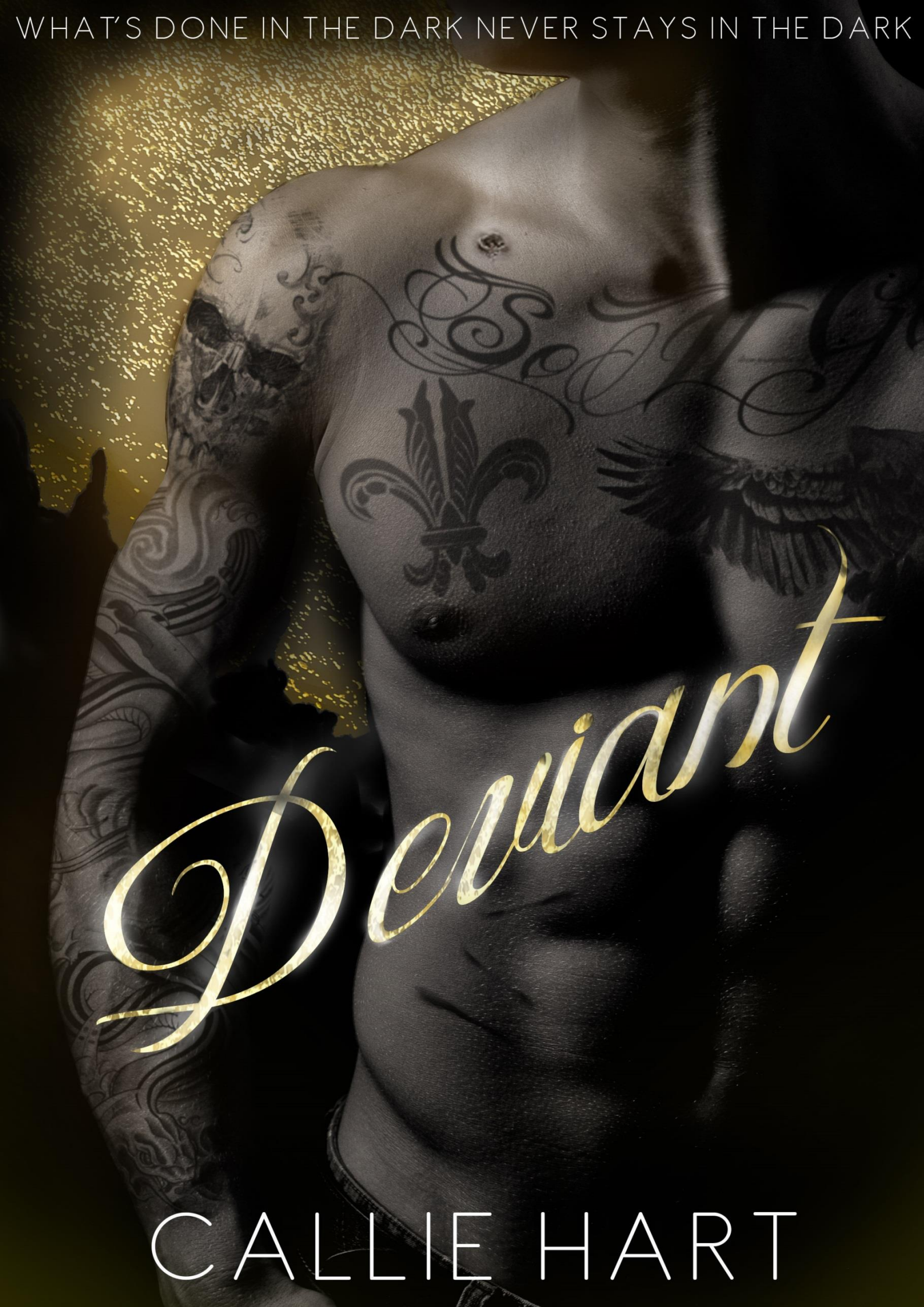
WHAT'S DONE IN THE DARK NEVER STAYS IN THE DARK



Deviant

CALLIE HART



Callie Hart

#1 Deviant

Série Blood & Roses

Tradução por **Talita**

Revisão por **Camila M.**

Formatação e Leitura Final por **Anne Pimentel**

www.forumdelivros.com.br
www.facebook.com/tradutorapeppergirl

Blood & Roses Copyright © 2014 Callie Hart

AVISO

A tradução em tela foi efetivada pelo Grupo de Traduções Pepper Girl de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes de qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto. No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderão individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado anteriormente de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

SINOPSE

Sloane

Não me orgulho das coisas que eu fiz.

As coisas que eu tinha que fazer.

As coisas que eu entreguei.

Mas eu daria tudo de novo para encontrá-la.

Mesmo se eu morrer tentando,

Eu tenho que encontrar Alexis.

Zeth

Ela quer que eu a ajude,

Mas eu não vou.

Ela quer que eu salve sua irmã,

Mas eu não posso.

Ela quer que eu seja seu herói,

Mas eu não sou um bom homem.

Eu sou sua condenação.

Capítulo Um

SLOANE

Quando eu digo que eu sou um fantasma, eu não estou sendo literal.

Estou muito viva. Ou, pelo menos, alguns dias eu me machuquei apenas o suficiente para saber que eu ainda estou agarrada numa batida de coração. Não, quando eu digo que eu sou um fantasma, estou me referindo ao fato de que as pessoas raramente me veem. Eu sou a garota no fundo. A de altura média, o peso médio, cor média de cabelo, algo decepcionante que os olhos ignoram em vez de se demorarem. Eu deslizo silenciosamente por esta cidade bocejando até onde eu moro, sem sorrir. Sem ter que cumprimentar alguém, às vezes por dias. Tem sido assim nos últimos seis meses. É raro eu precisar falar com estranhos, e quando eu faço isso é superficial; as pessoas sabem instintivamente que eu não estou preparada para conversa fiada. Hoje não é exceção.

— Aqui está a chave do quarto, Sra. Fredrich. — a recepcionista do Marriot hotel no centro de Seattle desliza o cartão de plástico do outro lado da bancada de mármore. Uma vez que ela retira a mão a uma distância segura, eu chego e pego-a.

— Obrigada.

Olhos para baixo, ela está classificando a papelada criada por meu pagamento. — Então... negócios ou lazer? — o calor nos olhos dela morre quando ela finalmente olha para mim e registra o olhar vazio que estou usando. O sorriso de seu rosto desliza como manteiga de uma faca quente.

— Negócios, — eu digo a ela, porque nada nunca foi mais verdadeiro.

— Ok, bem... Espero que você aproveite sua estadia. — ela olha para o lado assim que ela termina com o script de recepção adequada. Ela não pergunta por que eu vim para um hotel sem malas, ou porque

eu estou apenas reservando por uma noite. Ou por que eu deixei um cartão chave de reserva na recepção para um Sr. Hanson. Ela não pergunta nada disso; ela não deveria. Eli me deu um resumo de como essa coisa vai acontecer, e até agora está quase ao pé da letra. Eu levanto a minha bolsa da mesa e sigo para o elevador, endireitando o meu casaco.

Vinte e dois, vinte e um, vinte, dezenove, dezoito...

Eu assisto os números acenderem um por um. Cada disco, do tamanho de uma moeda de dólar, acende e escurece em sua vez, e o elevador desce, enquanto espero, paciente e sem piscar. Há outras pessoas que esperam pelo elevador chegar. Se este fosse um prédio de escritórios ou um centro comercial, eu tomaria as escadas; espaços fechados não são exatamente os meus melhores amigos, mas uma vez que este hotel tem quarenta e sete andares de altura e eu reservei um quarto no quadragésimo segundo andar, eu vou ter que tolerar a inconveniência de sua presença.

As portas deslizam abertas e eu entro primeiro. Os outros ocupantes do hotel - e quatro empresários – ficam em algum lugar no meio, e eu não quero eles passando por mim enquanto eles saem. É fácil identificá-los como sujeitos de nível médio[1]. Eles estão vestindo ternos cara de nível médio, e todos os quatro deles têm cortes de cabelo cara de nível médio. As suas acomodações estão sendo pagas por um centro de custo financiado por um departamento de contabilidade e departamentos de contabilidade não vão para coberturas. Eles vão para quartos duplos com suítes que têm acesso ao ginásio e não muito mais. Nada de minibar para você, Sr. Corporativo.

As portas do elevador rolam fechadas e eu recuo para dentro, pressionando as costas contra a parede traseira da cabine do elevador. Eu fecho meus olhos, expiro abaixo do meu nariz. Isso tudo vai acabar logo, mas meu coração ainda dança em meu peito do mesmo jeito. O medo de ser presa, do que estou prestes a fazer, é como uma serpente enrolada, pronta e esperando para causar estragos em minhas entranhas.

—Ei, você está bem? Você está parecendo um pouco assustada.

Um deles fala comigo. Ele acha que meu pânico está ligado à viagem de elevador, o que está, mas apenas parcialmente. Ele tem olhos castanhos, uma cor suave e quente que me faz lembrar de chocolate

[1] Se referindo ao meio do hotel, visto que os últimos andares são mais chiques, as famosas coberturas, enquanto que os do meio são mais "acessíveis".

derretido. Ele tem covinhas, também, provavelmente, vinte e três anos mais ou menos, em torno de minha idade. Ele parece bom. O tipo de bom que eu poderia ter namorado uma vez, antes de... antes disso se tornar impossível.

— Estou bem, obrigada, — digo a ele.

— Ótimo. — o cara com olhos de chocolate sorri para mim. — A respiração profunda, por vezes, ajuda a minha irmã. Ela não gosta muito de elevadores também.

Ele é tão doce. Muito mais doce do que eu mereço, considerando o meu propósito aqui hoje. Eu o recompenso com um sorriso aguado - ele sorri de volta - e em seguida, as portas se abrem, e os quatro saem. Eu coloco minhas mãos em meus bolsos para impedi-las de tremer. Eu estou sozinha por dezoito andares, o que é melhor do que estar presa com quatro estranhos, mas ainda não é bom, e então, finalmente, é a minha vez de descer. Este hotel é muito parecido com qualquer outro que eu já me hospedei. A única diferença sobre isso, a única coisa que vai diferenciá-lo de todos os outros em minha memória durante o tempo que eu viver, é que eu estou aqui por uma razão muito específica: ter relações sexuais com um estranho total. E eu estou fazendo isso para encontrar a minha irmãzinha.



Até o momento que eu estou dentro e meu casaco está pendurado ordenadamente no gancho atrás da porta, eu estou muito bem preparada. Eu estou usando o que me foi dito para vestir. Renda preta. Eli, o detetive particular que contratei para me ajudar a encontrar minha irmã, não foi mais específico do que isso. Ele é o único que criou essa coisa toda.

— Às vezes o dinheiro não é suficiente para comprar o que você está procurando, querida. Às vezes leva um pouco mais de persuasão para comprar informações como esta. Lhe digo que eu vou compartilhar o que eu sei em troca de um pequeno favor.

— Que tipo de favor?

— Abra as pernas para um cliente e eu vou lhe dizer tudo o que você precisa saber.

O porco nojento tem a audácia de sorrir. — Ah, vamos lá, Srta. Romera. Não olhe para mim assim. Você quer encontrar a sua irmã, não é?

E no final, eu concordei. Ele estava certo; eu quero encontrar Lex, e eu vou claramente fazer qualquer coisa para fazer isso acontecer. Mesmo que eu nunca seja capaz de viver comigo mesma depois.

Além da lingerie, Eli me disse para trazer algo mais comigo hoje, algo escondido no bolso do meu casaco. Eu tiro e coloco. A máscara é de renda preta com vermelho-sangue e me faz me sentir um pouco mais disfarçada, pelo menos. Eu acendo a luz no banheiro e remexo na minha bolsa pela a única coisa que vai me manter sã durante esta experiência: uma caixa de Valium. Uma das vantagens de ser uma residente de quinto ano é que há sempre alguém disponível para prescrever a medicação quando você precisa dela, sem perguntas. O sedativo não está em meu nome, nunca aparecerá no meu prontuário. Eu tomo um, apenas o suficiente para me manter calma, mas não o suficiente para me deixar sonolenta, e então eu me olho no espelho, fixando minha máscara por baixo do meu cabelo.

Você parece uma merda, Sloane.

Eu me digo isso toda vez que eu olho para um espelho esses dias. Pode ser verdade, mas, novamente, não pode. Eu estive olhando para mim mesma no espelho por tanto tempo agora que o reflexo simplesmente não faz qualquer sentido. Lex sempre foi a bela. Eu sei que tenho um corpo bonito. Eli disse que era a única razão pela qual ele estava disposto a fazer negócio comigo, porque meus seios eram reais e eu tinha uma bela bunda.

Sua altura pode fazer alguns caras desconfortáveis, mas, hey não há muita coisa que você possa fazer sobre isso. Eu me concentro nos anéis escuros sob meus olhos, tentando lembrar que tudo isso é temporário. Não é para sempre. Eu sou uma estudante de medicina depois de tudo. O corpo é apenas uma máquina, cheia de engrenagens e peças complexas tudo passando, trabalhando em harmonia para mantê-lo em movimento. Ter relações sexuais é apenas fazer uso dessa máquina, nada mais.

Você pode fazer isso, Sloane. Você pode fazer isso.

E depois, nem mesmo dois segundos depois...

Lex não iria querer isso para você. Ela não iria querer que você fosse usada e abusada, vendendo-se por tão pouco. Odeio essa voz dentro da minha cabeça. Torna muito difícil justificar eu passar por tudo isso, mas não é como se eu estivesse leiloando meu bem mais precioso por drogas ou dinheiro, ou mesmo fama e fortuna como algumas meninas fazem. Não, eu estou fazendo isso por amor. Amor a Lex. Qualquer irmã faria o mesmo.

Já se passaram seis meses e eu ainda não estou mais perto de encontrar Alexis, e esse realmente parece ser meu último recurso. Eli é esperto - ele me deu apenas informações suficientes para manter minha esperança viva, mas nem de longe o suficiente para arriscar a largar o nosso acordo.

Batida, batida, batida.

— Santa merrrr... — a porta. Eu chupo meu lábio inferior em minha boca, prendendo o palavrão atrás dos meus dentes. Está na hora. Sr. Hanson deve ter pegado a chave com a recepcionista alegre no andar de baixo, mas me disseram para esperar a batida. Deixando-me saber que o cara que eu vou dormir está aqui e eu tenho que esperar no banheiro até que ele venha me pegar. Eu puxo a porta fechada e por um breve segundo, uma onda de medo toma conta de mim. Se eu me trancar aqui e me recusar a sair, quanto tempo ele iria esperar até que ele ficasse chateado e fosse embora? Eu não posso fazer isso, no entanto. Eli nunca iria realizar a sua parte do acordo e, além disso, nada importa mais. Nada disto. É apenas algo que eu tenho que passar.

Eu ouço o bip eletrônico do cartão chave que está sendo aceito na porta, e o barulho da porta sendo destrancada. O silêncio segue depois disso. A borda da pia escava na parte de trás das minhas pernas, enquanto eu permaneço congelada, me apoiando fortemente contra ela, antes que eu me lembre de que eu não deveria fazer isso. Isso vai marcar o meu corpo, e isso é contra as regras, até mesmo marcas temporárias como essa.

Felizmente as drogas começam a fazer efeito, trazendo em mim um sentido silenciado de paz. Uma coisa boa, também, porque quem está lá fora, leva o seu tempo doce em fazer-se em casa. Sem isso, eu estaria à beira de fazer uma corrida quando há uma batida na porta. — Saia agora. Desligue a luz em primeiro lugar, — comanda uma voz. É rude e cheia de cascalho, talvez a voz de um fumante? Caralho. Eu vou

ter que passar as próximas duas horas com a minha língua em uma garganta de um fumante, e então eu vou ter que limpar a minha boca. Eu apaggo a luz e abro a porta, e eu estou perplexa com o que eu vejo.

Nada.

Absolutamente nada. O quarto está escuro como breu.

— Não foi possível encontrar o interruptor de luz?

— Não toque. Apenas venha aqui, — a voz me diz. Ele parece jovem o suficiente, e ele esta sozinho. Não que eu estivesse esperando mais de uma cara, é claro. Eli jurou que seria apenas um cara. E apenas uma vez. Eu passo cautelosamente para a sala, desejando que eu tivesse prestado mais atenção ao local onde os móveis estavam posicionados antes que eu me trancasse no banheiro. Eu toco imediatamente meu dedo do pé em só Deus sabe o que e silvo de dor.

— Você está bem? — há uma nota divertida em sua voz, o que é meio irritante. Que tipo de cara acha engraçado uma menina quebrando os dedos dos pés?

— Bem. Eu não posso ver nada, — murmuro.

— Esse é o ponto, eu acredito. Venha aqui.

Se eu soubesse onde *aqui* estava, eu provavelmente iria. Eu tento de novo, e desta vez eu consigo tropeçar para a cama, sem colidir com qualquer outra coisa. O colchão mergulha quando eu subo nele, me perguntando onde diabos ele está. Eu não estou metade assustada do quanto eu deveria estar. Na verdade, me sinto quase um pouco tonta.

— Sente-se no meio da cama, com as mãos atrás das costas, — ele sussurra. Eu me pergunto se ele vai me amarrar. Isso deveria me incomodar. Me incomodaria em qualquer outro momento.

— Você precisa de um nome? — pergunto a ele; Eli disse que eu deveria perguntar.

Um estrondo baixo, profundo e gutural, quebra o silêncio da sala e eu percebo que ele está rindo. — Você está se oferecendo para me dizer o seu nome *verdadeiro*?

— Eli disse que é contra as regras.

— Então, não. — o colchão mergulha novamente. Ele está se movendo, se aproximando. Seu hálito quente escova em toda a pele do

meu pescoço quando ele fala. — Eu não preciso de você para se chamar de Melody ou Candy ou algum outra merda de nome falso. Nós vamos ser estranhos por um tempo. Isso serve para você?

— Sim, eu... eu acho.

Na escuridão, minha pele está viva. Assim como os meus outros sentidos. Meu nariz continua sussurrando para mim, dicas de hortelã e do oceano. Quem quer que seja, esse cara tem um cheiro incrível. Não é um cheiro de cigarros, não em tudo, o que significa que essa voz... essa voz é cem por cento natural. Estou curiosa sobre ele de forma mais imparcial.

— Você fez isso antes? Assim? — ele me pergunta.

— Nunca. — minha respiração realmente trava na minha garganta. Estou fora do ar de modo que eu mal posso pensar direito, mas a falta de iluminação na sala está fazendo meu coração disparar. Talvez seja porque esse cara poderia ser um serial killer. Ele ainda pode ser um assassino em série com as luzes acesas, mas pelo menos eu teria a chance de ver isso em seus olhos e correr pela minha vida.

O cara misterioso suspira, enviando outro hálito quente em meu peito. Meus mamilos endurecem, embora eu não esteja com frio. Eu nunca passei por isso antes. Nunca. Provavelmente porque eu nunca estive tão perto de um cara antes.

— Coloque as mãos no seu colo, — ele me diz.

Eu faço isso. Eu salto um pouco quando eu sinto sua mão alcançar e tocar minha perna.

— Medo?

— Não.

Ele ri, e é uma coisa cruel e perversa. Suas mãos suavemente trilham até a minha perna até que ele encontra a minha mão, onde seus dedos enrolam em volta do meu pulso.

— Você é mais corajosa do que a maioria das meninas.

— Você faz isso com um monte de garotas?

— Sim.

Bem, pelo menos ele é honesto. Ele levanta minha mão e leva para si mesmo, e sua barba raspa contra a pele sensível do lado de dentro do meu pulso.

— Você cheira a flores. Que perfume você usa?

— Afresia, — digo a ele.

— É limpo. Não muito pesado. Eu gosto.

Que bom que você aprova. Eu me sinto com vontade de rir. Seu nariz escova contra meu pulso e, em seguida, o suave toque dos seus lábios toca minha pele logo depois. Quase não sinto o beijo, suave e gentil, mas eu posso ler muito a partir dele. Seus lábios são cheios e ele é gentil com sua boca. Isso é inesperado. Eu me remexo na cama, querendo saber onde isso vai dar. Aonde a sua boca vai.

— Alguma vez você já pensou sobre como seria ser cega? — ele ressoa.

— Por quê? Você é cego?

— Não. Responda a pergunta.

— Suponho que sim. Às vezes.

Ele guia a minha mão para cima e leva entre as suas, desenrolando os meus dedos para que a palma da minha mão esteja aberta. Ele o faz lentamente, correndo os dedos calejados por toda a extensão da minha própria, e eu não posso ajudar, mas arrepio. É uma coisa muito simples, mas a forma como ele faz isso parece íntimo e considerado, e não apenas pegar e tocar para o inferno disso. Prendo a respiração enquanto ele guia a minha mão de novo, até meus dedos tocarem seu cabelo, e depois para baixo em seu rosto.

— Diga-me o que você acha que eu pareço, — diz ele, sua voz ressoando um grunhido. Ele solta a minha mão, e eu me inclino para frente para alcançá-lo corretamente. Eu chego mais perto, colocando as pernas debaixo da minha bunda para que eu possa me equilibrar corretamente, e então eu levanto a minha outra mão para o rosto dele.

Seu cabelo é curto, um pouco duro por causa de algum produto ele esteja usando; suas feições são fortes, pronunciadas. Sua mandíbula é quadrada, nariz principalmente reto com exceção de um ligeiro achatado na parte perto do cume de sua testa. Seus cílios são surpreendentemente longos, e seus lábios... eu estava certa. Seus lábios são cheios e muito mais suaves do que os lábios de qualquer indivíduo

tem o direito de ser. Especialmente um cara com uma voz como a dele. A partir do formigamento dos meus dedos, eu posso sentir que esse cara tem o rosto de um anjo. Um bárbaro... talvez como um daqueles caras na Babilônia.

— O que você acha? — pergunta ele.

— Eu acho que você provavelmente é muito atraente, — eu admito.

Ele resmunga. — E o resto de mim?

Ele aplica um pouco de pressão para os meus braços para que eles viajem até o seu peito, onde meus dedos tocam a pele lisa e dura ondulando com seus músculos. Seus peitorais se contraem quando minha mão escova levemente sobre eles, e, em seguida, para baixo. Me deparo com três sulcos horizontais em sua pele que não deveriam estar lá, para a direita de seu abdômen espaçados um par de centímetros de distância, e os meus dedos desenham círculos sobre eles, tentando provocar a sua história a partir deles, tentando descobrir de onde eles vieram. Há uma incontável história de violência aqui, escrito nos planos de seu corpo formidável. Ele se remexe um pouco quando eu exploro ele, sondando com um toque de pluma até que eu sigo meu caminho através de seu estômago de tanquinho e até sobre os seus oblíquos. Ele suga uma respiração afiada e tenciona quando eu faço isso, e eu sorrio um pouco. Na verdade, eu *rio*. Esse cara tem cócegas. Ele não ri ou diz para não tocá-lo lá, mas seu corpo se contrai ainda quando eu passo por cima da área mais uma vez para testar a teoria.

Eu me movo para os ombros, que são poderosos e fortes, e passo meus braços ao redor da parte de trás do seu pescoço, sentindo sobre seus ombros. Ele é enorme, mas eu realmente não estou com medo dele. É claro que eu deveria estar, sim, mas eu não estou. O Valium deve ter diminuído meu medo, e, além disso, a forma como eu tinha imaginado isso, o cara ia vir aqui e querer colocar suas mãos sobre mim; ele me tocaria e examinaria cada centímetro de mim, e ele definitivamente ia querer ver o que estava pagando. Até agora, esse cara me tocou com moderação e estava na minha mão.

— E então? — pergunta ele.

— De onde vêm as cicatrizes?

— Eu fui esfaqueado. — ele não pondera sobre se ele vai me responder; ele só é direto e diz.

— Você quase morreu?

— Sim.

— Doeu?

— Sim.

Deixei minhas mãos caírem de seus ombros e encontrei as cicatrizes de novo, uma, duas, três. Elas parecem irregulares e terríveis sob meus dedos.

— O que aconteceu com a pessoa que fez isso com você? — eu quase não quero perguntar. O homem misterioso era irritantemente sincero desde que começamos essa interação bizarra há cinco minutos, e eu tenho medo que a sua resposta vá finalmente colocar o medo que eu deveria sentir, em mim.

— Ele teve o que merecia, — diz ele em voz baixa. Os lençóis da cama farfalham quando ele se move, os músculos do seu estômago contraem sob as minhas mãos; quando ele toca no meu cabelo, enredando os dedos nele, eu ainda estou tentando decidir se ele quer dizer que ele matou quem fez isso com ele.

— Eu sou muito específico sobre o que eu quero. Você precisa fazer o que eu te pedir, sem questionar, e isso vai ser muito bom para nós dois, ok? — ele respira.

A injeção de adrenalina finalmente acende minhas terminações nervosas causando a reação apropriada para a minha situação. No que diabos eu me meti aqui? Com Valium ou sem Valium, eu sei que soou como uma ameaça. Estou na forma certa sobre a minha cabeça, mas há pouco que eu possa fazer sobre isso. Além disso, Alexis. Sempre Alexis. — Eu posso fazer isso, — eu sussurro.

— Bom. Deite de costas.

Eu o solto e de repente eu me sinto como se eu estivesse flutuando no meio de um oceano, me afogando, com nenhuma maneira de me salvar. A parte sensível, inteligente do meu cérebro que ainda se agarra em um vago senso de autopreservação que está gritando que eu provavelmente deveria dar o fora daqui, e pela primeira vez a ira de Eli quase não é suficiente para me manter presa à cama. Mas o pensamento de encontrar Alexis é. Meus músculos estão saltando, prontos para explodir em ação, quando o cara gentilmente segura meu tornozelo direito.

— Será que você se tocou hoje?

O quê?! — O... o que você quer dizer...

— Você já fez a si mesmo gozar hoje? Você já brincou com a sua buceta?

Minhas bochechas aquecem até uma temperatura desconfortável. Ninguém nunca me perguntou isso antes.

—Não. Não, eu... eu não, — eu gaguejo.

— Ótimo. Então seu gosto vai ser muito mais doce. — em vez de colocar os dedos sob o cós de minha calcinha e puxa-las para baixo, ele puxa de lado. Minhas pernas travam quando eu sinto sua respiração quente sobre a minha carne exposta. Eu não tenho certeza do que eu deveria estar fazendo com as mãos. Este é um terreno inexplorado para mim de uma forma muito grande. Quando um cara lhe faz sexo oral, geralmente é porque ele fez algo muito, muito ruim e precisa compensar isso, ou pelo menos é o que Pippa, minha única amiga no mundo, diz. Eu nunca tive um namorado para me tratar mal, em primeiro lugar, então eu nunca tinha experimentado isso de fato.

— Você quer que eu te lamba? — sua voz é ainda mais profunda agora, carregada com a promessa de sexo.

— Eu quero o que você quiser, — eu suspiro. Isso é o que ele está pagando, afinal de contas. Isso é o que vai me ajudar a ter Lex de volta. Ele me agarra duro ao redor do topo da minha perna, apertando até que eu grito.

— Esse não é o jogo que estamos jogando, aqui. Me possua, ou eu vou possuir você. E confie em mim... você não quer isso.

Merda. — S... sim, eu quero que você me lamba.

Ele dá um grunhido satisfeito e imediatamente se move, abrindo caminho entre as minhas pernas. Quando sua língua arremessa para fora e me circula, meus músculos das pernas tencionam. É uma sensação quente e boa. O que no santo inferno? Eu não deveria estar reagindo assim. Constrangimento corre em minhas bochechas. Que tipo de pessoa eu sou, desfrutando de um completo estranho me dando um sexo oral? E nestas circunstâncias? Eu não posso evitar, no entanto. Todo o meu corpo parece que está sendo acariciado.

Sua língua se move habilmente, aplicando uma pressão sutil no meu clitóris, acariciando de cima abaixo em um padrão rítmico que

envia ondas de calor batendo em mim. Eu só estou deixando ir, deixando a tensão em meus braços e pernas relaxar, quando ele deixa de bater a língua e chupa.

— *Porra!*

Ele não para. Ele rosna quando eu empurro de volta contra ele, balançando em sua boca descaradamente.

Eu nunca senti nada assim antes. É uma sensação incrível. Estou ofegante e gemendo como um animal quando ele se afasta, passando as mãos nos topos dos meus joelhos, para baixo no interior das minhas coxas para a minha calcinha. Ele a arranca em um movimento rápido.

— O quanto você quer que eu te foda?

Eu não estou aqui porque eu *quero* transar com ele, mas é o meu trabalho fazê-lo *pensar* que eu faço; ainda que as linhas entre atuar e a verdade estejam turvas quando eu murmuro, — Realmente muito. Eu quero você muito.

— Abra suas pernas, — ele comanda. Eu as espalho, querendo saber o que está por vir. O quarto é como um vazio negro, tão escuro que não pode mesmo fazer a sombra dele enquanto ele se move rapidamente ao redor da cama. Ouço um zíper sendo aberto e, em seguida, o barulho de metal, como um cinto sendo desfeito. Chupando meu lábio inferior em minha boca, eu espero por ele fazer o que ele está prestes a fazer, preocupação misturada com a minha curiosidade. Ele prende a minha perna esquerda primeiro, com uma cinta ou algo grande e apertado em torno dela e, em seguida, fixa à cama. Minha perna direita é a próxima, e, em seguida, ele cuidadosamente faz o mesmo com os meus pulsos. Estou como uma estrela do mar na cama e completamente vulnerável. Suas amarras não são do tipo para fazer show; elas são do tipo feito para impedir pessoas de fugirem, e eu tenho certeza que eu não vou a lugar nenhum. Seis meses atrás, eu poderia ter feito uma oração. Agora eu só choramingo, meio de medo e meio de antecipação.

Ele sobe em cima da cama, ajoelhando ao meu lado, sua respiração ainda está me tocando toda. Eu fico tensa quando eu sinto algo frio e duro sendo imprensado contra a pele do meu estômago.

— Você ainda é uma menina corajosa?

— Sim, — eu exalo.

Ele não responde ou me diz o que ele vai fazer. O frio, objeto cortante que ele está inclinando em minha pele desloca-se lentamente para cima até que esteja diretamente sob os meus seios. Eu suspiro golfada após golfada de ar em meus pulmões, tentando ficar quieta, porque eu sei o que é que ele tem na mão: é uma faca. Uma faca afiada pra caralho.

Seu dedo levanta meu sutiã no meio, e, em seguida, em um único golpe limpo, ele salta aberto, liberando meus seios. Ele cortou através do meu sutiã! Isto é o mais exposta, apavorada, eufórica que eu já me senti. Meu homem misterioso se escarrancha sobre mim, e o material de suas calças, áspero, desliza contra os meus lados. Ele coloca a borda lisa, fria de sua faca contra meu mamilo direito, o que envia um choque de pânico através de mim.

— Não se mova, — ele sussurra. Eu não me mexo. Eu estou mais quieta possível. Ele se inclina e me toca, sua mão finalmente encontra meu peito. — Você é tão perfeita, — ele respira. — Tão bem comportada. — e então sua boca está no meu mamilo, lambendo e chupando, mais quente do que qualquer coisa que eu já senti antes. Minhas costas arqueiam para fora da cama, e ele ri.

— Você me quer dentro de você?

— Sim.

— Tem certeza? Tenha cuidado com o que deseja.

Eu desejo a morte diariamente. Eu desejo a dor e o sofrimento, sangue e miséria sobre as cabeças daqueles que levaram minha irmã. Desejo por esse sentimento pode ser perigoso, mas de alguma forma, pode ser mais seguro do que tudo, ao mesmo tempo. Ele queria me possuir, e apesar do fato de que ele me amarrou agora, eu ainda acho que é isso que ele quer. Eu desejo, esperando que isso seja a coisa certa, e eu exijo, — Faça isso. Foda-me agora. Não me faça esperar mais.

A faca desaparece da minha pele. Ele se desloca para fora da cama, e eu o escuto desfazer suas calças; escorregando-as fora; o assobio dele jogando algo duro sobre algo macio. Pânico canta por mim novamente quando eu escuto outra fivela.

— Pronta?

Não há como voltar atrás agora. — Estou pronta.

E ele faz algo que eu ainda não tinha considerado. Nem mesmo por um segundo. Ele enfia um laço de couro sobre a minha cabeça - seu cinto - apertado. Eu estou em apuros agora.

— Abra sua boca.

— Eu...

— Faça isso. — o tom de sua voz é firme, mas suave ao mesmo tempo. Ele coloca uma mão no lado do meu rosto, um gesto tranquilizador, como se dissesse - *isto é assustador agora, mas confie em mim*. Confiar nele? Eu estaria completamente louca para confiar nele. E ainda assim eu faço o que ele me diz para fazer. Ele empurra para frente e coloca seu pênis na minha boca. Eu nunca fiz isso antes, então estou basicamente perguntando o que diabos eu tenho que fazer agora. Ele está duro com um gosto limpo e ligeiramente almiscarado... e ele é enorme. Eu mal posso ajustar ele dentro da minha boca. Posso dizer que ele só coloca a metade do comprimento dele dentro antes que ele bata no fundo da minha garganta.

— Merda! — ele assobia quando eu o chupo, formando um vácuo em torno dele. Acho que estou fazendo isso direito. Seus quadris balançam para trás e ele desliza para fora da minha boca, causando um barulho de estalo molhado.

— Ainda acha que você me quer dentro de você? — ele sabe o quão grande ele é; ele é fodidamente presunçoso sobre isso. Isso vai doer muito, mas eu não quero que ele perceba que eu sou virgem. Mesmo que Eli não saiba dessa parte. Tenho certeza que ele teria cobrado deste cara muito mais se ele soubesse, e o pensamento apenas revira o meu estômago.

— Sim, — eu digo a ele. — Sim, eu quero você.

— Bom. Mas vamos fazer isso em primeiro lugar. — ele pega um punhado do meu cabelo e levanta a minha cabeça para mais perto dele, e em seguida, ele empurra de volta para dentro da minha boca, empurrando dentro e fora, enquanto aplica uma pressão suave na parte de trás da minha cabeça. Eu me contorço na cama, me surpreendendo com o quanto isso me excita. Estou chocada quando ele puxa o cinto, no entanto.

Muito chocada.

Meus olhos, mesmo no escuro, veem estrelas. Eu mal posso respirar com minha traqueia cortada e seu pênis pulsando dentro e fora da minha boca.

— Fique comigo, ok? — ele resmunga.

Medo e emoção fluem no meu estômago. É o mesmo tipo de sensação que eu costumava ter quando eu era criança esperando andar na montanha-russa, só que amplificado mil vezes. E muito mais assustador. Entre minhas pernas, minha buceta aperta quando ele trabalha os quadris para trás e para frente, mantendo apenas a tensão suficiente no cinto para que eu possa arrastar a menor quantidade de oxigênio em meus pulmões.

Ele treme quando sua ereção endurece ainda mais. Se ele não parar agora, eu acho que sei o que vai acontecer. Mas ele para. Respirando pesadamente, ele se retira e cai ao lado da cama, facilitando os dedos por baixo do cinto o afrouxando. Seu rosto está tão perto do meu, eu posso sentir o intenso poder de seu olhar quando ele olha para mim no escuro. Eu ainda não consigo ver uma coisa, mas talvez ele tenha uma melhor visão noturna do que eu.

— Sua boca é perfeita, — ele sussurra. E então ele faz duas coisas que me surpreendem. Em primeiro lugar, de uma forma muito reverente, ele esfrega a mão contra a minha pele encharcada de suor, varrendo meu cabelo do meu rosto. E, em seguida, em segundo lugar, ele coloca o beijo suave contra minha testa.

— Por ser uma boa menina, eu vou fazer você gozar agora, — ele respira. Um tremor de antecipação brilha em toda a minha pele, e ele ri.

— Você está sendo uma menina muito boa.

Ele sobe na cama e se posiciona, enganchando os braços debaixo dos meus quadris, me levantando para encontrá-lo. A posição é desconfortável com os meus tornozelos ainda ligados à cama, mas todos os pensamentos do meu desconforto são esquecidos quando ele enterra o rosto entre as minhas pernas e começa a chupar meu clitóris novamente.

— Ahhh!

A sensação é demais. Eu posso me sentir subindo, subindo mais e mais quando uma sensação estranha, incompreensível constrói entre

as minhas pernas. Ela se desenrola em choques suaves e percorrem todo o meu corpo, crescendo cada vez mais intenso.

Eu estou gritando. Gritos ininteligíveis. Eu grito para Deus, mas eu duvido que ele iria aprovar esta situação agora, e não tenho ideia de quem é esse cara, então não posso gritar para ele, também. Eu só grito para mim e para os fogos de artifício explodindo dentro de minha cabeça, o inferno lambendo a minha pele, me queimando para fora, me deixando oca e gasta. Eu caio, tremendo quando ele continua a passar a língua sobre o meu clitóris.

— Pare, pare, por favor, — eu dou um grunhido.

— Mmm, tão egoísta, — ele sussurra em minha buceta, me fazendo apertar. — Não se esqueça. É a minha vez. — ele brinca em torno, para um momento - um preservativo? Porra, eu espero que isso seja um preservativo. E então ele cai em meus quadris e empurra em mim em um movimento fluido, com as mãos apertadas na minha pélvis, me prendendo.

Oh... meu...

A dor é quase paralisante. Uma sensação de desconforto, um acúmulo de pressão e, em seguida, um ardor, me permite saber que isso esta feito. Ele para.

— O quê? — ele inspira profundamente. Espira. — Você provavelmente não deveria ter mantido isso de mim, — diz ele em voz baixa. Ele suspira, como se ele estivesse desapontado comigo, o que é muito confuso.

— Você está pronta? — pergunta ele.

Minha voz é um sussurro fraco quando eu respondo, — Sim.

— Tente relaxar. — Ele me enche, me estica, me faz completa. Ele começa lentamente, mais suave do que eu acho que ele teria feito se ele não tivesse me deflorado. Depois de um tempo a dor diminui, gradualmente transformada até que eu já não enrijeço a cada estocada, mas me inclino para ele. No final, ele está me fodendo como um trem de carga - imparável e cru com a necessidade. Ele goza com tanta força, que ele praticamente ruge.

Eu não, é claro. É a minha primeira vez, e a dor praticamente compensou o prazer. Minha mente está muito embaçada para entender o que está acontecendo quando ele desce de cima de mim e desliza para baixo do meu corpo. Seus lábios acariciam o interior da minha coxa, e

eu tremo quando seus dedos cuidadosamente traçam por cima do meu núcleo. O toque não é projetado para me excitar - é mais um pedido de desculpas. Ele se move no escuro, desamarrando meus pulsos, meus tornozelos.

— Você gosta disso? — ele grunhi, e a sua voz profunda faz minha pernas apertarem juntas.

— Sim, eu... eu gosto. — a coisa mais surpreendente, a coisa que mais me faz doente, é que eu estou dizendo a verdade. O que diabos há de errado comigo?

Ele resmunga, desenroscando o cinto ao redor do meu pescoço. A liberação de pressão me faz sentir como se eu estivesse flutuando dois pés fora da cama.

Estou imóvel quando ele embala suas coisas. Eu posso senti-lo ao meu lado puxando suas roupas. Então, quando ele está vestido, ele fica ao lado da cama, olhando para baixo em mim. Ele escova os dedos contra minha bochecha novamente, tão suave que quase não é um toque em tudo.

— Vejo você por ai. — ele se dirige para a porta, e a luz do corredor quase divide meu crânio em pedaços quando ele abre a porta. E aí meu homem misterioso faz uma pausa, e eu pega o primeiro e único vislumbre dele que eu vou conseguir. Vestindo uma jaqueta de couro desgastada, de costas para mim, uma mochila preta na mão direita, ele inclina a cabeça para o seu ombro. Ele não olha de volta para mim. Ele paira lá tempo suficiente para eu distinguir a silhueta de seu perfil, o seu escuro cabelo despenteado, a careta em seus lábios cheios.

E então ele se vai.

Eu nunca descobri o nome dele.

Capítulo Dois

SLOANE

Eli não está atendendo telefone. Eu tenho ligado por três dias, e - Eli, nojento, manipulador e mentiroso Eli - não atende o telefone. Eu só estive em seu escritório de investigação particular uma vez, um escuro, deprimente estúdio em cima de uma loja de bebidas em Ranier Valley que cheirava a comida chinesa velha. Eu pulei turnos no hospital esta manhã para que eu possa descobrir o que diabos está acontecendo. Uma pequena parte de mim está ficando louca desde que deixei aquele quarto de hotel.

Você é uma idiota estúpida. Ele enganou você. Você dormiu com um completo estranho, deu uma parte de si mesma que você nunca vai ter de volta. Nunca. E, agora, o quê?

E, agora, o quê? Eu só terei uma resposta para essa pergunta uma vez que eu falar com Eli.

As escadas até seu escritório estão escorregadias com pedaços de gelo. Passo com o maior cuidado, prendendo a respiração enquanto eu subo cada degrau. Seu carro de merda está estacionado no estacionamento abaixo, então eu sei que ele esta aqui. Eu só não sei o que eu vou dizer a ele. Mal posso ameaçar ir à polícia se ele não me der as informações que ele me prometeu. Isso não iria funcionar, eu não tenho nada, nem uma prova de que eu tenho um acordo com ele e, além disso, Eli é um investigador particular. Será que a polícia ainda levaria a minha palavra sobre a sua?

Eu vou em frente, sabendo que se eu bater eu só vou me acovardar e correr. Eu começo a falar, e logo vejo o homem sentado na cadeira.

— Que diabos, Eli eu tenho ligado... — minha língua fica presa no céu da boca, meu cérebro para de funcionar. Isso não pode estar acontecendo. — Oh... oh meu Deus.

O cheiro me bate primeiro. Oh Deus, o cheiro. Tento respirar pelo nariz, mas o ar, na verdade, machuca meu nariz. Eu cubro meu rosto com as mãos, tentando processar a cena em frente de mim. Eli era um grande homem antes, mas agora seu estômago distendido esta inchado em proporções obscenas, pressionado contra sua escrivaninha. Eu testemunhei a mesma coisa antes nos meus turnos como residente, principalmente no necrotério. Inchaço. Tudo isso é gás e bactérias querendo sair, e pela aparência das coisas, isso vai acontecer, mais cedo ou mais tarde.

Eli não respondeu às minhas chamadas telefônicas pelos últimos três dias, porque ele está *morto*. Seu escritório parece que alguém ficou bem louco, tudo coberto de sangue aqui. Ele cobre as paredes e sua mesa está seco e encrustado no tapete já manchado. A boca de Eli esta aberta em um bocejo sombrio, os olhos revirados em sua cabeça. Sua pele é de uma cor cinza doentia em todos os lugares para além de suas mãos. Elas descansam em sua mesa, seus dedos tingidos de roxo-preto por causa de todo o sangue que se coagulou em suas palmas.

Estou chorando na hora que eu finalmente recupero o controle do meu corpo o suficiente para andar para a sala corretamente e fico na frente do homem que me arrancou fora a minha virgindade. Não porque eu me sinto mal por Eli estar morto. Não, eu tenho sentimentos razoavelmente positivos sobre o fato de que ele foi esfaqueado até a morte com seu próprio abridor de carta (ainda saindo de seu peito). Estou chorando porque ele está *morto*. Ele nunca vai ser capaz de me dizer onde Alexis está agora. Eu nunca vou saber se ele estava dizendo a verdade. Se ela está mesmo viva.

Mas não, não pode ser apenas isso. Não pode ser mais assim. Tem que haver alguma coisa aqui, tem que haver alguma maneira de descobrir o que ele ia me dizer. Minha mente trava quando eu percebo o que eu vou ter que fazer. Eu vi coisas muito piores do que o corpo de Eli morto, mas não é a brutalidade que me faz sentir como se eu fosse desmaiar. É a minha raiva. Estou tão irritada, tão enganada, tão furiosa que eu tenho medo do que eu poderia fazer se eu tivesse que chegar perto dele. Eu certamente não poderia ser presa por esfaqueá-lo novamente, pois ele já está morto, mas ainda assim, eu não quero nem uma gota do sangue de um homem morto em minhas mãos.

Eu chupo em uma golfada de ar e então eu dou um passo relutante para frente. Eu só preciso passar por isso, por Alexis. Isso tudo é por Alexis. Talvez ele mantivesse as informações em um arquivo

em algum lugar. Isso é algo que um investigador pessoal normal faria, certo? Eli era mais do que um IP (investigador particular), no entanto.

Ele também era um cafetão e traficante. Administrar provavelmente não estava muito elevado em sua lista de prioridades. Eu estou quase vomitando quando eu faço o meu caminho através da devastação de seu escritório, escalando sobre uma cadeira jogada para chegar ao pequeno armário de três gavetas em seus arquivos. Não está trancado. A primeira gaveta está severamente prejudicada, como se alguém tivesse usado um pé de cabra para abrir. No interior, existem arquivos. Meu coração sobe quando puxo um arquivo no meio e encontro um marcado com o nome da minha irmã: *Alexis Romera. Pessoa desaparecida*. Com os dedos trêmulos eu puxo a coisa fora do armário e quase afundo até os joelhos. Eu vejo imediatamente que ele está vazio. Não há nada dentro, nem uma única folha de papel.

— Não, não, não, vamos lá!

Os outros arquivos têm todas as papeladas dentro deles. Informação regulares sobre fianças e traições de cônjuges. É só o de Lex que está vazio. Que porra é essa? Não há nenhum documento sobre a mesa de Eli ou no chão. Não tem gavetas ocultas que poderiam conter a informação que eu estou procurando. Ela se foi.

Alguém pegou, e eu não tenho ideia de quem seja. De repente eu não posso segurar mais. Eu me inclino para frente e os últimos três dias, finalmente, têm o seu preço. Eu vomito, vomito meu escasso café da manhã de torradas e suco de laranja tão violentamente que machuca a minha garganta.

Estou chorando quando eu deixo o escritório de Eli. Eu me sinto inútil. Assim, sem poder. Fraca.

— Eu sinto muito, Lex. Sinto muito... — ela não pode me ouvir, mas eu tenho que dizer as palavras. Admiti-las em voz alta me faz querer por pra fora ao invés de escondê-las dentro do meu peito, me deixando queimar de dentro para fora. Eu a decepcionei. Toda a esperança de encontrá-la se foi. A pior parte de reconhecer isso é o alívio. Sai de mim com um único suspiro, correndo da minha cabeça aos meus pés. Não há nada mais que eu possa fazer. A responsabilidade não é mais minha. Eu sou a pior das pessoas. Eu nem sequer me preocupo em informar a morte de Eli.

Eu o deixo lá para apodrecer.

Capítulo Três

ZETH

Dois anos depois

— Você é um ser humano vergonhoso. — a risada de Lacey está me irritando pra caralho esta manhã.

Ela está me incomodando o dia todo sobre as duas meninas que eu trouxe para casa ontem à noite, em seguida, as chutei para fora prontamente às três da manhã, quando tinha terminado com *elas*. A mulher só não sabe quando calar a boca. Nós estamos presos no carro pelos últimos 20 minutos, e 20 minutos no carro com Lacey é basicamente 20 minutos no inferno.

— Que tal nós não falarmos mais por enquanto, hein, Lace?

— Que tal me dizer o que esse cara tem feito e eu vou fechar minha matraca? — isso soa como uma troca justa. Lacey é pequena. Ela estava desnutrida quando era criança e não chegou a obter os nutrientes de que precisava para crescer, o que significa que sua cabeça quase bate próxima ao meu peito. Seu cabelo longo, loiro, é liso, e os olhos azuis pálidos lhe dão um olhar angelical, mas a maldita garota não é.

Eu a deixei em sua casa hoje, mas ela não é uma fã de sua própria companhia. Muita merda vai para baixo quando ela é deixada em seus próprios termos e uma viagem para o hospital é a última coisa que eu preciso hoje à noite. Não depois do que eu fiz e o que eu estou prestes a fazer.

— Frankie tem sido ruim. Isso é tudo o que você precisa saber.

— Quando Frankie não é ruim? — Lace faz uma careta. Ela e Frankie foderam algumas vezes, antes dela aparecer na minha porta como um gato de rua e se recusar a sair. Desde então, ela tem sido

mais focada em presas delicadas, ou seja, fêmeas da mesma espécie. Na maioria das vezes, eu tenho que ter cuidado com as mulheres que eu levo de volta para o armazém. Eu as deixo fora da minha vista por dez minutos, e Lace têm suas calcinhas em torno de seus tornozelos e está com o rosto enterrado entre as suas coxas. A menina não conhece limites.

Mas de qualquer maneira, acho que ela ainda tem algum tipo de coisa por Frankie. Ela ficou em silêncio por um momento, quando eu disse a ela onde estávamos indo e isso não acontece com muita frequência.

— Só não cause uma cena, ok? Espere no carro, como você disse. Vão ser cinco minutos no máximo. — a verdade é que, eu não tenho ideia do que Frankie tenha feito. Tudo que eu sei é que eu fui convocado a lhe fazer uma visita, e isso só acontece quando alguém está totalmente fodido.

Charlie não é exatamente um homem tolerante, mas ele só traz seus brinquedos mais caros para o seus problemas mais dispendiosos. Perder um pagamento de um empréstimo? Charlie envia Sam para se livrar de algumas garras. Perder um carregamento de cocaína com o valor equivalente de uma casa de cinco quartos e você recebe uma visita minha. Horses for courses[2], é o que Charlie diz.

Nós puxamos para fora na Monterello Farm Markets e eu bato com a alavanca de câmbio em ponto morto. Está chovendo. Surpresa fodida surpresa. Bem-vindo a Seattle. O para-brisa fica opaco, atingido por pingos de chuva, logo que os limpadores param. Por um momento, é só eu e Lace dentro do nosso próprio pequeno, confuso mundo. — Você está me ouvindo, certo? Fique no carro.

Ela me dá a saudação dos escoteiros com três dedos - o que geralmente significa que ela não está se sentindo bem com tudo isso, mas não quer discutir. — Entendido, chefe.

Ela me chama assim desde o dia em que eu comecei a lhe pagar para lavar o meu dinheiro para mim. Eu poderia ter contratado os judeus para fazê-lo, mas eles já são ricos o suficiente. Além disso, Lacey precisa de um propósito, mesmo que seja um ilegal.

— Volto logo. — eu salto para fora do carro, recolhendo a mochila preta do banco de trás do Camaro e me dirijo para Monterello sem olhar

[2] Não faz muito sentido em português, mas o significado desse ditado quer dizer algo do tipo que você tem que escolher as pessoas certas para realizarem certos tipos de negócios.

para trás. Eu duvido que Lace vai me desobedecer hoje, de qualquer maneira, a chuva iria destruir seu cabelo perfeitamente reto. Ela realmente é uma fodida garota assim que eu sei.

No interior, Archie Monterello, irmão de Frankie, está atrás de um balcão duplo para uma velha encurvada de costas com o seu cabelo branco perfeitamente estiloso. Provavelmente uma peruca. Ele deixa cair o saco quando ele me vê, tomates saltam para fora em cima do balcão e rolam para longe.

— Frankie não está aqui hoje, Zeth. Ele está fora do estado com Cindy.

Ignoro o garoto. Ele é pago (mal) para manter a frente da loja com uma fachada respeitável, crível, se você quiser, e isso inclui executar uma interferência quando um membro da família está em apuros.

Parece que eu sou esperado.

Eu vou direto para as portas giratórias para a parte traseira da loja, enquanto Archie se arrasta sobre o balcão, avental verde torcido por cima do ombro. — Zeth, eu quero dizer isso, cara. Frankie não está aqui.

Mas quando eu bato na porta do escritório escondido lá atrás, Frankie definitivamente está aqui. Sua velha esposa drogada está de joelhos, dando a ele um bom boquete. O vestido listrado de preto e branco que ela está usando sobe tão alto que eu posso ver suas nádegas. O olhar de surpresa no rosto de Frankie não tem preço, ele esta tão atordoado que leva um minuto para dar um tapa no ombro de Cindy. Demora mais de um minuto para cabeça parar de balançar.

— Coloque o seu pau longe, Frankie. Estamos indo conversar. A última coisa que eu preciso ver logo após o jantar é um pinto italiano. — eu reviro os olhos para o teto enquanto ele fecha a calça. Cindy está de pé, uma das mãos a equilibrando na mesa de Frankie, e a outra mão puxando o vestido para baixo. Seus olhos estão vermelhos, totalmente vagos. Em outras palavras, ela está chapada.

— Que porra você acha que está fazendo, Zeth? Você não pode simplesmente entrar aqui sempre que você sentir necessidade, sabe?

Seu marido dá um tapa nas costas de sua perna. — Cuidado com a boca, vadia. Tenha cuidado como você fala com os meus colegas de trabalho. — ele poderia muito bem ter jogado um balde de água sobre ela. Uma centelha de vida reacende em seus olhos.

— Vá se foder, Frankie. Tenho coisas melhores para fazer do que ficar por aí te defendendo o dia todo.

— Você estava de joelhos, se bem me lembro. Agora sai daqui. Zeth e eu temos que conversar. — ou ele não tem ideia do porque eu estou aqui ou ele está tentando me agradar. Não importa. Não há nenhum motivo em falar doce comigo, nenhum ponto em me bajular. Eu enrolo o lábio quando Cindy passa tempestuosamente fora do escritório. Seu ombro bate em mim, e eu levanto uma sobrancelha para Frankie.

— Atitude ruim, — digo a ele.

— Tudo ruim, — ele responde. Frankie e Cindy eram como Bonnie e Clyde, há dez anos, mas agora ele é um mulherengo e ela é uma prostituta viciada. Frank ainda tem sua aparência, embora, essa é a única razão que Lacey olhou para ele duas vezes. Ela é superficial assim. É parte do seu charme. Frankie se recosta na cadeira de couro, me olhando.

— Você sabe por que você recebeu este bilhete, Zeth? — pergunta ele.

— Eu deveria?

Frankie dá de ombros. — A maioria das vezes as pessoas sabem por que estão matando um homem.

Então ele sabe por que estou aqui. Não me surpreende, você não erra com Charlie deste jeito sem saber que você vai colher as consequências. — Eu não sou o que você consideraria... do círculo mais íntimo. Recebo um endereço e algumas instruções, nada mais.

— E uma mala cheia de dinheiro, também, certo?

É a minha vez de dar de ombros. Nenhum ponto em ser tímido.

— Certo.

— Bem, que tal eu lhe oferecer duas malas cheias de dinheiro em vez disso, Zeth? Contratar você para ir de volta de onde você veio e colocar um fim nessa história de uma vez por todas?

— Você quer me contratar para matar Charlie?

— Por que não? — Frankie é um filho da puta composto. Ele é mais rico do que Deus – a década de oitenta pode ter passado a muito tempo, mas a cocaína ainda é a droga da escolha de Seattle - e eu

duvido que esta é a primeira vez que ele se ofereceu para comprar o seu caminho de alguém para boas graças. Sem dúvida, ele nunca teve qualquer um para dizer não antes, no entanto. Veja, a coisa é que eu não tenho boas graças. E eu não preciso do dinheiro dele. Eu despejo a mochila que eu ainda estou levando para a mesa. A descompacto. Puxo minha coisa de costume - meu espanador[3].

Frankie ainda não está piscando. O filho da puta deve ter bolas de ferro. — Eu sou homem de Charlie, você sabe, Frank. Agora, eu tenho outros trabalhos para fazer esta noite. Vamos arrumar essas pontas soltas, hein?

A razão para a calma de Frankie aparece na sua mão em uma fração de segundo depois. O merdinha tem uma arma apontada para mim em sua mesa o tempo todo. Desert Eagle calibre 50. Legal. Ele a mantém na altura do ombro, a segurando alta. — Que vergonha você não apenas fazer o trabalho para mim. Charlie tem usado este lugar como chão por anos. Tempo para ele seguir em frente, se você me entende. E é tempo de você sair agora, ok?

Eu tive um monte de armas apontadas para mim ao longo dos anos. A intenção de um homem está sempre ali, brilhando em seus olhos, para ser lido como as páginas de um livro. Alguns deles só querem assustá-lo o suficiente para você recuar, alguns deles estão tão desesperados na tentativa de esconder seu próprio medo que se esquecem de fazer você acreditar o que *significa* isso. Você tem que dizer isso. E alguns deles são tubarões. Pedras geladas. Pessoas que puxaram o gatilho incontáveis vezes antes, e não pensam duas vezes.

Frankie, o desgraçado, é um tubarão.

Eu nunca teria o chamado disso. Eu aperto meus dedos ao redor do espanador, olhando para o meu punho. Há pouco a ser feito sobre isso agora. As coisas vão acontecer do jeito que elas foram feitas para acontecer. — Suponho que é aqui e agora que você atira em mim, então?

— Eu suponho que seja, — ele responde.

Alguém, em algum lugar, disse algo que eu me senti compelido a ter tatuado em meu peito quando eu estava bêbado uma vez: *Por aí vai.* Eu sei que foi Billy Pilgrim da Vonnegut's Slaughter House Five, mas eu frequentemente fingia que não. Isso significaria admitir o fato de que eu realmente li algo no colegial antes de sair. Mas não importa. Quando

[3] Se refere ao que ele usa para "limpar" os idiotas.

a bala corta no ar, percebo como absolutamente fodidamente perfeita aquela fala é. Então, lá vai. Há algo tão inevitável sobre eu levar um tiro aqui esta noite. Algo tão evidente e intocado, tudo ao mesmo tempo.

Dor ricocheteia pelo meu corpo como um quente, lance limpo. A bala me bate no peito, duas polegadas abaixo da minha clavícula... e basta dizer, dói como uma cadela. Frankie parece atordoado que eu ainda estou pé. Se eu fosse ele, eu já teria atirado mais cinco vezes e esvaziado o clipe só para ter certeza que eu estava morto. O fodido vai desejar sua morte. Eu me lanço sobre a mesa e agarro a arma de sua mão, rasgando-a livre de seu aperto.

— Um grande erro, Frankie. Grande erro. — eu levanto minha mão trazendo de volta para baixo em seu rosto com uma força brutal. O metal esmaga ossos, pele e músculo, não é algo que eu nunca ficaria acostumado, mas em ocasiões como esta, está me permito apreciá-lo um pouco. Só um pouco. Temos que tentar e desfrutar do nosso trabalho, afinal de contas, e a dor sempre desperta o meu lado negro.

A cabeça de Frankie rola de volta quando eu bato meu punho em seu rosto, uma e outra e outra vez. Minhas mãos, camiseta, jaqueta, calça jeans, tudo está coberto de sangue no momento em que o cara cai pra trás. Estou rindo histericamente quando bolhas de sangue saem em seus lábios.

— Não foi minha culpa, — ele resmunga. Seus dentes quebrados agora fazem as palavras um pouco abafadas, mas tenho a essência.

— Você tranca as pessoas dentro de um contêiner lacrado por três dias... eles vão m... morrer, Zeth. Como... como isso é minha culpa?

Os burritos que eu comi uma hora atrás começam a borbulhar no meu estômago. Que diabos ele está falando? Eu levanto minha mão para esmagá-la em sua boca novamente, mas eu não posso. Isso... essa porra é apenas perfeita. — Que pessoas?

— As que Charlie vem trazendo através das docas. Garotas. Meninas em con... contêineres. — deixo Frankie ir. Meninas em contêineres? Charlie me prometeu a dois anos que ele não traficava meninas. Drogas e armas, sim, mas ele jurou nada de comércio humano. — Pra que ele está levando essas meninas? — eu seguro a minha mão para o meu ombro, estremecendo através da dor. Está crescendo agora que eu não a estou infligindo em outra pessoa.

— Para o que você acha? — Frankie diz. — Ele ganha vinte mil por cabeça se ele puder provar que elas ainda estão... ainda estão intactas. — ele engasga com o sangue na boca, ele está derramando por seu queixo, pingando sobre a camisa arruinada.

— Você está mentindo.

— Eu não, — ele diz, e eu acredito nele.

Porra.

Charlie é o único que tem mentido para mim todo esse tempo. Uma parte de mim quer acreditar que este é um novo negócio, mas eu conheço o meu chefe. Ele tem um maldito grau, mestrado e doutorado em mentir. Especialmente quando se trata de dinheiro. De jeito nenhum ele deixaria passar vinte mil dólares por alguma criança que ele poderia ter arrancado na rua. Minha cabeça gira, anestesiada e desorientada com a dor da bala alojada no ombro. Através da névoa que abranda minha mente, eu ainda penso nisso, apesar de tudo. Isso significava que eu tinha razão sobre a menina? Isso significava que Charlie tinha levado a irmã da menina quase três anos atrás?

A primeira vez que eu vi *ela*, ela estava trabalhando no turno da noite no hospital. Meu tio de merda tinha apenas completado oitenta e seis anos – o que não funcionou tão bem. Por ter oitenta e seis você deve ter um pré-requisito em ser enterrado a oito pés para baixo ou sete palmos abaixo em vez de ser jogado fora de um carro em movimento ao lado da autoestrada. Sobrou para eu identificar o corpo. Bem, o que restava dele. Sloane era um pássaro quebrado, eu poderia dizer. Linda de uma forma discreta, olhos castanhos luminosos, cabelo marrom ondulado. Foi a luta em seus olhos que havia me capturado, no entanto. Capturado e me encantado no espaço de dez segundos. Nós ficamos cara a cara no corredor enquanto esperávamos o elevador, e seus olhos se encontraram com os meus. Eu senti como se tivesse sendo estripado de esterno a esterno, e todo o tempo eu sabia que ela não estava me vendo em tudo. Ela estava vendo algum horror distante que eu só podia adivinhar. E eu não gostava de adivinhação.

Eu tinha feito o meu negócio para descobrir tudo o que havia para saber sobre ela, que foi quando eu descobri que sua irmã tinha desaparecido. Apenas arrancada da beira da estrada, com apenas dezoito anos de idade. A família de Sloane era cristã de coração – anéis de promessa, hinos, todos os domingos, nenhuma maldição, nada de bebida. Exceto quando sua irmã tinha sido sequestrada, Sloane tinha parado de ir à igreja. Não usava mais a cruz que eu sabia que sua mãe

lhe dera. Ela desistiu de acreditar, porque era muito difícil manter sua fé viva quando algo tão terrível tinha marcado sua vida.

E, em seguida, em cima de todo o resto, e de acordo com o filho da puta realmente vil que eu sou, eu tinha tirado sua virgindade.

Eu descobri que Eli Harris estava subornando ela quando ele apareceu para pagar suas dívidas com Charlie. Ele tinha se gabado sobre o comércio que ele tinha feito com ela quando ele entregou o dinheiro de proteção que ele pagava a cada mês para garantir que Sammy e os meninos não estragassem o seu negócio. O bastardo doente achou hilário que ele estava prestes a vender sua bunda pelo maior lance, um cara que eu conhecia a reputação. O cara que gostava de bater em suas mulheres até ficarem pretas e azuis, enquanto ele as fodia. Eu paguei muito dinheiro para tomar o seu lugar, o dinheiro da proteção do mês de Eli, e, em seguida, eu tinha feito Eli derramar tudo, tudo o que ele sabia sobre o desaparecimento de Alexis Romera. O cafetão tinha dito que Charlie sabia de tudo. Eu não tinha acreditado nele. Eu o matei por dizer essas palavras, e Charlie pareceu mortalmente ofendido quando eu o tinha confrontado sobre isso.

Você me conhece melhor do que isso, filho. Eu estou em algumas transações questionáveis, mas não estou fodidamente interessado em sexo. O karma dessa merda é muito cru, agora dê o fora daqui.

Eu tive a minha noite com Sloane e depois cortei todos os laços. A deixei com nenhuma maneira de saber o que Eli estava prometendo dizer a ela. Tinha sido duro, sim, claro, desde que ela tinha realizado sua parte no trato e nunca teve o que ela estava procurando. Mas foda-se, eu, pelo menos, tive a certeza que ela gostou. Tive a certeza de que ela não teria pesadelos com o meu rosto a cada segundo que ela fechasse os olhos. Eu sei que eu poderia ter ido embora, a deixado naquele quarto de hotel ainda virgem, intocada, mas mais uma vez eu não poderia. Isto é o que estou falando. Eu tinha que tê-la. Além disso, ela manteve em segredo, de qualquer maneira. Talvez se eu soubesse que ela ainda estava usando o seu cartão V[4], as coisas teriam sido diferentes.

Sim, certo.

— Você tem certeza disso? — eu aumento meu aperto no pescoço de Frankie e seus malditos olhos quase pulam fora de sua cabeça.

— Sim, cara! Sim, eu tenho certeza!

[4] Referência à virgindade dela.

Foda-se, Charlie. Eu inclino e pego a peça no chão, onde Frankie deixou cair. Desert Eagle: Eu não costumo matar com armas, mas, por vezes, para ter uma obra de arte você só tem que fazer uma exceção.

— Zeth! Zeth, homem, não! Sinto muito, está bem? Me desculpe ter atirado em você!

Súplicas me deixam enjoado. Eu faço isso. Eu puxo o gatilho e a cabeça de Frankie quica para trás como uma pedra, exceto que é sangue. Um monte de sangue e fragmentos de osso, como pequenos pedaços de porcelana esmagada.

— Por que estou certa o tempo todo?

Eu me viro e vejo Lacey lá na porta, a palma da sua mão direita pressionada em seu esterno. Ela está molhada até os ossos e ofegante.

— Lacey...

— Não se preocupe com isso, — ela me diz. — Eu já sabia. — ela tropeça na sala e olha para baixo em Frankie, sobrancelhas franzidas, boca franzida em confusão. Eu gostaria de pensar que este é o seu primeiro cadáver, mas eu sei melhor. Ela me encara, segura sua mão para fora. — Vamos. Vamos leva-lo para o hospital.

Eu não pego a mão dela.

— Não. Nada de hospital. Eu não vou lá.

Eu não vou arriscar ver Sloane novamente. Não até eu ouvir a verdade sair da boca de Charlie. Mesmo se eu tiver que arrancar fora dele. Eu *vou* descobrir a verdade.

Capítulo Quatro

SLOANE

— Dez CCs de epinefrina. Ligue antes para a S.O[5], para que eles saibam que estamos chegando.

— Sim, eu... eu entendi.

Eu olho para cima e o estagiário magro, com corte de cabelo ruim ainda está de pé ali, olhando para o cara sangrando na maca em frente a ele. O cara que eu estou apertando o pulso profundamente. — O que você está esperando? CORRE!

A entrada de estagiários frescos é sempre um pesadelo. Eles são tão verdes que não tem absolutamente nenhuma utilidade para ninguém, e ainda entre as pessoas cortando seus membros em acidentes de carro, as pessoas levando um tiro, e o mundo caindo em torno de nossas cabeças, devemos ensiná-los a corrigir as pessoas. Eu deveria ensiná-los, o que é uma loucura, porque eu apenas aprendi como fazer tudo isso sozinha.

— Ele está falhando, doutora. Adrenalina? — a enfermeira pergunta. A adrenalina é a última coisa que esse cara precisa.

Seu coração já está mais do que gasto do jeito que está. O que ele precisa é reparar o buraco no seu estômago.

Deus sabe quantos de seus órgãos internos estão triturados. Eu não vou saber até que eu possa abri-lo corretamente e limpar todo o sangue. Agora, eu não posso dizer absolutamente nada além do fato de que esse cara vai morrer se não fizermos alguma coisa. E em breve.

— Vamos levá-lo ao elevador, — eu digo a enfermeira. Ela balança a cabeça, abre as rodas da maca, e está latindo ordens para sua equipe, sem sequer piscar. Grace é uma profissional. Ela provavelmente seria capaz de salvar esse cara todo sozinha se ela tivesse que fazer. Metade dos enfermeiros neste hospital provavelmente poderiam se a situação

[5] Sala de operação.

fosse crítica. São todos maciçamente subestimados, mal pagos e sobrecarregados.

Corpos se apressam quando levamos a maca até o elevador, minhas mãos ainda estão alojadas dentro do paciente. Estou saltando sobre as pontas dos meus pés enquanto vemos os números da contagem regressiva. Eu não sou perturbada por elevadores mais, muitas viagens como esta diminuíram o meu problema com espaços apertados. O hospital tem apenas quatro andares e ainda parece levar uma eternidade para as malditas portas abrirem. Eventualmente elas abrem e então nós estamos correndo contra o tempo novamente.

— Para dentro, para dentro! Mexam-se! — o estagiário que enviei para avisar a S.O, Mikey, acho que esse é o nome dele, faz com que seja apenas o tempo de chegar as portas. — Eles sabem que estamos chegando?

— Sim.

— Ele esta entrando em colapso, doutora. — Grace me diz isso quando os monitores que verificam a frequência cardíaca e a pressão arterial começam a gritar. Eu puxo minhas mãos para fora do cara e agarro Mikey.

— Segure apertado.

Mikey se parece com um coelho com os olhos arregalados quando eu gesticulo para ferida do paciente. — O... o que você quer dizer?

Eu tomo as suas duas mãos e coloco onde eu preciso delas. — Eu quero dizer para segurar a porra dos intestinos desse cara dentro de seu corpo!

Mikey pode ou não obedecer a ordem. Não perco mais tempo. Eu me inclino, tanto quanto eu posso sobre o paciente e começo a comprimir o peito.

Um, dois, três, quatro, cinco.

As forças maiores que decidiram a um tempo atrás que você não precisa dar um paciente uma respiração. Manter o bombeamento do coração é a prioridade número um aqui. Grace esta sobre ele, de qualquer maneira. Ela começa o ensacamento, forçando rajadas regulares de oxigênio em seus pulmões, e eu gemo sobre o meu trabalho.

As portas se abrem novamente.

— Ok, vamos lá. — eu não posso compactar e correr ao mesmo tempo, então eu subo no pé do trilho inferior da maca e pego uma carona para a S.O. Eu costumava ver os médicos fazendo isso quando eu era verde como Mikey e eu nunca poderia me imaginar sendo calma o suficiente para ser essa pessoa. Muita coisa mudou ao longo dos últimos quatro anos, apesar de tudo.

O desaparecimento de Lex, tentar encontrá-la, me mudou tão drasticamente que eu não sou a mesma pessoa que eu era naquela época. Eu sou exatamente o tipo de pessoa que eu preciso ser para me destacar neste lugar. Me tornei fria. E calculista. Eu não cedo sob pressão. Eu faço as coisas. Tudo começou naquele quarto de hotel. Eu troquei uma parte de mim naquela noite, vendida ou roubada foi extinta uma parte de mim que só teria me impedido de fazer o que tinha de ser feito.

A primeira cirurgia que eu realizei foi em mim mesma, eu arranquei fora a minha fraqueza com um bisturi enferrujado e me deliciei com o vazio glorioso que tinha permanecido depois.

A equipe de enfermeiros já está esperando no momento em que nós três chegamos. Eu tenho mantido nosso não identificado paciente vivo por 215 segundos. O tempo está se esgotando. Dr. Massey está limpo e pronto para ir quando chegarmos a antessala estéril entre o corredor e a S.O. Massey é bom, uma arma contra trauma. Estou tão aliviada que quase sorrio quando vejo seu rosto.

— Sem RG, MVA, lesões internas desconhecidas. BP afundou entre térreo e o nível dois. — Massey acena, o rosto já obscurecido por trás da máscara, mas seus olhos são constantes. Dizem que ele tem isso.

— Vá se limpar, em seguida, traga sua bunda aqui. Isto parece um trabalho para dois pares de mãos. — os enfermeiros da S.O se encarregam da maca e desaparecem pela porta dupla com meu paciente. Meu *paciente*. Quando você teve suas mãos dentro de uma pessoa, se eles vivem ou morrem, tornam-se sua responsabilidade.

— Caramba. — Mikey está de pé ao meu lado, suas luvas estão manchadas de sangue pela imersão no corpo do paciente. Parece que ele só esteve m uma matança. — Isso foi intenso.

— Isso foi malfeito, — eu corrijo ele. — Você não pode congelar assim, Mikey. Sua hesitação pode custar a vida de alguém. — eu sinto

como se tivesse apenas chutado um filhote de cachorro. Mikey, provavelmente, é apenas três anos mais jovem do que eu, mas na nossa realidade, no valor de três anos de experiência é uma vida. Ele me da um olhar triste que não vai lhe garantir um passeio fácil comigo, apesar de tudo. Nós não somos autorizados a sentirmos remorso. Remorso significa que fizemos algo errado, ou que não fizemos o suficiente. Não há espaço para o errado ou não suficiente neste hospital.

— Você vai salvá-lo? — Mikey pergunta.

Posso fazê-lo? Posso fazer por este paciente o que eu não poderia fazer por minha própria irmã? Eu digo a Mikey a mesma coisa que eu digo a mim mesma todas as manhãs antes mesmo de eu pisar dentro do hospital.

— Eu vou tentar. Vou fazer o meu melhor.



Nós o perdemos.

Às vezes, não importa o quanto de sangue, suor e lágrimas, você derrama em alguém, o seu melhor apenas não é bom o suficiente. Gary Saunders, vinte e sete anos, sangrou em cima da mesa, enquanto o Dr. Massey e eu lutamos para salvá-lo. Seus órgãos internos foram picados, embora, às vezes, isso é tudo que pudemos fazer. Eu aprendi a aceitar resultados como este, eu não sinto nenhuma culpa. Eu sou um ser humano, capaz de tanta coisa. As pessoas esquecem quando andam por estas portas que eles estão colocando sua confiança em meros mortais. Eu não sou Deus. Eu não sou nem perto de uma milagreira. Alguns dias há pessoas que você pode economizar e esses são os sortudos dias. Os bons dias que fazem sentir como o sol está brilhando, um pouco mais que brilhante. Mas depois há dias de merda, também. Dias como o de hoje.

Eu sou responsável por contar a esposa grávida de Gary que ele está morto. Eu fico encarregada desse trabalho muitas vezes, meus colegas acham que eu tenho uma habilidade para dar notícias terríveis, quando na verdade eu sou apenas a mesma que qualquer um deles. Ainda dói como o inferno. A diferença entre mim e eles é que eu

posso me distanciar da dor. Eu sou uma especialista em me distanciar da dor. Se fosse um esporte olímpico, eu seria medalhista de ouro. Vou para o quarto da família e bato discretamente à porta. Uma mulher morena, com uma barriga inchada está sentada, e meu estômago sai para fora. O prato do paciente que tenho carregado cai no chão.

— Lex? Alexis? — eu percebo que não é ela uma fração de segundo após o nome cair fora da minha boca. Confusão pisca no rosto da mulher. — Eu sinto muito, eu...

Esta mulher é mais velha do que Lex seria agora. Seus olhos não são o mesmo tom de marrom-ligeiramente mais leve, quase cor de avelã. Ela franze a testa para mim. — Eu te conheço?

— Não, não. Desculpe. Por um momento eu pensei que você fosse outra pessoa.

— Tudo bem. Estou feliz de ver outro membro da raça humana. Estive esperando aqui para horas. Ninguém vai me dizer nada. Posso ir ver Gary agora? Ele vai ficar muito bravo se ele tiver que faltar ao trabalho. Ele nunca ficou um dia doente em sua vida. — ela é incoerente. O sorriso faz muito sentido, ela esta se segurando para não chorar sozinha em uma desconhecida sala estranha. Ela pode atuar quanto ela quiser, no entanto. Ela sabe. Ou ela pelo menos suspeita.

— Sinto muito, Sra. Saunders, eu poderia sentar com você por um momento? — o sorriso dela se desintegra. Quando ela despenca para trás em sua cadeira, ela já entrou nas primeiras fases do luto: negação.

— Não. Não, eles disseram que ele ia ficar bem. Deve ter havido um engano. Por favor, você pode ir e certificar-se que você deveria estar aqui?

Eu sou o Grim Reaper[6]. Eu posso muito bem ser a personificação da morte para essas pessoas. Meu rosto é um que eles vão sempre associar com a pior notícia que eles estão sempre propensos a receber. — Eu sinto muito, Sra. Saunders. Sinto muito, mas é verdade. Eu devo estar aqui. Gary não conseguiu.

[6] Significa ceifador sombrio, o "nome" da morte.

Capítulo Cinco

ZETH

Charlie deixou a Inglaterra para trás na década de oitenta, mas 30 anos não diminuíram seu sotaque. Levei muito tempo para descobrir o que diabos ele estava dizendo quando eu o conheci, mas agora eu compreendo-o perfeitamente.

— Você precisa de mim para limpar seus ouvidos, garoto? Eu odeio ter que me repetir. Meus negócios de importação e exportação não são da sua conta.

Sentado atrás de sua mesa monstruosa e imponente, é fácil ver como ele assusta a merda fora dos caras mais jovens. Mesmo os caras mais velhos. Ele parece um bombado Robert De Niro, exceto que a sua presença é muito mais intensa. Ele tem quase setenta anos, mas o cara ainda fode qualquer coisa que se move, ainda aspira qualquer coisa vagamente branca e em pó, e ainda mata qualquer um que olha para ele de lado. Ele me trouxe a este mundo de violência, embora, por isso não está em mim ser intimidado por ele. Já se passaram três semanas desde Frankie. Três semanas desde que eu tinha uma bala sendo operada fora do meu ombro por algum idiota desastrado que estava com muito medo para pelo menos me olhar nos olhos. Três semanas que eu tive para me recuperar e fazer um pouco de espionagem. — Eu nem sabia desse negócio de importação e exportação, Charlie. Pensei que você comprava o seu produto dos russos. Dos mexicanos quando você precisa?

Ele abre a gaveta de sua mesa e pega uma pequena caixa de madeira com uma flor-de-lis gravada na tampa. Essa caixa é uma relíquia de infância para mim. Charlie costumava me sentar em seu joelho e me ensinar a enrolar cigarros para ele, ele sempre manteve seu esconderijo na caixa. Ele não me pediu para enrolar para ele desde que eu tinha dez anos, no entanto, vinte e três anos inteiros atrás.

— Eu tenho certeza que há muitas coisas sobre o meu negócio que você não está a par, Zeth. Isso não é culpa sua, eu sei. Quando

guardei você sob minhas asas, eu o assisti por anos pensando comigo mesmo: onde esse pequeno menino vai se encaixar melhor em minha organização, quando começar a crescer cabelos em suas bolas? Eu assisti e tomei nota.

— Se você tivesse me mostrado até mesmo o menor pedaço de senso para os negócios, eu tinha envolvido você nesse lado das coisas e você sabe tudo sobre meus projetos paralelos. Todo o resto pertence lá então. Mas isso é não o que eu vi em você, Zeth, não é? Eu vi que você era um merda selvagem com um temperamento desagradável e eu encontrei outros usos para você. Outros usos que financiaram suas aventuras por algum tempo agora.

A mensagem é mais do que clara - não morder a mão que te alimenta. Charlie sempre manda mensagens. Não cague onde você come. Cavalo dado não se olha os dentes. — Eu agradeço tudo o que fez por mim, Charlie. Você sabe que não é disso que se trata.

Ele termina de enrolar seu cigarro. Ele coloca em sua boca e, em seguida, franze os lábios, puxando-o para fora e selando o artesanato. Quando ele acende, eu posso sentir o mau cheiro adocicado da Mary Jane[7] que ele enrolou com o tabaco. Ele segura a fumaça em seus pulmões antes de expirar, me olhando com fendas afiadas azuis. — Então, sobre o que exatamente *é* isso?

— É sobre as meninas. Sequestro e venda de meninas, as levando de suas casas.

— Eu nunca percebi que você era tão sentimental, Zeth.

— Não é sentimentalismo. Só não sou um monstro.

Isso coloca um sorriso de merda no rosto dele. — Nós dois sabemos que você é, na verdade, um monstro.

Talvez seja verdade, mas até eu tenho limites. Venda de meninas para sexo é definitivamente mais do que atravessar a linha no meu livro.

— Apenas me diga a verdade. Frankie falou a verdade quando ele disse que tinha uma *porra de contêineres de garotas* mortas no porto?

Charlie arranca um floco de tabaco quando acaba, jogando fora. — Se você insiste em saber a verdade, então sim, tudo bem.

[7] Maconha.

Dezessete mexicanas mortas. Que eu tive que pagar para a autoridade portuária fazê-las desaparecer. Um negócio muito confuso.

Mesmo que eu soubesse que era verdade antes dele confirmar isso, uma pequena parte de mim esperava de outra forma. Eu explodo fora da minha cadeira, ela vai para trás e cai no chão com um barulho. Charlie assiste minha reação com uma expressão vazia.

— Você mentiu para mim, porra.

— Estou em dívida com você, Zeth? — ele me pergunta com tanta calma.

Eu aperto minha mandíbula. — Não.

— Eu lhe devo alguma coisa?

— Não.

— Então por que você presume que eu iria abaixar a cabeça para o seu questionamento louco? Você não estava certo na época quando você me perguntou sobre as meninas da última vez. Você tinha aquela fodida... — ele ondula sua mão em minha direção, fazendo uma careta, — ...*sede de sangue* em seus olhos que você só fica assim quando tem algo preso na sua bunda.

— Você teve uma menina sequestrada. Uma menina de Seattle, há dois anos e meio atrás. Onde ela está agora? — eu aperto meus dedos contra a mesa de Charlie. Estou fazendo tudo ao meu alcance para deter a criatura selvagem que esta apenas implorando para acabar com ele. Charlie abre um sorriso benevolente, como se a minha raiva fosse cativante. Como se eu fosse apenas um filhote de cachorro, mostrando os dentes. Foda-se.

— Eu não pego americanas. E eu não cago onde eu como, você sabe disso.

Veja.

— Eu pensei que eu soubesse um monte de coisas sobre você, mas parece que eu estava errado.

— Por que você se importa com alguma fodida garota que foi sequestrada dois anos e meio atrás, afinal? — ele aperta o cigarro no cinzeiro de cristal, tão grande que é quase a peça central de sua mesa.

— Ela não significa nada para mim.

— Mas ela significa algo para alguém, certo? Aquela vadia que você passa muito tempo?

Ele sabe sobre Lacey, mas ele nunca a mencionou antes. Ela está muito abaixo dele pra ser colocada em seu radar na maioria dos dias. — Não. Isso não tem nada a ver com ela.

Charlie murmura. — Bem, de qualquer forma, eu não posso ajudá-lo, filho. Eu não sei nada sobre alguma prostituta desaparecida. Eu esqueceria tudo sobre isso se eu fosse você. Me parece que você tem isso com você nos últimos dois anos. Você carrega isso por muito mais tempo, acho que talvez você e eu vamos desenvolver um pequeno problema.

Eu inclino minha cabeça para um lado, considerando o olhar perigoso no rosto de Charlie. Nós já desenvolvemos um problema, ele só não sabe disso ainda.



Eu tenho 15 minutos para chegar na casa de Lacey antes dela oficialmente pirar. Eu estive fora o dia todo esperando para falar com Charlie, pela primeira vez desde que Frankie atirou em mim, e minha hóspede co-dependente se tornou ainda mais co-dependente durante esse tempo. Tipo, esquece o co. Ela é apenas dependente. Eu estou apenas começando a arranhar a superfície na história do fundo dessa menina. Ela já me disse algumas merdas obscuras que aconteceram com ela quando ela era pequena, mas eu sei que há mais. Ela esteve muito pior do que eu. Fodido como possa parecer para mim agora, ela não teve tanta sorte como eu fiz.

Charlie é um odioso, vingativo filho da puta por todos os dias da semana que termina em um a/o, mas ele me salvou. Eu, literalmente, estaria morto agora se ele não tivesse me tirado do meu tio quando eu tinha seis anos.

Você realmente reconhece que os seus problemas são ruins quando se deseja que um psicótico, traficante inglês venha em seu socorro como um jovem impressionável. Eu não sei se Lace deseja isso, no entanto. Eu só sei que ela fica fodidamente louca quando eu saio do

TRADUÇÕES
PEPPER GIRL

armazém por muito tempo. Se essa versão de mim agora pudesse voltar no tempo, digamos, 15 meses e ter uma conversa comigo mesmo a partir desse momento, eu passaria por mim e me daria um chute na canela e nas costelas por ter me tornado tão molenga. Quero dizer, merda. Estou correndo para casa por uma mulher. E eu não estou nem mesmo transando com ela.

Seu telefone continua a tocar a cada vez que eu chamo, o que faz com que minhas mãos suem como um estuprador enviado para baixo da linha de Chino. Eu tive uma temporada em Chino uma vez, vamos apenas dizer que eu vi em primeira mão o que acontece com caras que se impõem sobre os outros. Mulheres, crianças, animais, não importa. Um estuprador em uma prisão como essa é um homem vivendo em tempo emprestado.

— Vamos lá, porra, Lacey. Pegue o maldito telefone. — ela não atende ao telefone. Eu quebro cada limite de velocidade e ultrapasso todos os sinais vermelhos no meu caminho de casa, forçando o motor do camaro. Está chovendo quando eu finalmente chego. O armazém é uma fortaleza de dois andares, em silhueta e assustadora em noite de tempestade. A enorme porta de aço, coberta de tinta vermelha empolada, ainda está bloqueada e acorrentada como eu a deixei, mas Lace tem uma chave. Ela poderia ter saído se ela quisesse. A música alta que vem de dentro me diz que ela não foi a lugar nenhum, no entanto. Talvez por isso ela não ouviu o telefone.

Esperança. A esperança é uma putinha desagradável.

Eu sei que estou fodido assim que eu entro pela porta. O lugar está um lixo. Móveis quebrados descartados como gravetos no chão, a TV está esmagada, mas ainda funciona bem o suficiente para produzir barulho alto de rachar o crânio com sua tela confusa, distorcida. Há garrafas de cerveja quebradas em todo o lugar e roupas absolutamente em todos os lugares, tanto o meu quanto de Lacey. Merda.

— Lacey! LACE, QUE PORRA É ESSA? — eu grito. Eu atravesso a sala principal e vou para o meu quarto, ela se esconde em minha cama às vezes, quando ela está realmente lutando. Eu nunca estou nela, você sabe, mas às vezes ela diz que faz ela se sentir segura. Ela não está na minha cama, no entanto. E nem na dela, de qualquer jeito. O pânico cresce em mim por completo quando eu a encontro no banheiro.

Ela foi e fez a merda de novo.

Sua pele é quase azul neste momento. Seu corpo flutua totalmente estendido na água na banheira cheia, que está em um tom

profundamente ofensivo de carmesim. Eu pulo em meus pés primeiro, arrastando seu corpo flácido comigo. Ela não pesa nada, tão sem vida em meus braços.

— Porra, Lacey. Porra, porra.

Seus pulsos são uma bagunça mutilada. Eu a envolvo em seu edredom e despejo sua bunda no banco do passageiro do Camaro, e então eu dirijo. Eu a levo em um lugar na face deste planeta onde eu realmente não quero ir. Um lugar que eu escolhi não ir mesmo quando eu estava com problemas - St. Peter's Mission of Mercy Hospital.

Capítulo Seis

SLOANE

Casaco? Confere.

Bolsa? Confere.

Chaves do carro? Confere.

Vinte horas após o turno do inferno começou e finalmente parece que está terminando. Eu sempre me sinto como uma fraude quando eu coloco minhas roupas civis de volta. Como se eu estivesse fingindo ser um membro funcional da sociedade, alguém que compra nas lojas The Gap e se lembra de combinar a cor da sua jaqueta com a bolsa. Estou mais em casa na minha scrubs[8], mas as pessoas tendem a olhar para você engraçado se você faz as suas compras em um conjunto azuis.

— Noite, Sloane. Você trabalha amanhã? — Jerry, um dos enfermeiros, está aqui, quase tanto quanto eu. Ele é um cara jovem, vinte e dois anos talvez, com uma crescente família para alimentar. Trabalha cada hora que Deus dá.

— Claro que vou, Jer. Tomamos café juntos?

Ele sorri. — Conte com isso. Vou precisar dele depois de hoje à noite.

Estou alguns passos da saída quando eu começo a ficar nervosa. Este é o lugar onde isso sempre acontece. O trecho de quatorze metros entre a recepção e a entrada é como uma espécie de pedaço mágico. Nove em cada dez vezes, algo ou alguém vai entrar por aquela porta, enquanto eu estou ocupando esse espaço e eu vou acabar virando à direita de volta.

Dez pés. Cinco pés.

Prendo a respiração.

[8] Uma roupa que médicos/enfermeiros usam que parece um pijama.

Eu estou na porta. O vento de outono em Seattle me atinge, chicoteando meu cabelo até que as portas deslizam de volta para revelar um céu claro, um tom de azul Royal manchado. Eu solto um suspiro de alívio. Eu fiz isso. Eu estou livre e limpa por um total de sete horas. Eu vou gastar cada uma dessas sete horas na cama, o que vai ser incrível.

Estou no meu carro, saindo do estacionamento, quando um Camaro preto envenenado grita em torno do canto, quase me atropelando. Ambos conseguimos frear a tempo, mas por pouco. O motorista do Camaro se apoia em sua buzina, quebrando a paz do estacionamento quase vazio.

Eu não consigo ver quem está ao volante, mas eu sei que eles querem me tirar fora do caminho. Há apenas uma razão para um carro vir rasgando a uma velocidade vertiginosa em muitos hospitais e isso é por causa de uma emergência. Eu reverto duramente e meus pneus giram.

O Camaro ruge nas portas de correr que eu simplesmente deixei para trás e uma onda de arrependimento passa sobre mim. Eu poderia muito bem beijar em um adeus aquelas sete horas - sou uma masoquista.

Levo trinta segundos para estacionar e correr de volta para dentro. A enfermeira já está pedindo ajuda, e um cara de preto está debruçado sobre a criança no chão. Há um edredom encharcado de sangue largado ao seu lado, e ele está batendo na criança, a menina, no rosto. Eu derrapo e paro ao lado dele, não pensando. Eu aperto seus pulsos e empurro de volta com força suficiente que ele tombe para o lado e pouse em sua bunda.

— Afaste-se dela. Deixe-me ver.

Um som gutural, sufocando sai dele quando eu faço uma observação rápida da menina. Ela não é tão jovem quanto eu pensava, mas ela é pequena. Seu cabelo loiro pálido está rosa com sangue. O interior de seus pulsos estão rasgados em pedaços, e leva-me um segundo inteiro para me recompor. Ela realmente quis fazer isso quando ela fez isso para si mesma.

— Quanto sangue que ela perdeu? — eu verifico o pulso dela, me curvando para colocar meu ouvido sobre sua boca.

Qualquer respiração soando? Fraco, mas esta lá. O pulso é filiforme, mas presente também. Eu olho para cima, ainda à espera da minha resposta, e o cara que trouxe a garota está apoiado em seus

cotovelos, olhando para mim com a boca aberta. Seus olhos são enormes, a cor tão escura que é quase preto. Parece que ele está em estado de choque.

— Escute, eu realmente preciso saber a quantidade de sangue que ela perdeu, — digo a ele.

— Eu... eu não sei. Ela estava no banho. — ele sussurra as palavras tão baixinho que mal consigo ouvi-lo.

A frente da sua camiseta se apega a ele, abraçando seu peito - ele a encontrou na banheira, entrou e a retirou. Suresh Patel, um dos médicos de plantão, chega em cena um segundo mais tarde e coloca a garota em uma maca. Sua temperatura corporal está baixa, suas estatísticas estão irregulares. Ela é uma moeda no ar na melhor das hipóteses.

Eu sou sugada de volta para o hospital enquanto eu trabalho sobre a pequena mulher. As horas passam. Nós substituímos litros de sangue e acabamos tendo de embrulhar a garota em quatro cobertores antes que ela finalmente se recupere o suficiente para nós a levarmos para cirurgia para corrigir a bagunça que ela fez em seus pulsos.

Já são cinco horas da manhã na hora que eu vou olhar para o cara que a trouxe, sentado em um corredor, com os cotovelos apoiados nos joelhos, cabeça apoiada nas mãos. Ele olha para cima e me vê, em seguida, faz a coisa mais estranha: ele se levanta e começa a se afastar. Rápido.

— Desculpe-me. Hey! — ele para, mas não vira imediatamente. Ele espera uma batida, como se ele estive esperando por algo. — Eu preciso de alguns detalhes sobre a sua namorada. Você não pode simplesmente deixá-la aqui para acordar sozinha.

Finalmente, ele se vira. Sua mandíbula se aperta com tanta força que as veias em suas têmporas latejam com o fluxo de seu pulso. Ele só olha para mim. Sua camisa secou agora, mas ela ainda está agarrada a ele na maior distração fashion, o material enrolado revelando braços fortes, os bíceps são cobertos de tatuagens.

Tinta em preto, azul e vermelho surge nos braços em ondas. Seu cabelo quase preto está espetado em todas as direções, despenteados, ainda molhado, delicioso. Eu chuto a minha bunda quando eu percebo que eu o estou verificando.

Você está brava com ele Sloane, lembra? Ele só estava saindo. Andando diretamente para porta.

— Você acha que pode, pelo menos, nos dar um pouco de informação antes de desaparecer no pôr do sol. Ou nascer do sol, — eu digo. Ele pisca para mim, e, em seguida, cruza os braços sobre o peito. Ele abre a boca para dizer alguma coisa e para. Carrancudo. Ele se vira em direção à porta e parece que ele está pensando em a abandonar de qualquer maneira. Bastardo.

— Pensando bem, se isso é por causa de você, então talvez você deva ir, — eu digo. Não há nenhum hematoma no corpo da menina, mas eu já vi casos suficientes de violência doméstica para saber que não é sempre físico. Um espírito quebrado pode ser tão prejudicial quanto um osso quebrado. Esse cara poderia ter feito a vida de sua namorada tão miserável que ela simplesmente queria acabar com ela. As cicatrizes em seus braços dizem que esta não foi a primeira vez que ela tentou fazer isso, também.

O alto, moreno e maravilhoso olha para mim com fúria pura que me faz repensar a minha sugestão. Ele me enfrenta adequadamente, como se ele se comprometesse a ficar por aqui agora, e finalmente fala. Não, ele rosna.

— Eu não sou o namorado dela. E eu não vou deixá-la.

Meu estômago dá uma guinada. Isso.

Essa *voz*.

Santo... eu mantenho meus dedos em meus lábios, examinando até o último milímetro quadrado dele. — Eu te conheço? — eu sussurro.

Um sorriso cruel puxa no canto de sua boca. — Não.

Alívio me inunda, mas meu corpo se recusa a aceitar a sensação. — Eu poderia jurar que eu reconheci sua voz.

— Eu nasci aqui. Nós todos soamos do mesmo jeito, querida. — ele continua a negá-lo, mas com cada palavra meu estômago torce um pouco mais. Eu ouço essa voz em meus sonhos, eu sei em algum lugar. Eu não estou errada. Eu não estou errada mesmo. Este... este é ele. O cara que trouxe a pequena garota quebrada é o mesmo cara que me amarrou e me fodeu sem sentido, há dois anos. O cara que tirou minha virgindade. Seus olhos pensativos estão fixos em mim com tal intensidade, que eu sei que ele está apenas esperando para eu perceber.

— Eu... eu preciso saber quem a sua amiga é, — eu gaguejo, e ele sorri. É uma coisa incrivelmente selvagem e traiçoeira, vendo o sorriso desse cara. O gesto é tão afiado que poderia esfolar um homem vivo.

— Carrie. Seu nome é Carrie.

— Seguro?

Ele balança a cabeça. Seus olhos nunca deixando os meus. — Eu vou pagar.

— Você precisa ir falar com a recepção. Dê a eles os detalhes do cartão de crédito. E o seu nome.

Ele sorri, olha para os sapatos e, em seguida, levanta os olhos para mim de novo, de modo que ele está olhando direto para mim a partir daquelas sobrancelhas escuras. — Eu tenho dinheiro. E você não precisa saber meu nome. Melhor se você não souber. Melhor você esquecer que eu já estive aqui.

Ele começa a se afastar, os braços ainda cruzados sobre o peito, e eu ajo sem pensar. Uma parte de mim já está se perguntando onde é o telefone mais próximo para que eu possa chamar a polícia, mas o resto de mim segue-o pelo corredor. Droga, corpo estúpido.

— Espere! *Nãomefaçafazerisso*, — eu falo rapidamente.

— Fazer o que?

— Eu não sei! Eu - era você. Admita. Admita que era você.

— Eu não machuquei Carrie. — seu sorriso desaparece, substituído por um olhar frio e calculista.

— Não foi isso que eu quis dizer e você sabe disso.

Ele torce os lábios, e quaisquer dúvidas remanescentes que eu poderia ter tido são banidas assim. Aqueles lábios - eu posso não tê-los visto no escuro, mas eu com certeza no inferno os senti. Ele é o cara. Ele vê isso agora. Sabe que eu sei com certeza. — Talvez eu sei o que você quer dizer. Isso não muda o fato de que você deve esquecer o fato de que eu estive aqui. Melhor para todos os envolvidos. Você não quer saber de mim, querida.

Sua arrogância é malditamente sem precedentes. Eu dou quatro passos apressados e apunhalo meu dedo indicador em seu peito. — *Você!*

Assim tão perto, ele é tão alto que é assustador. — Eu, — ele concorda.

Eu pergunto para ele uma pergunta que tem queimado em minha mente durante os últimos dois anos. — Será que você não tem nada a ver com a morte de Eli?

Ele olha para o lado, sugando seu lábio inferior em sua boca. Isso é um sim, se alguma vez eu vi um. — Vamos apenas dizer que Eli e eu tivemos um desentendimento.

— Foda-se! Eu sabia. Você pegou a papelada de Lex?

Ele é como Dr. Jekyll e Sr. Hyde. Um minuto ele está ali, me olhando como se eu fosse um gênio e eu poderia desaparecer em uma nuvem de fumaça a qualquer minuto, e então ele é pura, raiva crua. Ele agarra meu pulso e se move com velocidade de um raio, me empurrando de costas contra a parede. O corredor está vazio a esta hora da manhã, então eu estou completamente só e vulnerável. Sua mão se fecha em torno da minha garganta, apenas apertado o suficiente para aterrorizar a merda fora de mim. — Você gosta de se sentir assim, Sloane?

Ao ouvir meu nome sair da boca faz meus olhos encherem de lágrimas. Ele sabe quem eu sou. Eu balanço minha cabeça. — Não, — eu suspiro.

— Então, você precisa tratar Carrie, certifique-se que ela fique melhor. Vou voltar por ela em dois dias. Não deixe o maldito psiquiatra perto dela. Não os deixem a internarem ou eu vou ficar seriamente chateado. — seu corpo pressiona contra o meu, ele é como uma parede de músculos e testosterona, que está tentando me possuir. Estou com muito medo para fazer alguma coisa, mas aceno com a cabeça. Algo muda, então. Eu poderia estar enganando a mim mesma, mas eu acho que eu vejo seus olhos amolecerem. — Você se lembra? — ele sussurra.

Concordo com a cabeça.

— E quando você fecha os olhos?

Eu sei o que ele está perguntando. Concordo com a cabeça novamente. — Sim.

— Faça isso, então. Feche os olhos. — sua mão aperta um pouco, me fazendo ofegar. Eu tomo um longo difícil olhar para as profundezas sem fundo de seus olhos e então, como da última vez, eu faço o que ele me manda. Eu fecho meus olhos.

Seus lábios escovam levemente contra os meus, e minha mente para. Sua respiração é rápida, áspera e quente contra a minha boca. Isso tem o efeito mais devastador. Estou praticamente me rasgando sobre como conflituosa eu estou. Devo beijá-lo de volta? Devo dar uma joelhada nas suas bolas? Ele acaba com todo argumento certo quando sua língua se move e atende meus lábios entreabertos. Ele lentamente brinca sobre a minha boca, de modo cuidadoso, amoroso, como se ele estivesse me degustando. Eu reajo por impulso. Abro a boca mais larga, acolhendo-o para dentro. Ele não aceita a oferta, no entanto.

— Dois dias, Sloane. Dois dias e eu estou vindo para você, — ele sussurra.

A próxima coisa que eu sei é que eu estou afundando no chão. Quando eu abro meus olhos, tudo o que vejo são as botas pretas indo embora.

Capítulo Sete

SLOANE

O café do Fresco está particularmente ruim hoje, mas isso não é grande surpresa. Tudo aqui tem gosto ruim. O bagel que eu tentei forçar goela abaixo no café da manhã pode muito bem ter sido feito de serragem. Há milhares de cafeterias mais importantes e saborosas na região de Seattle, mas Fresco é uma tradição de Pip e eu.

Nós temos nos encontrado aqui desde que éramos pobres, lutadoras alunas e café pingado era tudo o que podíamos pagar. Eu vejo a minha melhor amiga chegar, parecendo imaculada como sempre. Seu cabelo está puxado para trás em um coque clássico e seu terninho está perfeitamente marcado em todos os lugares certos. Eu pareço uma mendiga no meu jeans desbotado e minha camiseta de mangas compridas.

Pippa caminha através do café, sorrindo para Marcus o barista, que tem seu expresso duplo regular sobre a mesa exatamente 60 segundos depois que ela se senta. Ela coloca sua Louis Vuitton no banco ao meu lado e afunda em uma cadeira.

— Bom dia, estranha. Tem sido uma semana desde que eu a vi, isso é uma vida para nós. — ela fica confortável, me dando uma piscadela. — O que é tão urgente que não podia esperar até depois que eu tivesse terminado com o meu vigésimo paciente ligeiramente perturbado mais tarde hoje?

Pippa optou por psicologia em vez de medicina. Nos formamos ao mesmo tempo, ela retirou o certificado pelo Conselho de Medicina Psiquiátrica, nos últimos 14 meses. Ela trabalha fora em um consultório no centro da cidade, lidando com pacientes que foram condenados com a terapia obrigatória de uma forma ou de outra. Um monte de criminosos violentos atravessam suas portas. Ela poderia facilmente ter escolhido trabalhar com as felizes-prozac, donas de casa deprimidas, mas ela queria mais. Disse que se sentia melhor em ajudar aqueles que realmente precisavam.

Eu fico olhando para o fundo da minha xícara de café vazia, de repente penso se devo dizer alguma coisa do que aconteceu ontem. Mas... mas eu acho que eu preciso. Ela é minha melhor amiga, mas ela também sempre foi capaz de ver as coisas de um ponto de vista imparcial. Isso é exatamente o que eu preciso agora.

— Se eu te disser que eu tenho um paciente que teve um problema e que precisava conversar sobre, você já saberia que eu estaria falando de mim, né?

— Sim.

— Ok, bem, eu não vou incomodar com essa lengalenga, então.

Marcus derrama mais café. Ela bebe, levantando uma sobrancelha para mim. — Pouparia algum tempo, sim.

— Ok, bem... — eu só preciso cuspir isso. — Eu tive sexo com um cara.

Ela cospe seu expresso de volta para a pequena xícara. — *O quê? Quem? Quando?*

Eu tremo. Isso vai ser muito ruim. Pip pensou que eu seria a última virgem por aí em um longo tempo agora. — Não foi recentemente. Foi há dois anos.

Seus ombros endurecem. O olhar incrédulo que ela estava usando um segundo atrás se transforma em algo muito mais frio. Ela está chateada. Eu sabia que ela ficaria. Ela coloca seu café para baixo, olhando para a mesa.

— Por que você não me contou?

— Não era... não era algo para sentar e dissecar ao longo de um pote de sorvete, Pip. Não era algo que eu estava exatamente orgulhosa, também.

— O que isso significa? Meu Deus, você não foi estuprada foi?

— Não, não, claro que não. Mas... — esta é a parte onde eu lhe conto toda a verdade ou eu vou para uma versão diluída. Eu sou uma covarde completa no final. Ela nunca iria pensar mal de mim pelo que eu fiz, mas eu simplesmente não posso suportar a vergonha de admitir isso. Eu vendi a minha virgindade para obter informações.

As informações que eu nem sequer obtive, o que significa que a vendi por nada. — Eu não conhecia o cara. Eu nem sequer sabia o

nome do cara. Eu... eu estava bêbada e nós fizemos no escuro. Eu não poderia nem ao menos dizer como ele se parecia até ontem.

Pip fecha os olhos e aperta a ponta dos dedos em sua testa.

Por favor, não pense que eu sou uma vagabunda. Por favor não me ache uma puta.

— Sloane, caramba, — ela geme.

— Eu sei, *eu sei.*

— Eu nem sei por onde começar com isso.

— Que tal depois da parte do julgamento?

— Oh, querida. Eu nunca, jamais te julgaria. Estou apenas... eu só queria algo especial para você. Sabe, romance, rosas vermelhas, champanhe, fogos de artifício.

Eu deveria ter sabido que ela nunca iria me julgar. Eu empurro as migalhas do bagel em torno do prato parado na minha frente, fazendo beicinho. — Oh, definitivamente teve fogos de artifício. Nenhuma das outras coisas, mas definitivamente fogos de artifício.

Ela suspira e depois chega do outro lado da mesa, removendo o prato de modo que ela pode segurar minhas mãos nas dela.

— Portanto, isso tem estado em sua mente durante dois anos inteiros, e você não me disse por quê?

— Porque não era exatamente sexo *normal*, se você sabe o que eu quero dizer.

Pippa parece que ela não entende, e, em seguida, realização transparece em seu rosto. — Então você deixou um cara te foder e ele estava em alguma coisa louca?

— Praticamente.

— E espere, você disse que nem sabia como ele era até ontem. Que aconteceu ontem?

— Ele veio para o hospital. Sua amiga tentou se matar.

Ela exala. — Eu preciso de outro café para isso. — ela ordena um para ela e outro para mim, e quando ela volta, ela tem mais perguntas preparadas. — Eu simplesmente não entendo. Como você sabia que era ele?

— Sua voz é bastante distinta. Eu praticamente saí e perguntei se ele era o cara e, bem, ele não negou.

— Ok, então além da óbvia conversa que nós não precisamos ter sobre você fazer escolhas inteligentes, por que você está se preocupando com esse cara? Você não ouviu um pio dele desde que isso aconteceu?

— Não.

— Então o quê?

— Então ele meio que me beijou.

— Ah.

— E foi meio que enquanto... — eu tomo uma respiração profunda. Aqui vamos nós. — Enquanto ele meio que me tinha presa contra a parede com a mão em volta do meu pescoço. — os olhos de Pippa são provavelmente a parte mais expressiva do seu corpo - eles estão quase o dobro de tamanho.

— Ele atacou você?

— Foi mais como uma ameaça.

— Por que diabos ele faria isso?

— Ele não quer que sua amiga tenha uma seção. Provavelmente pensou que eu poderia mexer uns pauzinhos e ter todo o incidente varrido para baixo do tapete.

Ela bufa. — Bem, boa sorte com isso, amiga. A menina tenta se matar, ela automaticamente ganha um tempo no sofá com um profissional, no mínimo. Mas de qualquer maneira, ele *forçou* o beijo entre vocês?

— Não. Eu meio que permiti isso.

— Porra, Sloane. Eu não sei, isso soa quase como motivos para chamar a polícia para mim. Porque diabos você o deixou fazer isso? Ele está desequilibrado? *Você* está desequilibrada?

Deixei escapar uma risada amarga. — Essa é uma possibilidade em ambos os casos.

Ela entrelaça os dedos juntos, franzindo a testa. Ela supostamente não deveria franzir, dá muito trabalho. — Você já sabe o que eu vou dizer a você, não é?

— Sim. Eu sei. — eu suspiro. O peso de tudo isso é um fardo impossível nos meus ombros. É bom ter compartilhado até mesmo uma pequena parte disso, ainda não estou pronta para tudo. — Há algo mais, Pip. Ele pode saber algo sobre Alexis.

Esta informação a congela em seu lugar. Eu não costumo falar sobre Lex, raramente eu menciono o nome dela, para o fato de que eu a trouxe até agora é realmente uma grande coisa. — Como? — ela pergunta com calma. — Essa cara tem algo a ver com o seu desaparecimento? Meu Deus.

— Não. Ou pelo menos eu não acho que ele tenha. Eu não posso... eu realmente não posso explicar isso agora.

Ela não gosta disso nem um pouco. Ela bufa um longo suspiro, olhando para mim como se eu tivesse enlouquecidq. — Eu tenho um mau pressentimento sobre isso, Sloane. Fora o fato de que você ainda não sabe nada sobre esse cara... — ela faz uma pausa, como se alguma coisa acabasse de ocorrer com ela. — Você sabe pelo mesmo o nome dele agora?

Balanço a cabeça, não. Ela parece mortificada. — Ok, bem, ele não ofereceu nenhuma informação para a polícia sobre Lex ser sequestrada, e você não vai me dizer como você acha que ele pode saber sobre este mistério. Isso me leva a crer que ele provavelmente está envolvido em alguma merda. Até o pescoço, sem dúvida. E ele tentou sufocar você?

— Eu sei, — eu digo a ela miseravelmente. Quando ela coloca isso dessa forma, realmente soa muito confuso.

— Eu sei que você quer encontrá-la, mas esse cara parece perigoso. Soa como se ele fosse mais propenso a esfaquear você do que ajudá-la a encontrar Lex. Eu quero que você fique longe dele, ok? Não há nenhuma maneira que você deva ter algo a ver com ele. Por favor, Sloane? Por mim?

Eu enterro meu rosto em minha xícara de café. Eu sabia que ela faria isso, eu sabia exatamente o que ela diria, e eu estou meio que aliviada para ser honesta. É como se eu tivesse permissão para evitá-lo como uma praga agora, mesmo que ele possa ter alguma ideia de onde minha irmã está. Eu deveria dizer à polícia que ele praticamente admitiu ferir Eli ontem e então eles poderiam fazer todo o interrogatório. Eu tenho que ficar bem longe dele.

— Ok, sim, você está certa. Vou ficar longe dele, — eu digo. Mas por alguma razão, eu não conto a ela que ele está voltando para o hospital amanhã. Eu não digo a ela que ele prometeu que viria me procurar.

O sentimento inquieto persistente dentro de mim é uma mistura de culpa e ansiedade. Eu nunca fui de mentir ou esconder as coisas, e é tudo muito preocupante que as únicas coisas que eu tenho observado desde a minha melhor amiga estão relacionados com esse cara. Eu não posso ajudar, mas me pergunto, eu estou pedindo para ter problemas, mantendo segredos? Parece um argumento fútil, onde lhe diz respeito, eu sinto que o problema vai me encontrar de qualquer maneira.



A manhã se arrasta insuportavelmente enquanto tento esticar minhas rondas, fazendo o meu melhor para fazer com que os meus pacientes precisem de mais tempo do que eles realmente precisam. Eventualmente, eu não posso colocá-lo fora por mais tempo, embora. Eu fiz tudo o que precisava ser feito e, desde que o Dr. Patel está fora hoje, faz com que a menina seja minha responsabilidade.

Carrie está dormindo quando eu vou para o quarto dela, e ela não está sozinha. Kim Perez é da psiquiatria, uma linda mulher incrível. Ela é maternal e acolhedora, a primeira pessoa que enviam para cá quando uma criança precisa de avaliação. Carrie não é nenhuma criança, mas a obvia figura dela desperta uma presença maternal.

— Ei, Sloane, — ela sussurra, colocando o gráfico de Carrie de volta no espaço, no final de sua cama. — Ouvi que você executou um milagre com esta daqui.

— Suresh fez a maior parte do trabalho. — eu sorrio, retornando o mesmo calor que ela mostra para mim.

— Pobre menina. — ela se vira para olhar para Carrie, a menina está definitivamente um pouco pior pelo desgaste. Tem anéis escuros roxos ao redor dos olhos e sua pele ainda é um branco mortal. — Eu estou apenas esperando ela decidir por acordar. Alguma ideia de quanto tempo eu vou ficar esperando?

— Ela não está mais sedada. Poderia ser um par de horas, pode ser um dia ou mais. Ela estava muito ruim.

Kim envolve seus braços em volta de seu corpo, franzindo a testa para a jovem mulher na cama. Ela sempre leva essas coisas a sério, não importa que ela nunca conheceu o paciente antes. — As pessoas dizem que suicídio é o caminho dos covardes, mas não poderiam estar mais erradas. É preciso nervos de aço para cometer algo como ela fez. É bom que ela está aqui agora, no entanto. Ela pode ter o descanso que ela precisa, esperamos desenvolver uma perspectiva diferente sobre as coisas. Ela vai ter toda uma equipe de pessoas para ajudar no que ela precisar.

Olhos castanhos escuros piscam dentro da minha cabeça. Eu engulo em seco, embora não tenha nada apertando minhas vias aéreas. *Não deixe que ela seja analisada ou vou ficar seriamente puto.*

— Ela tem sorte que ela veio ao St Peters, — eu sussurro. — Ela não poderia estar em melhores mãos. — minha mente vai para lugares escuros quando eu me preocupo. Talvez Alexis esteja viva, talvez ela esteja sofrendo, assim como Carrie. Quem sabe as coisas que ela foi colocada se ela ainda está viva. Eu nem sequer tinha pensado nisso.

Talvez... talvez ela tenha sido colocada em uma cama em algum lugar, se recuperando de tentar acabar com sua própria vida, também. Ela não teria sido levada a um hospital, no entanto. Muitas oportunidades para pedir ajuda. Muitas saídas para fugir por elas.

Lex não teria tido uma mulher como Kim para ajudá-la. Esse pensamento me faz tão devastadoramente triste.

Esse cara, seja ele quem for, é uma loucura, se ele acha que eu vou entregar Carrie para ele. Apenas absolutamente fodidamente louco.

— Ei, Kim, eu realmente não tenho ideia de quando o efeito do sedativo vai acabar, mas eu já terminei com todo meu trabalho por enquanto. Apenas emergência, eu tenho um pouco de tempo para sentar aqui com ela. Porque não sobe de volta para cima e eu vou ficar com ela até ela acordar?

Kim sorriu para mim como se eu fosse a pessoa mais prestativa do mundo. — Obrigada, Chiquita. Tenho um monte de papelada que não vai a lugar nenhum, se eu não me acorrentar ao balcão. Você tem meu pager?

Eu digo que sim, e ela sai, suavemente apertando o topo do meu braço, enquanto ela passa por mim.

Eu já sei que a menina está acordada. Ela só está fingindo de morta, no momento, avaliando seu ambiente antes de decidir se é seguro estar consciente. Kim não está costumada a lidar com pacientes que saem da anestesia todos os dias assim como eu, e a respiração de Carrie é rasa, calma e controlada, em vez do fundo, tração regular, deve ser se suas luzes estão apagadas. Eu mudo a cadeira de baixo da janela para lado da cama e me sento nela. De lá eu assisto Carrie, tentando descobrir a melhor forma de proceder.

— Então eu fui e tomei café com minha melhor amiga esta manhã, — eu digo a ela. — Ela é um pouco formal e adequada, por vezes, mas ela sempre esteve lá para mim. Eu sempre fui capaz de confiar nela quando eu precisei. Esta manhã, eu disse a ela algo escuro sobre mim. Foi uma conversa que eu tinha considerado ter com ela por um tempo muito longo, mas eu estava esperando o momento certo para ter, sabe? Eu sou boa em dar desculpas, no entanto. Eu sempre consegui deixar para depois.

— Assim como em tudo, deixei até o último minuto, até que algo aconteceu e eu não senti como se eu tivesse uma escolha mais. Ela me deu alguns sólidos conselhos que fez todo sentido, e eu só ficava pensando no meu caminho para o trabalho, por que diabos você não poderia ter apenas tomado essa decisão por si mesma? — eu me inclino para trás na cadeira, observando as pálpebras de Carrie vibrarem. Ela está escutando...

— Eu acho que é porque nós estamos tão afundados em nossos problemas, que muitas vezes não podemos ver o nosso caminho para sair do labirinto que nos encontramos dentro. Ou fechamos os olhos e andamos às cegas porque estamos com muito medo de reconhecer a bagunça que está dentro. A escuridão que nós mesmos criamos é melhor do que a escuridão à espera de nós com os nossos olhos abertos, porque estamos no controle dessa maneira, pelo menos.

Ela não responde. Eu não sou psiquiatra. Eu não estou qualificada para tentar passar os vincos da vida desta menina. Mas eu estou tão curiosa sobre ela, por que ele se importa tanto com ela, o que ela é para ele. Como foi que ele veio a ser a pessoa que trouxe seu corpo sem vida para a minha emergência. — Você sabe, se você estiver com medo, se você estiver em uma posição que você acha que não há fuga, deixe-me te dizer agora, há sempre uma fuga. Um caminho para fora. Se você precisar de um lugar para ir, se você precisa de alguém

para conversar, tudo que você precisa fazer é dizer agora. Eu posso fazer tudo isso acontecer.

As pálpebras de Carrie vibram mais uma vez, e desta vez elas se abrem. Os olhos da moça são azul claro, a cor do gelo compactado. Como um iceberg. Eles estão cheios de lágrimas. A maioria das pessoas teriam se virado para olhar para mim, mas ela não o faz, ela olha para o teto, o peito arfando quando ela luta contra suas emoções.

— Eu não preciso de sua ajuda. Eu não preciso de um lugar para ir. — lágrimas escapam do canto de seus olhos, perseguindo uma à outra através de suas têmporas e caindo em seus ouvidos. — Eu só preciso de Zeth.



— Eu não posso esperar mais um dia. Ele não iria me deixar aqui, se ele soubesse que eu estava acordada. — Carrie está pouco composta. Ela parece tão ansiosa que eu estou pensando em lhe dar outro sedativo apenas para acalmá-la.

— Então me dê o seu número. Vou deixá-lo saber. — Zeth. O nome dele é Zeth. É estranho ter um nome para colocar em seu rosto, mas então eu só dei um rosto para a voz ontem, então eu acho que essa coisa toda é estranha.

Carrie me dá um olhar - *boa tentativa, cadela*. — Que tal você me levar para fora desta sala em um telefone público para que eu possa ligar para ele eu mesma?

— Você não está pronta para isso ainda, Carrie. Você está muito fraca.

Ela parece confusa. — Carrie?

— Sim, Zeth disse que seu nome era — eu paro quando eu percebo que eu fui estúpida. É claro que ele não me deu o seu nome real. Por que ele faria isso? Ele pagou em dinheiro pelo seu tratamento (17 mil dólares) e assinou sua papelada como K. Vonnegut, pelo amor de Deus. — Qual é o seu nome verdadeiro? — eu suspiro.

— Se Zeth diz que é Carrie, então é Carrie. — ela cruza os braços sobre o peito, olhando melancolicamente para baixo em seus pulsos enfaixados.

— Tudo bem, Carrie, se você não quer me dizer, está tudo bem, mas você não vai sair desta sala. E eles vão estar te fazendo um monte de perguntas quando a Dr. Perez vier aqui mais tarde.

— Ela é psiquiatra?

— Yep. Ela vai querer saber por que você fez isso para si mesma.

— Quem disse que eu fiz isso para mim mesma? — ela está fazendo beicinho como uma criança petulante, mas meu coração ainda esta vibrando em meu peito.

— Ora, foi... foi Zeth quem fez isso?

— Não, de jeito nenhum ele fez isso.

A menina está brincando comigo. Eu não tenho a inclinação para lidar com ela hoje mesmo se eu tivesse tempo. Eu prefiro estar ajudando as enfermeiras, a mudar comadres do que lidar com atitudes como esta. — Tudo bem, bem, o que você quiser. Você pode dizer que o quiser para a Dra. Perez quando ela vier aqui.

Carrie faz uma carranca e se senta ereta, uma verdadeira emoção finalmente passa pelo seu rosto: o medo. — Não! Por favor. Eu... eu não posso lidar com um psiquiatra. Não me deixe. *Por favor*. — ela pega a minha mão, segurando o trilho da cama, e fracamente aperta meu pulso. Vai demorar um pouco até que ela recupere qualquer força em suas mãos, considerando quão profunda ela foi com a navalha ou o que ela usou ontem. — *Você não entende*, — ela respira.

— A Dra. Perez é incrível, Carrie. Você deve confiar nela. Ela pode ser capaz de ajudar.

— Ela não pode! Por favor. Zeth é o único. Ele é o único. Eu preciso dele. Se você me deixar com essa psiquiatra eu... eu juro que vou conseguir dessa vez. Eu vou me matar. Eu vou fazer isso e tudo vai ser culpa sua.

Eu não costumo negociar com pacientes nessa situação. Eles quase nunca estão em posição de saber o que é melhor para eles, mas eu posso ver o desespero nos olhos dela, Carrie está dizendo a verdade. Ela realmente vai se matar.

— Merda. — eu exalo, apertando minha mão em um punho apertado. — Eu fiz uma promessa quando eu me tornei uma médica, Carrie. Jurei que não faria mal, e eu considero que você não ver a Dra. Perez é prejudicial.

— Você me ver *morrer* é prejudicial? Porque é isso que vai acontecer se essa vadia de psiquiatra vier aqui e tentar me psicanalisar.

Merda dupla. Dirijo uma mão para trás pelo meu cabelo, tentando pensar em uma maneira de convencê-la de que ela está sendo tola. Não haverá raciocínio com ela, apesar de tudo. Eu posso ver isso. Mas ela definitivamente precisa de ajuda. Há apenas uma resolução que eu posso pensar de onde ela consegue o que quer e eu também. — Tudo bem. Eu não estou dizendo que eu vou ajudá-la a sair daqui, porque eu não vou. Isso vai contra tudo o que defendemos como um prestador de cuidados de saúde. Você ainda precisa de pelo menos mais um descanso de três dias de cama e precisamos verificar a amplitude de movimento em suas mãos para nos certificarmos que nenhum dos seus tendões foram permanentemente danificados. *Mas...* vou te emprestar o meu telefone celular, e eu vou ter ido para as próximos três horas na tarde para fazer rondas. E eu não vou fazer você ver a Dra. Perez, mas eu quero que você veja a minha amiga em seu lugar. Posso pedir a ela para vê-la fora dos registros, então você não terá que dizer a ela os seus dados.

Ela já está balançando a cabeça antes que eu possa terminar minha frase. — Eles são todos iguais. Sua amiga não vai fazer qualquer diferença, ok?

É claro que eu não vou chegar a lugar nenhum com ela. Isso me deixa extremamente triste. — Quantos anos você tem, Carrie?

Ela fornece as informações a contragosto, depois de considerar a minha pergunta e, obviamente, decidir que nenhum mal pode vir de responder. — Vinte e seis.

Concordo com a cabeça, pensando que isso acabou. — Nós somos da mesma idade, então. E me diga, Carrie, quanto tempo você tem se sentido — *'suicida. Desvalorizada. Incapaz de controlar seu caminho por esta vida.'* — assim?

— Sempre. — sua arrogância de antes era muito transparente, mas ela deixou cair o ato completamente agora. Ela é apenas uma garota quebrada em um mar de lençóis hospitalares, ainda agarrando meu pulso como se ela precisasse da conexão física para se impedir de se afogar neles.

— Assim, por 26 anos você sentiu um desespero tão grave que você queria acabar com sua vida por causa disso. Isso parece horrível para mim. Quando você olha para o futuro, você pode imaginar um sentimento como este por mais 26 anos? — seu lábio inferior oscila, mas ela se cala. — Não seria melhor se você visse alguém que pudesse ajudá-la a trabalhar, passando tudo o que está fazendo você se sentir do jeito que você está? Dessa forma, com o tempo de 26 anos, você pode olhar para trás e ver a luz que você teve em sua vida, e não apenas a escuridão.

Carrie continua tão quieta, fixada unicamente em seus joelhos, que estão cobertos por seus cobertores. Se eu fosse uma mulher de apostas, o que eu não sou, apostaria meu dinheiro, pois acho que o meu pequeno discurso não estava indo para ter qualquer efeito. Mas a menina me surpreende quando seus ombros cedem. — Tudo bem, tudo bem. Vou ver essa garota uma vez. Se ela for cheia de merda, então eu vou embora.

— Você promete?

— Eu prometo. Agora entregue o celular.

— Tudo bem. Apenas certifique-se de deixá-lo na gaveta da mesa de cabeceira quando você terminar. — quando você *for*. Eu não posso acreditar que estou tolerando isso.

Apesar da má vibração no meu intestino, quando eu entrego o meu telefone, eu também sinto que eu ganhei três pequenas vitórias. A primeira: ela vai buscar ajuda, mesmo que eu vou ter que literalmente implorar Pip para pegá-la. A segunda: ela vai sair daqui hoje, um total de 24 horas antes do que Zeth prometeu vir me procurar. A terceira: ela provavelmente vai estar muito sobrecarregada para perceber que ela está digitando o número de telefone do bastardo em meu celular. Ter o seu número vai parecer como um pequeno pedaço de poder que eu peguei de volta, algo que eu tenho sobre ele. Algo que eu posso fornecer para os policiais, se eu precisar.

Eu vou em minhas rondas da tarde, com cuidado para evitar a ala leste da UTI, onde Carrie está sendo mantida; a última coisa que eu preciso é esbarrar em Zeth quando ele trata de secretamente sair do hospital. É o fim do meu turno, sete horas, quando eu volto para o quarto dela para recolher o meu telefone. Assim como eu suspeitava, a cama de Carrie está vazia e suas roupas arruinadas de ontem sumiram. Mas quando eu olho na gaveta do criado-mudo, eu estou

menos feliz quando percebo que ela também levou meu celular com ela. Porra.

Capítulo Oito

ZETH

Pippa. 11:33: **Eu espero que você realmente tenha ouvido o que eu estava dizendo, Slo. Fique longe daquele cara. Eu quero dizer isso!**

Eu fico arrepiado quando leio através das mensagens de Sloane. Meio fodido, eu sei, mas eu sou meio que auto-obcecado. Fico quente e mexido quando percebo que ela está falando de mim para sua amiga. Eu não mencionei ela para uma única alma na face deste planeta, mas, então, isso é o que caras fazem, nós guardamos nossa merda. Se recusando a deixar qualquer coisa escapar. Garotas não são assim - elas fofocam demais. Estou distraído pensando se ela disse a Pippa quão grande é o meu pau, se ela se lembra de quão grande é o meu pau, quando a porra do telefone toca na minha mão.

(816) 5466 7980 21:32: BABACA

Eu sei que é dela. E eu sei que é dirigido a mim. Eu sorrio quando eu respondo:

Eu: CADELA.

(816) 5466 7980 21:38: **Este telefone está em um plano. Seja bom e me devolva.**

Eu: você tem que vir buscá-lo, em seguida, não é?

Estou brincando com fogo agora. Eu não deveria estar tentando fazer com que ela me conheça. Eu deveria estar cortando todos os laços com ela completamente. Desde que eu trouxe Lace para casa e a forcei em sua cama para descansar, eu a questionei sobre várias coisas. Você deu a ela um endereço? *Não*. Você disse a ela onde eu trabalhava? *Não*. Você deu a ela o seu nome verdadeiro? *Não*. Você deu a ela o *meu* nome verdadeiro? Lace? *Você deu a ela o meu nome verdadeiro?* Sim.

Bem, merda.

Não é culpa dela. A menina foi drogada até os olhos e eu não tive a oportunidade de dar a ela a nosso história, mas ainda estou extremamente furioso que Sloane tem o meu nome. De alguma forma, parece como um desequilíbrio grave no poder agora. Eu sei tudo sobre ela e ela sabe quase nada sobre mim, mas eu gosto de permanecer um partido anônimo nesta luta de merda de uma situação.

(816) 5466 7980 21:32: Me dê um endereço. Vou mandar a polícia ao redor para buscá-lo o mais cedo possível.

Ela está mais mal-humorada desde que nos encontramos novamente no corredor do St. Peters. É fácil ser uma merda com alguém em uma mensagem de texto, no entanto. Diferente história face-a-face. Corpo-a-corpo. Ainda estou para ter uma leitura adequada sobre a menina, mas eu estou preocupado que ela não seja tão esperta quanto eu acho que ela é. Ela é médica agora, então você vai pensar que ela tenha algum cérebro - deixe essa merda para lá e esqueça tudo sobre mim como eu disse a ela. Mas eu sei em primeira mão o quão desesperadamente ela quer encontrar sua irmã, e eu duvido que o tempo tenha feito muito para mudar isso.

Eu: Apt. 12c, 515 West Ave. 08:00, amanhã. Vista algo agradável e curto. E eu recomendo seriamente deixar a polícia em casa. Nós não jogamos bem juntos.

Eu estou sorrindo quando eu clico em enviar. Esse não é o endereço para o armazém, esse é o endereço do apartamento no centro, onde eu hospedo meus pequenos encontros. Encontros não são exatamente o termo certo para a reunião, mas Lacey pensa que é melhor do que o que eu tinha chamado antes - festa-de-foda. O primeiro sábado de cada mês é sempre o mesmo em 515 West Avenue, e amanhã à noite não será diferente. Meu pau mexe nas minhas calças só de pensar em Sloane batendo na porta, absolutamente nenhuma ideia do que está para além do outro lado.

Eu estou tomando medidas de precaução. Se ela não seguir o conselho de Pippa e aparecer amanhã à noite, eu vou ter certeza de que, não importa o quanto ela queira rastrear Alexis, ela vai correr ao som do nome que ela sabe agora que pertence a mim.



Estou latejando todo o dia seguinte, esperando a hora. Estou sempre muito impaciente até o final do mês, de qualquer maneira, simplesmente porque chegam ao limite os meus gostos mais estranhos. Eu vou para noites de festas de outras pessoas - Frankie costumava fazer algumas bem obscenas, - mas não é o mesmo. Eu estou no controle quando as coisas vão para baixo debaixo do meu telhado, eu consigo o que eu quero com quem eu quiser. A liberação só não é a mesma quando eu não sou o único mestre a ser obedecido. Não é que eu não deixe que outros caras tenham, é que simplesmente não iria funcionar. Mas todo cara que entra sabe quem é o chefe, e essa é a maneira que eu preciso que isso seja.

É quase noite quando eu finalmente estou dirigindo para o local no Camaro. Lace está no banco de trás, dormindo. Eu não vou deixá-la sozinha nem por um segundo, mesmo que isso signifique que ela tenha que sentar em uma sala com Michael mantendo um olho sobre ela a noite toda. O telefone toca, fazendo-a resmungar sonolenta, eu removo do meu bolso esquerdo, tentando lembrar se este é o de Sloane ou o meu.ÉÉ o meu, e curiosamente o alerta, um e-mail, é de Michael.

De: mikeywest@webhostprime.com

Para: 443232111@connectlive.com

Recebido: 02/21/14 19:21

Ei, chefe, Só um aviso rápido. Ainda não encontrei nada sobre a menina. Se Charlie enterrou ela, ele a enterrou profundidade. Tenho alguns dos meninos de Rufus procurando também. Eles não sabem os nomes. Eu vou saber mais em uma hora.

Charlie pode me chamar de chefe, mas há uma abundância de rapazes por aí que reservam esse título para mim e somente eu. Michael tem estado em minha folha de pagamento pelos últimos cinco anos; ele é útil com seus punhos e tem nervos de aço do caralho. Com a ameaça não muito sutil de Charlie no final do nosso último encontro, eu sei que ele provavelmente tem as pessoas em alerta me bisbilhotando em sua

merda. Eu sempre mantive Michael separado de Charlie, no entanto. Ele não vai estar procurando por um filho da puta de um metro e noventa e cinco de Boise, Idaho. Eu deslizo o telefone de volta no bolso e processo as informações que Michael me mandou - ele ainda não conseguiu encontrar a localização da menina, ou mesmo qualquer registro para confirmar que ela ainda existe, mas ele ainda está trabalhando nisso. Eu sei que ele vai finalmente encontrar alguma coisa. É só uma questão de tempo

Chegamos ao apartamento não muito tempo depois disso. Eu estaciono o Camaro no estacionamento subterrâneo e retiro Lacey do banco de trás, com cuidado para não acordá-la quando eu a levo para fora. Ela passa os braços ao redor do meu pescoço e eu a levo para o elevador. No quarto andar, a porta do apartamento está aberta e Ganya está levantando caixas de vodka do corredor.

— Pensei que você gostava das meninas conscientes no início da noite, Zee.

Eu atiro a ela um olhar sujo e entro no interior, ignorando o sarcasmo. Eu vou para o final do corredor no lado oriental do espaçoso, apartamento de seis quartos, e coloco Lacey dentro do último quarto, certificando de travar a porta devidamente - já tivemos problemas com visitantes indesejados tomando liberdades antes. Tranco enquanto ela está dormindo, então eu me certifico se o resto do lugar está pronto. Na porta da frente as máscaras já estão arrumadas em uma mesa. O tema para este mês é ouro, e assim a maioria delas é branco ou preto, revestido com glitter dourado, ou seja lá que merda que colocam em máscaras venezianas. Eu escolho a máscara mais feia que eu posso encontrar - máscara do diabo completa com chifres e boca para baixo - e coloco em mim. Estou satisfeito quando eu acho que tudo foi organizado e colocado em seu lugar, também. A iluminação é baixa, um queimado mel-amarelo que lança tantas sombras como faz destaques. Frutas cortadas e outras guloseimas estão estabelecidas para os convidados, e as partições de tela de seda isolam discretamente várias salas, onde as pessoas podem ganhar um pouco mais de privacidade se elas quiserem. A maioria das pessoas que vêm aqui não querem, mas vem.

Convidados começam a chegar, vestidos de smoking e vestidos de noite cintilantes, cabelos enrolados em torno das cabeças, estilos elegantes, apenas implorando para serem desarrumados. Os nomes são trocados. Máscaras são mantidas no lugar. Eu vou e me preparo, tentando manter minha mente clara. A maldita coisa não vai parar de

correr, no entanto. Será que ela vem? Será que ela vai se atrever? E se assim for, o que diabos é que ela vai fazer quando ela ver tudo isso.

Capítulo Nove

SLOANE

Eu devo estar doente da cabeça.

Eu não só não falei com os policiais, mas eu estou no meu caminho para o endereço que Zeth me enviou, e eu estou usando o mais curto, mais furtivo vestido que eu tenho. Eu não sei por que, mas sua mensagem me pareceu como um desafio. Ele não acha que eu iria fazer isso, o que fez o meu lado rebelde furar seu dedo do meio para cima. Tem sido um tempo desde que aconteceu. Depois do meu pior dia de trabalho, sendo interrogada sobre o desaparecimento de Carrie - *você foi a última pessoa a vê-la, Dra. Romera. Tem certeza que ela não mencionou nada sobre sair?* - uma briga com esse cara é a última coisa que eu preciso. Eu não sou estúpida, embora isso provavelmente vai acontecer, por isso estou preparada para uma, independentemente.

Deixo meu carro duas ruas abaixo e faço meu caminho para o prédio, me perguntando se eu deveria ter, pelo menos, dito a Pippa onde eu estava indo. Se eu sumir e nunca ouvirem de mim de novo, pelo menos dessa forma ela poderia relatar minha última localização conhecida. Mas eu não posso. Um, porque eu não tenho o meu celular mais e eu não sou uma sábia com números, e dois, porque ela provavelmente vai ficar puta por não ouvi-la.

Eu pressiono a campainha para o 12c, imaginando se Lacey estará aqui. Eu trouxe a minha maleta de médico comigo apenas no caso de ela estar, para que eu possa inspecionar suas feridas e mudar seus curativos, além de um bocado de antibióticos que ela definitivamente vai precisar. Há um estalo pelo interfone, mas ninguém fala, o alto-falante retumba como se quem estivesse lá em cima pressionasse a tecla de entrada e a porta clica aberta.

Subo quatro lances de escadas antes de ouvir o barulho da música e risos. Alguém está dando uma festa. Um cara solitário, parado com as mãos cruzadas na frente dele, está no final do corredor, já vendo eu me aproximar. Não demorou muito para eu perceber que a música

está vindo do apartamento que eu estou atrás, e o cara de terno? Ele está parado olhando sobre a porta. Que diabos?

— Posso ajudá-la, madame? — ele me pergunta. Sua voz é suave e baixa, a pele da cor de mel queimado. Com a cabeça raspada e impondo um metro e noventa de estatura, ele está intimidante na mais gentil das maneiras. Como um estilete de lâmina fina e bem feito, mas ainda tão mortal quanto pode ser.

— Ehhh... Zeth me disse para vir. — estou extremamente chateada que ele me disse para vir enquanto ele está tendo algum tipo de festa. Isso era provavelmente, a sua ideia de controlar os danos, tendo a certeza se há uma abundância de pessoas ao redor, então não posso fazer uma cena sobre... bem, tudo.

— Posso ter o seu nome, senhorita?

— Sloane. Sloane Romera.

O cara alto não verifica uma lista ou fala em um fone de ouvido, o que não teria realmente me surpreendido, ele apenas parece já saber o meu nome. — Bem-vinda, Sta. Romera. Meu nome é Michael. Se você precisar de alguma coisa esta noite, por favor, não hesite em me encontrar. — ele dá um passo para um lado e abre a porta atrás dele, bloqueando o espaço dentro da vista com seu corpo. Ele aponta para uma mesa atrás da porta com a palma da mão aberta, sorrindo educadamente. — Por favor, você poderia escolher uma máscara.

Escolher uma máscara? Meus dedos enrolam dentro dos meus sapatos. A última vez que eu tive que usar uma máscara eu estava no hotel quando eu tinha conhecido Zeth pela primeira vez. Não importava, no final, por causa do escuro, mas ainda assim, as associações são suficientes para trazer o ciclo de medo líquido em minhas veias.

— Eu acho que não, — eu digo a Michael. Ele me dá um aceno entendimento, como se ele já passou por isso antes.

— Peço desculpas Sta. Romera, mas sem uma máscara eu temo que eu não possa deixar você entrar.

Filho.Da.Puta . Quero meu celular de volta. Eu quero ver se Carrie ou quem diabos ela é, está bem. Eu quero saber o que Zeth sabe sobre minha irmã. Meu queixo endurece quando eu olho para baixo em cima da mesa, que é de um tamanho considerável. Há seis máscaras à esquerda, e quatro delas são claramente masculinas. As duas femininas são ambas pretas com redemoinhos de ouro, mas uma delas tem um

brilho, preto metálico, roxo, pena verde emplumada do lado dela. É bonita, então eu a coloco e Michael faz a honra de arrumá-la em meu cabelo. Parece que o cara já fez isso antes. — Obrigado por nos ajudar, Sta Romera, — diz ele, e então ele se move para trás para que eu possa ver a sala. E meu estômago sai para fora.



Eu já ouvi o termo antes, mas eu nunca vi isso na vida real: Orgia. Sexo grupal. Gang Bang. Minha mente desliga depois disso. Eu não consigo pensar em nenhum outro nome para o que eu estou testemunhando agora.

O apartamento se abre imediatamente em um grande espaço aberto, e nesse espaço há pelo menos cinquenta pessoas em vários graus de nudez. Alguns homens ainda estão totalmente vestidos, enquanto as mulheres ágeis, vestidos delicadamente deslizados para baixo para revelar peitos perfeitos aqui, e erguidos para revelar bucetas raspadas, sentadas no colo ou ajoelhadas aos seus pés no chão.

Amarrações de couro preto mordem a carne onde quer que eu olhe, intercaladas com casais se beijando e tateando um ao outro, com as mãos em todos os lugares. Do outro lado da sala, um homem balança a cabeça para trás em pura felicidade enquanto uma mulher de joelhos, completamente nua, chupa seu pau como uma rocha sólida para que todos possam ver.

Minha boca fica aberta. Eu me viro e Michael, ainda de pé lá, dá de ombros. — Se você está procurando por Zeth, ele está na sala dos fundos. Mas você vai ter que passar pelo apartamento para alcançá-lo. — um sorriso lento se espalha em seu rosto. — O chefe me disse para não fechar a porta atrás de você, no entanto. Não acredita que você vá fazer isso.

Bem foda-se, ele estava certo sobre isso. Eu não preciso dessa merda. Eu balanço minha cabeça, dando um passo em direção a Michael e a porta ainda aberta. Michael levanta um ombro novamente. — Ele disse que era uma puritana. Ele fez uma grande aposta em você sair assim que visse... — ele olha por cima do ombro para a sala além, sorrindo. — Bem...

— Ele é um arrogante filho da puta, — eu estalo.

— Ele com certeza é. Quer ensinar a ele uma lição, você poderia ir encontrá-lo em vez de sair. Vai arrancar a cabeça dele?

Eu estreito meus olhos. — Será que você apostou dinheiro com isso?

— Mil dólares, — Michael me informa.

Mil dólares? Zeth tem tanta certeza da minha reação a tudo isso que ele colocou uma grande quantia na reta. Eu sei que isso é provavelmente troco para ele, desde que ele pagou em dinheiro a conta do hospital de Carrie, mas pro inferno. Certamente iria doer nele perder. Eu chupo uma respiração profunda.

Você veio até aqui. Você já viu o que está acontecendo atrás de você. Tudo que você tem a fazer é ir encontrá-lo.

— Tudo bem. — eu não me dou tempo para pensar. Eu giro ao redor e ando para o corredor do outro lado da sala enorme. Estou pisando sobre corpos antes que eu perceba. Eu faço o meu melhor para manter meus olhos para cima e a frente, mas eu não posso ajudar, vendo algumas coisas. Coisas que serão queimadas em minha mente para todo sempre.

Quando eu chego ao corredor, há oito portas, quatro de cada lado. A maioria estão abertas, mas algumas estão fechadas. Gemidos baixos deslizam sob a madeira; gemidos de êxtase e do tapa alto de pele com pele. Estou com muito medo de abrir as portas fechadas, então eu espreito as salas abertas em vez disso, me preparando cada vez: um emaranhado de braços e pernas me cumprimentam primeiro, quatro mulheres e dois caras tão entrelaçados que é difícil dizer onde cada um deles começa e o outro termina. Eu corro pra caralho de lá muito rapidamente. O segundo quarto têm um grupo de homens e mulheres todos ainda em seus ternos e vestidos bonitos, assistindo a um casal transando no chão. Os observadores todos saboreiam educadamente de suas taças de champanhe enquanto se tocam sutilmente, a mão escorrega até um vestido, esfregando a pele sensível; outra bem cuidada mão apertando um pau duro por cima da roupa. Um cara vestindo a mais completamente ornamentada máscara de tigre com listras douradas ferozes se vira e me vê. Ele toma um gole de sua bebida, faz uma pausa na caricia do peito exposto de sua companheira, e estende a mão para mim.

Oh, inferno, não!

Eu recuo rapidamente, indo para a última porta à direita. Por um segundo, eu acho que a porta está fechada e eu estou prestes a virar, mas então eu percebi o meu erro. A porta está aberta. As luzes estão apenas desligadas.

Seu filho da puta.

Eu aumento o aperto na minha maleta de médico, apertando minha mão em torno de seu punho, e respiro fundo. Eu entro.

— Você é doente, você sabe disso? — eu digo na escuridão. Um farfalhar suave me cumprimenta, seguido pela mudança de movimento. Sim, as luzes estão apagadas, mas o corredor está iluminado por trás de mim, então não é como da última vez. Eu posso ver o suficiente para ver a figura ameaçadora que caminha lentamente em direção a mim.

— Eu sei que não sou normal, se é isso que você quer dizer. — uma terrível máscara do diabo aparece diante de mim, dois metros de distância; Zeth está todo vestido de preto, o terno que ele usa, obviamente, uma beleza, mesmo na escuridão. Seus olhos escuros brilham de dentro da máscara, afiados e com fome. — Você me surpreendeu, Sloane. Gosto de ser surpreendido, — ele ressoa.

— Bem, você me surpreendeu também. Embora eu não possa dizer que o sentimento é mútuo.

Ele ri, sua voz tão profunda e poderosa. Eu posso sentir isso nas solas dos meus pés. — Você deve se abrir um pouco. Você nunca sabe do que você pode desfrutar até que você tente.

— Eu sei exatamente o que eu gosto, *Zeth*, e estar em pé ao redor assistindo cinquenta pessoas nuas moerem uns nos outros não é uma delas.

Os olhos por trás de sua máscara piscam com irritação quando digo seu nome. Ele espreita para mim e estende a mão, traçando as pontas dos dedos em toda a minha mandíbula. Ele parece pensativo\intrigado pelo meu silêncio - eu não posso me mover - enquanto ele toca a minha pele. — Se você não gosta de ver, Sloane, você sempre pode se juntar.

Eu retiro sua mão do meu rosto, olhando para fora da minha própria máscara. — Me dê o meu telefone.

Ele me olha por um segundo, sorrindo, antes de deslizar a mão no bolso da calça e puxar meu celular. Ele oferece-o para mim, e eu sei que

ele está pensando em arrebatá-lo longe de mim, logo que eu chegar para ele. Eu estendo a minha mão aberta em vez disso, esperando por ele para colocá-lo em minha palma. Ele faz beicinho, jogo arruinado, e faz isso. Eu o deslizo na minha bolsa de médico que ainda estou segurando. — Eu vim hoje porque você precisava saber que eu não tenho medo de você, Zeth. Quero saber o que você sabe sobre a minha irmã.

— Sério? — ele olha para a bolsa na minha mão. — Pela maleta, parece que você sabia tudo sobre a nossa pequena reunião e trouxe alguns brinquedos para brincar.

Me lembro de sua mochila preta, a que ele tinha com ele no hotel, e eu endureço meu queixo. — Como a sua, você quer dizer? Eu não sou uma pervertida que leva por aí um estoque de bondage.

Zeth olha para baixo, uma inclinação calculada de sua cabeça. Sua mochila está colocada no chão, perto da porta de entrada à minha esquerda, eu tremo quando eu vejo. — Minha bolsa de truques é um pouco maior que a sua, Sloane. E há mais do que coisas de bondage lá, também. Talvez se você for corajosa você vai abri-la e descobrir?

A infecção é um dos principais problemas após cirurgia. Nós, médicos, gastamos uma grande quantidade de tempo lutando para garantir que isso não aconteça, fazendo com que as feridas que criamos ou tentamos corrigir permaneçam limpas, mas às vezes ela simplesmente acontece, não importa o quão cuidadosos somos. Um corpo é cortado e, finalmente infectado, órgãos ficam inflamados, o corpo rejeita novos membros. Eu já vi acontecer uma e outra vez, mas eu nunca experimentei em primeira mão. No entanto, parece que eu estou agora - parece que Zeth está realizando uma cirurgia açougueira na minha cavidade torácica aberta, e meu coração já está inflamado. Ele bate no meu peito, lutando contra os estranhos sentimentos que ele propositadamente está me infectando.

— Eu não vou tocar aquela coisa, ok? E eu trouxe a minha maleta de médico comigo para que eu pudesse ver Carrie. — eu enfatizo o nome para que ele saiba que eu sei que é falso. Ele não parece remotamente perturbado.

— Carrie está dormindo. Mas você é mais do que bem-vinda para brincar de médica comigo. Com o direito a respiração boca-a-boca, eu posso ser um bom paciente. — sua mão sobe lentamente, ele se move da mesma maneira que uma pessoa se move quando vai afagar um cavalo. Minha mãe me mostrou como fazer isso quando eu era

criança, *deixe-o ver sua mão, querida. Deixe-o saber que você não vai machucá-lo.* Mas eu posso ver a partir da centelha divertida nos olhos de Zeth que ele vai me machucar. De uma forma ou de outra. Ele vai rasgar a minha parte inferior direitamente para fora do meu mundo. Ele faz em contato com a minha bochecha, seus dedos tão leves lá que é preciso concentração para senti-los. Essa é uma enorme diferença em relação à última vez que ele me tocou no hospital, mas isso não compensa seu tratamento áspero.

— Eu não estou jogando nada com você, Zeth. Você vai me deixar ver Carrie se você se preocupa com ela. Seus pulsos não estão nada perto de curados. Ela precisa de medicação e ela precisa que seus curativos sejam mudados.

— Ela toma amoxicilina e seus curativos são trocados três vezes por dia. Mais, se precisar. Ela tem um sistema de gotejamento para ajudar a substituir o plasma que ela perdeu, e ela tem sido restrita a cama para descansar. E agora, ela está dormindo, — ele rosna, eu o irritei, isso está muito claro. Eu engulo quando ele se desloca para frente, sutilmente inclinando-se para mim, para que seu corpo fique menos do que um pé de distância do meu. Doze polegadas nunca pareceram como uma distância tão curta. — Agora, Sloane, se você não se importa, eu estou dando uma festa aqui. Se você é uma covarde e você está indo fugir, então sugiro que você faça agora antes que as coisas realmente esquentem.

Antes que as coisas realmente esquentem? Tenho medo de pensar o que isso significa, especialmente se ele acha que as coisas já não estão fervendo para superfície do tipo a temperatura do sol em sua sala de estar formal. Talvez ele não tenha estado lá fora. Talvez ele não tenha ideia do que está acontecendo. Talvez ele pensou que seus hóspedes fossem realmente usar os dedos para... bem, comer. Meu subconsciente ri de mim, praticamente apontando um dedo. *Ele estava sentado aqui no escuro... esperando por você. Ele sabe exatamente o que está acontecendo. Ele sabe perfeitamente bem, sua garota estúpida.*

— Tudo bem. Vou sair com prazer, mas primeiro você tem que me dizer uma coisa. Ela... ela está viva, Zeth? — meu exterior teimoso desliza. Há momentos em que eu me deixo gritar pela perda de Lex, soluçar até que eu estou doente, mas a única lágrima que me escapa agora parece repleta de uma tristeza insondável de maneira mais profunda do que qualquer outra. Zeth bufa e faz algo inesperado, ele cuidadosamente tira sua máscara. Ele a joga em cima da cama que eu

mal posso ver atrás dele, e, em seguida, suas mãos enormes começam a trabalhar nas abotoaduras em seus pulsos.

— O quê... o que você está fazendo?

— Você precisa ver, — diz ele secamente. A porta ainda está aberta atrás de mim, e eu sei que eu deveria usá-la, me virar e caminhar de volta para fora, mas algo sobre a maneira como ele prega seu olhar escuro em mim me tem enraizada no local. Nossa interação, uma vez que nos encontramos novamente 48 horas atrás, foi baseada em um sistema de roubo, ameaças e desafios, mas agora parece como se uma barreira estivesse caindo e algo honesto está prestes a acontecer. Esse pensamento em si é tão confrontador que eu quero correr e me esconder. Seu paletó sai, e ele desliza-o sobre a sombra de uma cadeira alta ao lado dele. Em seguida, ele desabotoa a camisa, que tenciona contra seus ombros, o material elaborado apertado sobre seus braços enquanto ele se inclina para libertar cada fecho do pescoço para baixo. Debaixo da camisa que ele está vestindo uma camiseta preta que abraça seu torso, agarrando-se a cada definido centímetro dele. Ele parece um lutador maldito de UFC. Sua pele é pálida, marfim marcada com toques de preto - tatuagens. Ele olha para mim debaixo de suas sobrancelhas desenhadas e eu sinto a necessidade de limpar as palmas das minhas mãos escorregadias contra o meu vestido. Caramba. Eu meio que o odeio, mas a sua presença é maior que a vida, o seu magnetismo, a maneira como ele olha para mim como se ele já estivesse dentro de mim... ele me mata.

Em um movimento rápido, e, francamente, hipnotizante, ele arranca a camiseta do seu corpo, arrancando a coisa sobre a cabeça para revelar uma parede de músculo que flexionam, cada parte dele trabalhando junto quando ele se move. Há quatro ou cinco pequenas tatuagens em todo o seu peito, além daquelas que marcam seus braços, mas elas são difíceis de distinguir. Uma enorme flor de lis passeia um pouco acima do quadril, - porém é bastante fácil de identificar, junto com a águia sobre o seu peitoral esquerdo, com as asas estendidas. Letras escritas mergulham em seu pescoço, uma frase elaborada que eu não posso discernir. Ele dá um passo a frente, e eu um passo para trás, prendendo a respiração. Estou pairando na porta agora, e o movimento de Zeth o trouxe para a luz, mas realmente só até a metade. A parte da frente de seu corpo, o peito, a barriga definida, o V profundo que corta sobre seus quadris e desaparece abaixo do cinto, estão banhados na luz do corredor. O resto dele está moldado em sombras.

— Este, — diz ele, apontando para o abdômen, — É o lugar onde eu fui esfaqueado pela primeira vez. — eu posso ver a cor da cicatriz que ele está apontando, e meu corpo se lembra. Ele se lembra de seu corpo. Se eu fechasse meus olhos, eu saberia como se parece essa cicatriz. Eu tenho revivido tocá-lo tantas vezes quando eu estou no meu próprio escuro. Meus dedos formigam com o eco da memória, como se parecesse rígido e apertado.

— Estas duas foram a segunda vez, — diz ele, arrastando a sua própria mão sobre sua pele. As cicatrizes não são limpas e arrumadas como a primeira; elas são gumes irregulares e visões de raiva, dois centímetros de comprimento e quase roxas. Elas definitivamente não foram costuradas corretamente. É típico que ele está me mostrando isso e meu monólogo interior, sempre profissional, está criticando a obra de quem foi salvar sua vida. Eu poderia ter feito um trabalho muito melhor.

— E este é o lugar onde eu levei um tiro. — ele angula si mesmo, de modo que sua parte superior do corpo se move um pouco mais para dentro da luz, e eu imediatamente vejo o vermelho, da ferida inchada alguns centímetros abaixo de sua clavícula. Tão perto de perfurar seu pulmão. Outra polegada e teria causado alguns danos graves, danos talvez irreparáveis. A ferida é, obviamente, ainda fresca. Eu não posso ajudar, mas suspiro.

— Quando isso aconteceu? Por quê?

Zeth pega cuidadosamente a minha mão e me puxa para ele. Meus pés estão tentando ficar colados ao local, mas o resto do meu corpo afunda em direção a ele como se tivesse sido inevitável esse tempo todo. Ele coloca a minha mão sobre sua ferida de bala, me olhando nos olhos. Sua pele está queimando, tão quente que parece que minha mão está sobre fogo. — Ataque há três semanas, — diz ele em voz baixa. — E isso aconteceu porque o cara que fui enviado para matar não tinha vontade de ir calmamente.

Porra! Eu tento puxar minha mão, mas ele a segura tão apertado, fixando-a para a sua pele, que eu não posso ir a qualquer lugar.

— Este é o meu mundo. É um mundo onde as pessoas se esfaqueiam e atiram em uma base regular. É escuro. É assustador. As pessoas morrem. Se sua irmã foi sugada para dentro desse mundo, você acha que ela sobreviveu?

Lágrimas empoçam em meus olhos. Eu quero bater nele. Eu quero esmagar o meu punho em seu rosto com tanta força que eu sinta

ossos quebrando, seu ou meu, isso realmente não importa. Estou tão enfurecida que eu realmente ataco, mas com a minha palma aberta. Eu bato nele com tanta força que seu rosto vira para o lado e minha mão arde como uma merda. Quando a cabeça de Zeth vira para me encarar, um movimento lento e considerado, eu já comecei a entrar em pânico. Há uma pequena mancha de sangue em seu lábio inferior, onde eu dividi sua pele. Meu coração soluça, já está bem consciente de que eu fiz um movimento realmente estúpido. Um movimento muito, muito estúpido.

— Eu pensei que você não queria jogar, Sloane, — ele rosna. Ainda segurando a minha mão, ele começa a voltar para o quarto, me puxando com ele. Este é o maior medo que eu já tive em minha vida. Puxo para trás contra ele, mas ele não me deixa ir. Ele se move rapidamente, flexiona e me pega tão rápido que eu não tenho tempo para gritar. Em três passos largos ele fecha a distância entre a porta e a cama e me despeja sobre ela, ainda me pegando de novo com aqueles olhos quase negros.

— Eu juro por Deus, se você me estuprar eu vou matar você, — eu cuspo.

Zeth faz um grunhido selvagem no fundo de sua garganta, selvagem e perigoso. — Eu não forço as mulheres, Sloane. Se tivermos sexo, vai ser porque você quer.

— É por isso que você acabou de me jogar nesta cama?

— Eu te joguei em cima da cama, porque você me bateu e isso foi muito ruim de você, mas eu decidi fazer um acordo.

Eu olho pela porta. Está apenas dez metros de distância, mas eu duvido que eu poderia fazer isso sem que ele me enfrente.

— O que quer dizer, um acordo?

Ele se agacha além da cama e eu sou transportada de volta para o quarto de hotel novamente, mas desta vez eu posso ver o conhecimento curioso de olhar em seu rosto. Sua mandíbula poderosa que deixaria a maioria dos homens com vergonha, e juntamente com os outros elementos únicos que compõem o seu rosto – as sobrancelhas escuras, queixo com covinhas, lábios carnudos, uma maçã do rosto estruturada que muitas mulheres morreriam por ela - ele é provavelmente o ser humano mais selvagemente belo que eu já vi. Não é sua aparência que congela os meus membros em pedra, no entanto. É o jeito que ele olha

para mim, como se por esta fração de segundo eu fosse o único foco de todo o seu mundo.

— Eu quero fazer duas perguntas, — diz ele com cuidado. — E então você pode ficar aqui e fazer o que eu te disser para fazer, ou você pode ir embora. Você pode ir para casa e esquecer tudo sobre isso, eu e o que você tem visto aqui esta noite. Essa será a sua escolha.

Eu não acho que ele está mentindo para mim - eu acredito que, sem sombra de dúvida ele vai me deixar andar diretamente para sair daqui. Eu posso ver isso em seus olhos. — Ok.

— Tudo bem, — diz ele. A emoção dos nervos formiga através de mim quando ele se levanta e se senta no limite da cama; ele se inclina e coloca a mão esquerda ao lado da minha cabeça, apoiando seu peso para que ele paire acima de mim. — Você teve relações sexuais com alguém desde mim?

Que raio de pergunta é essa? Ele espera pacientemente para eu responder, enquanto eu finjo raiva sobre a indignidade da questão. Ele não parece se importar que ele esteja me enchendo o saco. Ele está apenas esperando a minha resposta, e quanto mais cedo eu lhe disser, mais cedo eu posso ir. Ótimo. Eu não tenho nenhuma razão para mentir para ele, então eu digo a verdade. — Não. Eu não tive relações sexuais com ninguém desde você.

A única reação de Zeth para isso é um enrugar no canto de seus olhos quando ele os estreita para mim. — Bom. Obrigada por me dizer a verdade. E agora me responda isso e se você ainda quiser ir, você pode...

Eu chupo uma respiração e seguro. Isso vai ser bagunça, eu sei disso.

— Na época em que nos conhecemos, eu te disse que você tinha que me possuir ou eu gostaria de possuir você. Você tem pensando sobre como isso seria, desde então.

— Não, eu não tenho. — minha voz treme tanto que eu soo como uma menina apavorada. Zeth reclama.

— Você fez muito bem até agora, quando você me disse a verdade. Não estrague isso agora, Sloane. E essa não era minha pergunta. Eu estava dizendo isso porque eu sei que é verdade. — ele se abaixa para baixo tão lentamente enquanto ele fala, até que seu rosto está a uma mera polegada de distância do meu. Ele inclina a cabeça para o lado e mergulha mais baixo, movendo o nariz ao longo do lado da minha

mandíbula, inalando lentamente e depois expirando, de modo que sua respiração quente envia um arrepio pelo meu corpo tão poderoso que eu tenho que travar meus músculos para pará-lo. — Você não foi capaz de me tirar da sua cabeça. Você pensa em mim o tempo todo, querendo saber quem eu sou, onde estou, o que estou fazendo, quem eu sou, porra. — ele respira a última palavra diretamente no meu ouvido, e minhas pernas apertam juntas. — À noite, quando você está sozinha, quando você toca a si mesma, eu sou o único para quem você está molhada. E todo este tempo você esteve se perguntando... perguntando o que teria sido eu possuir você naquela noite. O que eu teria feito para você. Como eu teria feito você minha. Assim, a minha última pergunta para você, Sloane, é a seguinte: você é forte o suficiente para admitir que é isso que você quer? Você é corajosa o suficiente para descobrir?

Eu me sinto nua, despojada. É como se, de alguma forma Zeth encontrou uma maneira de entrar na minha mente e leu a maioria dos meus pensamentos. Ele não tem como saber essas coisas sobre mim, mas ele diz com uma certeza inequívoca que eu sei que ele sabe que é verdade. E é. Foda-se. Eu fecho meus olhos, tentando respirar através do pânico. Pânico devido a Zeth pairando sobre mim, sexo puro e malícia embrulhada em um pacote devastadoramente quente, tatuado.

— Eu... eu não quero isso, Zeth.

Se ele está desapontado, ele não mostra nenhum sinal. Ele se afasta, me dando um pouco de espaço. — Justo. É, foi uma visita muito agradável, Sloane, mas está na hora de você sair.

Me sento, olhando para ele. Ele está sério. Ele realmente vai me deixar ir. Eu lentamente balanço as pernas da cama, enrijeço, pronta, apenas no caso de tudo isso ser algum tipo de truque. Ele se levanta e pega sua camisa, deslizando os braços através das mangas. Ele a pendura aberta enquanto recolhe suas abotoaduras de uma escura, peça anônima do mobiliário. O esboço dele, as tatuagens, o rosto, a camisa aberta... ele tem todo o modo animalesco e profundamente sexual quando ele se move. Não é uma atitude. Eu posso dizer isso. É apenas quem ele é.

— E então? — pergunta ele.

— O que... — eu não posso lutar com as palavras. Eu odeio que eu estou até pensando. — O que é que você vai fazer depois que eu sair?

Zeth caminha de volta para a cama, ficando bem na minha frente. Meus olhos estão nivelados com o seu umbigo, que é apenas de

maldito perfeito (o que diabos faz um homem para ter um umbigo perfeito?). Ele enrola o dedo indicador e enfia embaixo do meu queixo, levantando meu rosto para que os nossos olhos se encontrem por toda a extensão de seu torso.

— Eu estou indo para ir lá fora e beber um pouco de champanhe e depois eu vou encontrar alguém que queira jogar.

— Jogar?

— Sim. Não a porra de xadrez, Sloane. Alguém que queira foder até que elas não possam ver em linha reta. Alguém que vai me deixar afundar minha língua em sua buceta. Alguém que me deixe provar. Alguém que vai me deixar contê-las e as assustar pra caralho. Alguém que gosta disso. Eu estava esperando que ia ser você hoje à noite, mas...

Eu engulo.

Eu engulo novamente. Minha garganta parece como se eu tivesse inalado a porra do Deserto do Saara. Eu tenho que sair daqui antes de fazer algo estúpido. Eu me levanto tão rapidamente, Zeth tem que dar um passo atrás para evitar que nos esbarremos. — Eu... eu tenho trabalho amanhã. Eu... — corro para a porta, lutando pelo... quê? Força para sair?

— *Aham.*

Ele está banhado em luz amarelo-pálido quando eu me viro. — Eu acho que você está esquecendo de algo. — ele abaixa e pega minha bolsa médica, levantando-a na frente dele. Ele sorri quando vê o olhar na minha face. — Sabe... você pode ficar se você quiser, Sloane. Você não precisa realmente dizer as palavras. Isso não significa que você é fraca. Significa que você é forte.

Eu ando de volta para ele, o olhando diretamente nos olhos. Eu não posso... Eu não posso fazer isso. Eu não sou esse tipo de pessoa. Sou? Eu ainda *sei* quem eu sou? Ele me oferece a alça da minha bolsa, arqueando uma sobrancelha. — O que é que vai ser, menina brava? Você quer a bolsa, ou você me quer?

Ele disse que eu não tinha que dizer as palavras. Ele disse que não me faz fraca. Mas talvez... Deus, talvez, só por um segundo Eu quero ser fraca. Eu tenho sido forte nos últimos dois anos. Eu fui forte quando Lexi foi levada. Eu fui forte quando eu dei a minha virgindade, a fim de encontrá-la. Eu fui forte quando eu percebi que não ia ser capaz

de salvá-la. Estou tão cansada de ser forte. Eu respiro fundo e fecho os olhos, já lamentando o que estou prestes a fazer.

Eu mudo ao seu redor e afundo na borda da cama.

A voz baixa de Zeth quebra o silêncio, um som rico e eletrizante.

— *Sim. Isso é o que eu pensava.*

Capítulo Dez

ZETH

Esta menina é uma bomba-relógio correndo de merda, e ela está prestes a explodir nesta cama. Vou me certificar de apenas recompensá-la por não mijar em suas calças quando eu disse a ela que eu matei alguém menos de um mês atrás. A maioria das meninas teria reagido, mas não ela. Eu não sou cego. Eu sei que eu a assustei. Isso significa apenas que ela não é uma idiota de merda, no entanto. Há uma pequena porcentagem de mulheres por aí que não se importaria que eu tomo a vida das pessoas quando a ocasião pede; elas são as únicas que eu gosto de chamar de *fodidas mentais*. Por que eu iria querer foder uma pessoa desequilibrada?

Sloane tem um medo saudável de mim, e isso combina comigo muito bem. Ela não sabe para o que ela se inscreveu, no entanto, não realmente, o que fodidamente me emociona. Eu *ainda estou aderindo ao plano de assustar ela pra caralho*, mas o lado ganancioso de mim quer que ela se divirta um pouco primeiro. Eu poderia simplesmente me divertir um pouco, também.

Eu sorrio como o gato que tem a porra do creme quando ela me diz que sim. Eu sabia que ela iria; não há nenhuma realidade em que ela ia dizer não. Eu me levanto, deixando-a rígida sobre a cama, e ando até a porta.

— Levante-se, — digo a ela. Ela se move lentamente, me olhando, como se estivesse esperando por mim para me transformar em uma espécie de monstro ou algo assim. Pobre animal de estimação. Ela já deve saber que isso é como um monstro se parece. Uma vez que ela está de pé, eu me inclino contra o batente da porta e dobro os braços sobre o peito.

— Dispa-se.

Ela quer dizer não. Eu posso ver isso em seu rosto, mas ela está se esforçando para não me aborrecer, também. Ela segura a bainha do

pequeno vestido preto colado que ela está usando e levanta o suficiente para me mostrar que ela está vestindo meias adequadas e uma cinta-liga. Eu estou fodidamente cantando no meu interior. Nenhuma garota usa essa merda a menos que ela sabe que está indo ser fodida. Sloane pode negar tudo o que ela quiser, mas ela sabia que isso ia acontecer hoje à noite. Seus dedos se movem com cuidado sobre as pregas nos suspensórios e então ela coloca seu pé para cima da cama, deslizando suavemente as meias primeiro para baixo de sua perna direita e, em seguida, da sua esquerda. Seus movimentos medidos, não são porque ela é uma mestre do strip-tease - é porque ela esta cagando em sua bonita calcinha de renda, mas ela está tendo o mesmo efeito em mim de qualquer maneira. Meu pau está latejando em minhas calças quando eu a vejo, mas não a toco. Eu não vou tocá-la por um tempo ainda.

— Agora o vestido.

Ela se mexe para fora do vestido, aliviando-o sobre seu corpo, e minhas mãos se contorcem quando eu imagino meus dedos sobre seu corpo. Eu teria removido o vestido de forma diferente, no entanto. Eu teria rasgado a merda fora dela. Seu cabelo cai em torno de seus ombros como uma cascata maldita quando o vestido sai sobre sua cabeça. Eu estava certo sobre a roupa de baixo: ela está vestindo uma calcinha de renda preta e um sutiã de renda correspondente, também. Isso é simplesmente muito bom pra caralho. Eli, o merda nojento, tinha dito a ela para usar renda preta quando eu tinha chegado nela antes, disse-lhe o que me faria feliz, e aqui ela está em pé bem na minha frente em renda preta. Isso diz muito.

— Puxe seu sutiã para baixo, — eu ordeno. Ela parece assustada, como se estivesse finalmente percebendo o que ela está fazendo e ela quer dar o fora daqui. Eu não iria impedi-la se ela tentasse, mas mais uma vez, eu não quero anunciar o fato. Agora que nos encontramos nesta posição, eu preciso de satisfação. — Faça isso, Sloane. Se você não fizer, você vai ser punida.

Seus olhos cor de avelã, apenas visíveis à luz derramando atrás de mim, aumentam mais. Ela não diz qualquer coisa, no entanto. Por dentro eu estou aplaudindo sua coragem quando ela desliza as alças do sutiã dela pelos ombros e empurra a coisa toda para baixo para revelar seus seios. Eles são grandes, naturais e perfeitos, exatamente como eu me lembro deles da nossa noite juntos. Talvez eu tenha lhe dado merda por isso, mas ela não é a única que cobiçava a nossa experiência no escuro. Eu lambia e chupava os seus seios, mas eu sempre estive chateado que eu nunca cheguei a vê-los. Até agora.

Seus mamilos enrugam quando eu olho para eles, tentando manter meus pensamentos do meu rosto. Não é um trabalho difícil, realmente - sou um mestre de intimidação, e esta merda é brincadeira de criança. O corpo dela é incrível, perfeito em todos os sentidos, mas eu não a deixo ver isso. O meu papel aqui é me manter o mais clínico possível.

— Agora se deite na cama.

Ela balança para trás, ainda em seus saltos baixos, e se senta com dificuldade de volta para a cama. Oh, Deus... ela ainda está um pouco desconfortável. Hora de corrigir isso. Hora de tirar cada grama de autoconsciência até que ela seja uma massa em minhas mãos. Há apenas uma maneira de conseguir tal façanha, e isso é fazer do seu corpo meu, então ela nem sequer pensará nele como seu próprio mais. Haverá apenas um pensamento, uma vontade em seu mundo, e vai ser para me agradar.

Estendo a mão e arrasto seu corpo para mim, puxando as suas pernas de volta para a beira da cama para que eu possa me posicionar entre elas. Me sento em meus calcanhares, rindo quando a vejo achar que eu estou indo para baixo nela. Não tem tanta sorte, querida.

— Toque-se, Sloane.

— O... o quê?

O ratinho está com medo. Eu aperto o interior de sua coxa forte o suficiente para ela recuar. — *Toque a si mesma.*

Estou surpreso quando ela faz o que eu digo. Ela coloca sua pequena mão entre suas pernas e ela começa a esfregar sobre sua calcinha. Isso é bom, mas não bom o suficiente. Eu rosno, pressionando o meu polegar na pele onde eu belisquei um segundo atrás. Ela faz uma pausa, e eu posso vê-la fechar os olhos. A mão passa por baixo da calcinha, desta vez, e ela sufoca um gemido.

— Boa menina. — eu puxo a calcinha para o lado para que eu possa ver o que ela está fazendo, e eu estou contente momentaneamente que ela tem os olhos fechados, porque eu escorrego. Pela primeira vez em sempre, eu escorrego. A visão de seu dedo médio trabalhando a carne escorregadia entre suas pernas, provocando sobre o clitóris, é suficiente para me fazer gemer. Eu enrolo meu punho em uma bola e mordo meus dedos para impedir o som de escapar. Uma sombra cai do outro lado da porta, bloqueando a luz, e a mão de Sloane congela imediatamente. Seus olhos se abrem e nós dois

viramos - dois dos meus clientes estão explorando, um cara com uma máscara de tigre e uma loira alta, de pernas compridas, com um vestido preto curto, brilhante. A menina ainda está vestindo sua máscara de ouro simples, mas a metade inferior do rosto está descoberto. Sua boca parte em um sorriso sedutor quando ela vê o que está acontecendo dentro do nosso pequeno quarto.

— Meu Deus. — Sloane está lutando para poder se sentar na cama, mas um cenário se desenrola na minha cabeça e me tem doendo em dois segundos. Eu coloco a mão em seu estômago para impedi-la.

— Deite-se.

— Mas...

Eu endureço meu olhar, enviando a ela a mensagem alta e clara. Se ela quiser me fazer feliz, ela está indo pelo caminho errado. A indecisão em seus olhos é interessante. A batalha interna dela dura longos 10 segundos. Ela finalmente cai de volta na cama, observando o casal na porta com cautela.

— Sentem-se no sofá. E não toquem, — eu digo a eles. — Não até que minha amiga diga que vocês podem. — dou a Sloane este pedaço de liberdade, porque eu sei que ela precisa disso agora. Ela relaxa visivelmente sobre a cama, embora ela ainda se encolhe em si mesma um pouco quando o casal entra na sala e se senta sobre o sofá de dois lugares escondido atrás de mim contra a parede. Dirijo o meu foco de volta para Sloane.

— Onde estávamos?

Ela choraminga, mas pega a dica e começa a tocar a si mesma novamente. Ela não sabe ainda, mas ela é perfeita para isso. Perfeita para mim e os meus desejos escuros e desagradáveis. Eu corro minhas mãos para cima no interior de suas pernas, parando apenas perto da sua buceta, e ela balança a pélvis para cima no mais convidativo gesto. *Ainda não, querida. Ainda não.*

Apesar dos olhos arregalados e a hesitação, ela está tão excitada que eu posso cheirar sua umidez. Sua vagina está mais úmida do que molhada e eu nem sequer a toquei ainda. Ela desliza um dedo dentro de si mesma e gagueja um gemido, e eu ouço a mulher atrás de nós chupar uma respiração afiada. Eu não posso culpá-la, ela pode ver o que eu vejo por cima do meu ombro e é uma porra de visão quente de se ver. Eu ouço o farfalhar suave de material quando meus convidados

começam a se movimentar. Tudo bem, totalmente permitido. Eu vou dar um show para eles como eles nunca viram antes.

— Tire sua calcinha, — eu exijo. Sloane responde de imediato desta vez, as tirando fora de seus quadris e chutando-as para o chão. Seus olhos estão fechados novamente, o que é bom por agora, mas isso não pode durar para sempre. — Abra suas pernas.

Com as pernas bem abertas, meu pau está lutando contra minhas calças, implorando para ser libertado. Eu estou surpreso que eu estou em pé com a quantidade de sangue que está sendo desviado para o meu pau agora. É hora da mochila. Me levanto, me dirigindo para a porta, parando quando vejo que os nossos visitantes já estão roçando em si mesmos; o vestido da mulher está em torno de sua cintura, e os dedos do cara estão enterrados profundamente dentro dela. Seu pau está para fora da calça, e ele está acariciando-o lentamente, apoiado casualmente contra a cadeira.

Sloane faz um som de gemido abafado - ela se atreveu a espreitar e viu o que eles estão fazendo... e ela não parece tão assustada como eu teria pensado. Como uma boa menina. Pego a bolsa e corro de volta para a cama, precisando finalmente assumir. Eu tiro os itens que eu preciso, quatro algemas de couro pesadas, e eu vejo um lampejo de reconhecimento nos olhos de Sloane quando as vê. Sim, ela sabe que estas são as mesmas algemas que eu usei para amarrá-la da última vez. Ela está muito bem comportada quando eu as fixo em torno de seus tornozelos e seus pulsos, prendendo-a na cama. Há um certo nível de confiança em pânico em seus olhos, o que faz o meu estômago revirar. Deus sabe o que eu fiz para merecer isso, mas ela não deveria estar lá.

A mulher no sofá geme baixinho, e Sloane se volta para assistir. O cara tem empurrado para trás sua máscara de tigre e está de joelhos, indo para o meio de suas pernas. Ela está apalpando suas próprias mamas, o que é meio quente, os olhos fixos firmemente no corpo de bruços de Sloane. Eu sei no que essa garota está, sei o que ela quer, eu só não sei se Sloane vai estender o convite. Eu mergulho minha mão na minha bolsa e puxo para fora a única coisa que eu estive esperando para usar desde que eu a conheci. A única coisa que eu tive que lutar para pôr de lado da última vez: a minha faca. A loira geme novamente quando a vê, mas Sloane continua ainda na cama.

— Lembra-se de como isso funciona? — eu lhe pergunto.

Ela acena com a cabeça apenas uma vez. — Ficar quieta, — ela sussurra. Isso vai ser muito perfeito, eu já posso dizer.

A maioria das meninas começam a gritar aí, mas Sloane parece pronta a aceitar o que estou prestes fazer. Eu esperei por muito tempo, então eu me livro dos meus sapatos, calças do terno, e os meus boxers, e eu fico completamente nu ao lado da cama. Eu toco meu pau, apertando-o – o que é bom pra caralho e a loira mói seus quadris para o rosto de seu parceiro, a sua boca está aberta em desejo. Sloane divide o olhar no conteúdo de ambas as minha mãos - meu pau e minha faca, como se ela não tivesse certeza de qual deles é mais assustador. Dou a ela o meu sorriso mais brutal, e em seguida, subo em cima da cama. Seu corpo treme quando eu coloco a borda afiada da lâmina de caça em sua pele.

— Zeth, — ela sussurra.

Os nomes não são uma parte do jogo; dou a ela um olhar de advertência. Ela morde o lábio inferior, balançando a cabeça para me deixar saber que ela entende seu erro. Eu nunca prometi a ela que eu não iria machucá-la, mas eu tento, pelo menos, amenizar os meus olhos para que ela não conheça o mal que vai vir com isso. Nenhum dano real.

Ela me acompanha de perto quando eu trilho o aço afiado sobre seu corpo. Seus seios, mamilos, para baixo em seus lados, sobre as coxas. Ela está tremendo tanto que eu tenho que ter cuidado para não cortar ela. A mulher no sofá começa a chorar quando eu estou fazendo isso. Ela está na ponta, perto de gozar... e Sloane parece dividida entre assistir isso e prestar atenção para onde eu estou aplicando a minha faca. Eu viro a coisa mais na minha mão para que eu esteja apalpando a lâmina, e eu fecho meus dedos em torno da borda afiada ferozmente. Um familiar, brilhante pedaço de lágrimas de dor atravessa minha pele, e eu sorrio. Com a arma agora manuseando primeiro em direção a ela, eu a guio para baixo entre as suas pernas.

Terror a agarra por um segundo até que ela percebe que não é o fim do negócio. Eu trabalho firmemente em sua carne escorregadia, me acariciando mais quando eu vejo o sentimento tomar conta de seu corpo - ela pode ter certo medo agora, mas ela gosta. Porra, ela gosta. Eu vou até o fim e deslize o cabo dentro dela, todo o caminho até o fim.

— *Oh... porra.* — ela moi contra ele, apertando as mãos para alcançar os lençóis da cama, mas agarra o ar livre, as algemas restringem seu movimento.

— Essa é a coisa mais quente que eu já vi, — a loira geme. O cara deixa de comê-la para virar e ver o que ela está falando, e seus olhos piscam com algo escuro e animalesco, ele é apenas como eu, esse cara. Ele se levanta e pega a menina, guiando-a para que ela se sente em seu pau, de costas para ele. Ambos me veem bombear o cabo em Sloane quando ela se contorce e rola na cama, gemendo. Nunca em um milhão de anos eu achei que isso ia acontecer. Nunca em um milhão de anos eu achei que ela me deixaria perto dela assim. A realidade do que aconteceu é emocionante e também preocupante. Se ela vai me deixar fazer isso com ela, então onde ela vai desenhar a linha? Porque isto... isso não é nada para mim. Eu retiro a faca e aperto duro uma última vez, o suficiente para que eu sinta a escavação de metal um pouco mais, e então eu jogo a coisa mais forte que eu fodidamente posso. Ela precisa estar longe de mim agora. A faca incorpora na parede afastada, trepidando com a força com que eu a joguei.

Minha mão está gotejando sangue, e o corpo de Sloane está se arqueando em direção a mim apenas implorando para ser tomada. Eu chupo a ferida – profundo, o comprimento da minha palma - e cobre canta na minha língua. Eu me inclino perto de Sloane e coloco meus lábios em seu ouvido.

— O que você acha, baby? Você quer jogar com os nossos amigos? — um suspiro gutural gagueja de sua boca.

— Eu não... eu não sei.

— Vai ser divertido, eu prometo. — seus olhos encontram os meus e eu vejo novamente - confiança. Eu gostaria de não ver isso.

— Tudo bem, — ela sussurra. Eu me viro e aceno para a loira antes de Sloane poder mudar de ideia.



SLOANE

A menina passa por cima de seu parceiro como se ele não existe mais. Estou lutando para manter o controle, lutando para manter minhas objeções de pânico no interior, enquanto Zeth, completamente nu, senta sobre seus calcanhares.

Ele continua a correr a mão para cima e para baixo no comprimento do seu eixo, me observando me contorcer na cama com uma expressão severa no rosto. Eu sei que a maioria dos caras estariam ficando loucos agora, duas meninas, uma delas seminua, amarrada à sua cama, e a outra metade do caminho e dispostas a fazer sabe Deus o quê. Há uma pequena parte de mim que está agitando a cabeça, suspirando com o desapontamento com a maneira como esta noite está se transformando. É a mesma parte de mim que também se opôs a eu vestir as meias e as calçinhas correspondentes.

A outra parte de mim é alegria, porque eu decidi isso por mim mesma. Eu não estava pressionando a isso porque eu estava atrás de alguma coisa, mas porque eu *queria* isso. Eu queria reviver a noite no hotel por um longo tempo agora, mas eu nunca fui corajosa o suficiente para admitir isso para mim mesma. Zeth, com seu enfrentamento natural, trouxe isto fora de mim, no entanto. Ele é meu criador. E ele criou um monstro. Estou horrorizada que eu gostei da faca. A forma como ele a usou em mim me fez vibrar com terror e necessidade, uma colisão de duas emoções tão poderosas que nem mesmo eu poderia dizer para que lado eu estava indo para me inclinar - no prazer, ou para longe, gritando com toda a força dos meus pulmões.

E agora isso...

Eu nunca estive com uma garota antes. No entanto, pela forma como a mulher loira se arrasta para cima da cama, atirando a Zeth um olhar possessivo, eu estou supondo que este não é o primeiro rodeio dela. Zeth sorri, um sorriso torto tão sexy que faz a minha pele queimar, e então ele se move para trás, dando a ela algum espaço.

A loira mergulha para baixo e dá voltas em minha buceta, sua língua gentil e cuidadosa, não como Zeth tinha feito isso. Ele festejava em mim com o abandono de um leão rasgando sua matança, enquanto ela é mais delicada. Sua língua ainda é malditamente persuasiva, no entanto. Seus olhos me olham enquanto ela trabalha, mas eu estou vendo Zeth.

Ele me dá aquele sorriso de tremer o joelho e continua tocando a si mesmo, completamente sem vergonha. Ele é dono de seu corpo, usa sua pele com uma confiança tão crua que ele me faz querer sentir da mesma forma.

— Você quer suas mãos? — ele me pergunta.

Concordo com a cabeça. Ele se levanta e desata as algemas em meus pulsos, me assegurando na cama, se inclinando sobre mim, então seu pênis está apenas alguns centímetros da minha boca. Eu quero lambê-lo. Eu quero chupar ele. Quero devorá-lo tanto que os meus lábios estão formigando com antecipação. Fazendo esse movimento me sinto ousada, porém, para e meus dentes esfreguem contra seu forte músculo da coxa. Ele ri em silêncio, olhando para mim.

— Você vai ter que implorar antes que isso aconteça, meu amor.

Com minhas mãos livres seria apenas uma simples questão de chegar e tomar conta dele, mas eu sei instintivamente que eu estaria tendo um mundo de problemas, se eu fizer. Eu deixei minha cabeça cair para trás em cima da cama, gemendo. A mulher lambendo o meu clitóris geme muito, quando ela desliza um dos seus dedos dentro de mim. A sensação é enorme, avassaladora, assustadora e emocionante, principalmente por causa da maneira que Zeth paira sobre mim, bombeando seu pênis em sua mão enquanto ele cuidadosamente observa minha reação. Eu pensei que tinha estado excitada antes, mas isso é algo completamente diferente. Isso é demorado e poderoso, uma necessidade desesperada para agradá-lo. Eu chego para baixo e enterro minhas mãos no cabelo da mulher, rangendo os quadris para cima para encontrá-la, enquanto ela empurra seus dedos dentro de mim.

Eu esqueci tudo sobre seu parceiro. Lembro-me de outra presença na sala, quando ele se aproxima da cama, agora completamente nu. Zeth atira a ele um olhar de advertência, feroz e primitivo, e o cara acena com a cabeça, como se ele entendesse exatamente o que Zeth está lhe dizendo. Ele pula para cima atrás de sua garota - ainda totalmente focado em mim e empurra nela por trás. Ela grita, momentaneamente para o que ele está fazendo antes de continuar. O cara começa a transar com ela, o tempo todo olhando para o meu corpo nu na frente dele.

A loira levanta uma mão e arrasta as unhas para baixo do lado de Zeth, tateando em busca de seu pênis. Ele recua para trás, um olhar irritado em seu rosto, em seguida, dá um tapa em sua bunda com tanta

força que faz até meus olhos lacrimejarem. Ela grita de novo, desta vez mais alto e cheio de dor.

— Não é para você, — ele rosna. Ele olha de volta para mim e, porra, eu quero ele. — Só para ela. Só quando ela implorar por ele.

A mulher não pareceu se importar que Zeth está totalmente fora dos limites. Ela esconde o rosto mais profundo entre as minhas coxas e suga meu clitóris, fazendo com que minhas pernas tremam com prazer. Parece incrível, mas não é para o que eu estou desesperada. Estou desesperada por ele. Eu sei o que tenho que fazer para conseguir o que eu quero, e eu faço as pazes com ele.

Ele quer que eu implore... vou implorar.

Ele quer que eu pleiteie... eu vou.

Porque agora ele sabe que ele tem me envolvido em torno de seu dedo mindinho... e é exatamente onde eu quero estar. Eu estou doente. Estou iludida. Estou perdida. Eu sou sua.

— Zeth... — as palavras são como um presságio, um badalar do sino, selando o meu destino. — Eu quero você. Só você. Por favor... me faça sua.

Capítulo Onze

ZETH

Ela me pede. Ela implora, e eu vejo o momento em que ela dá a si mesma para mim. É um maldito belo momento. O peito dela está arfando, os olhos arregalados, os lábios machucados e fazendo beicinho, apenas esperando para ser beijada. Eu me surpreendo por quase quebrar minha regra e me inclinar para fazer isso - eu não beijei uma mulher na boca em... bem, nunca. Tanto tempo que eu não consigo lembrar o rosto de quem teve o prazer. É muito íntimo. Eu já fui demais no hospital, o que me assustei eu mesmo. Eu sei que sou imprudente em torno dessa garota; eu só não tenho ideia do por quê.

Assim que Sloane diz as palavras, eu estou empurrando a loira dela e soltando seus tornozelos. O cara continua a martelar seu caminho na mulher, tão perdido no momento, mas Sloane está muito consciente do que está acontecendo. Eu a pego e levo seu corpo nu para fora do quarto, e quando ela passa seus braços em volta do meu pescoço, agarrando-me, meu coração começa a bater no meu peito. É como se tivesse estado adormecido no meu peito, juntando poeira nos últimos 33 anos e esta é a primeira vez que bate devidamente. A sensação é preocupante. Eu não sei o que fazer com ela, além de me esconder dela. O corredor é todo luzes e grupos de pessoas se esfregando uns contra os outros. Sloane vê e enterra o rosto no meu peito, como se estivesse preocupada que vou levá-la para fora daqui para oferecer-lhe ao redor. Claro, eu já fiz isso antes, mas isso não está acontecendo com essa menina. Ela é minha. Eu a levo a uma porta em frente, que sempre, sempre, sempre permanece trancada - é a primeira vez que eu já permiti alguém entrar. Eu digito o código de segurança no painel – útil quando você não tem bolsos para chaves – e a porta se abre, e então nós estamos dentro. Este é o quarto onde eu durmo quando não há inúmeras pessoas fodendo em cada superfície e bancada.

Assim que a tenho dentro, as coisas se movem um pouco mais rápido do que eu poderia ter esperado. Se Sloane fosse algum outro

brinquedo que eu estivesse brincando, eu passaria horas desenhando isso e provocando, mas eu apenas... eu não posso.

Assustá-la pra caralho? Estou assustando a mim mesmo pra caralho, com a maneira que eu estou me comportando. Para começar eu nem a amarro, e isso é como um pré-requisito para mim, mas há algo sobre ter seus braços em volta do meu pescoço que me deixa louco. Eu a jogo para baixo na minha cama, no escuro, e eu faço o que eu estava morrendo para fazer desde que ela entrou pela porta no seu pretinho básico com sua bolsa médica na mão. Eu giro sobre seu corpo nu e movo os seus quadris para mim, agarrando suas mãos e prendendo-as atrás das costas. Eu afundo meu pau nela tão profundamente que ela luta para respirar.

— Porra, Zeth! — ela grita meu nome, a cabeça virada para um lado, pressionada contra o colchão enquanto eu bato em seu corpo. Eu juro por tudo que é bom neste mundo, isso é como música para os meus ouvidos, porra.

Não há retenção depois disso. Eu faço isso. Eu a faço. Eu transo com ela com tanta força que meus ouvidos começam a zumbir. Eu nem sabia que isso era alguma coisa. O cheiro saindo dela é puro sexo, desejo puro, tão inebriante que eu tenho que cavar os meus dedos em seu corpo para me prevenir de vir cedo demais. Sinto-me uivando quando eu deixo ir, permitindo-nos ambos o clímax. Em vez disso eu rujo, uma carga de som que rasga fora do meu peito como uma bala de uma arma. Só que eu não sou a arma. Eu sou a vítima. Parece que eu fui baleado novamente enquanto eu estava ofegante sobre seu corpo. Todo o momento é como uma experiência-fora-do-corpo e ela é a única coisa que me mantém de flutuar até o teto. Deixei-a para cima e caio de costas na cama, olhando para a escuridão em choque.

Ela rola para o lado dela, exalando dessa forma saciada que me diz que eu realmente bati o prego na cabeça.

E eu estou com tanta raiva que eu poderia sufocar.

Capítulo Doze

SLOANE

Que porra é essa?

Eu acordei em uma cama e não é a minha. Eu enrolo meus dedos dos pés e flexiono os dedos, jogando meus braços por cima minha cabeça no trecho mais satisfatório de todos. Meu corpo inteiro cantarola, como se eu tivesse me esforçado muito na academia ontem, mas eu sei que eu não fiz. Eu estava no hospital durante todo o dia e, em seguida, eu...

Ah.

Não.

Eu congelo na cama, lembrando de repente onde diabos eu estou. Seu lugar. Sua cama. Seu suor todo sobre meu corpo. E... e ohmeuDeus. Suor de uma *mulher* aleatória, também. O que... *o que diabos eu estava pensando?* Me sento ereta, pronta para encarar o homem que me colocou nesta posição - juntamente com muitos outros da noite passada - mas finalmente ele não está lá. Estou sozinha em uma cama em um quarto vazio estranhamente estéril, luz solar fraca derramando pelas janelas, e Zeth está longe de ser visto.

— *Filho da puta.*

Eu pulo para fora da cama, já meio dentro do meu vestido antes de eu perceber que ele deve ter ido buscar as coisas do outro quarto. Minhas meias e cinta-liga estão dobradas cuidadosamente sobre a cômoda no final da cama, e minha bolsa médica repousa no chão perto da porta. Enfio as meias e cinto dentro da bolsa, me perguntando onde diabos minha calcinha e sutiã estão, desapareceu para sempre provavelmente, em seguida, eu me apresso para fora do quarto, num acesso de raiva.

O apartamento está uma zona. Vazio, taças manchadas de batom decoram todas as disponíveis superfícies e roupas abandonadas

ninhadas no chão do corredor. Eu chuto em algo brilhante e dourado no meu caminho para o espaço da sala de plano aberto, murmurando baixinho.

— *Estúpida... burra pra caralho. Eu odeio ele tanto...*

O apartamento está completamente vazio, para além de um único homem que está na enorme baía de janelas com vista para a cidade - Zeth. Ele não olha para mim, mas eu sei que ele ouviu a minha abordagem. Eu pego a primeira coisa que vem à mão e eu lanço para ele. A taça de champanhe passa por pouco, quebrando contra a viga de apoio, além de sua cabeça. Ele recua como se uma bomba tivesse explodido.

Há um fogo escuro em seus olhos quando ele lentamente se vira, mãos enroladas em seus lados. — *O. que. Diabos. Está. Errado. Com. Você?*

Eu pego uma taça e eu lanço, tomando cuidado para mirar com mais cuidado. Zeth desvia bem a tempo de evitar alguns ferimentos faciais graves. — A noite passada! Isso é o que há de errado comigo! — eu viro... Preciso de outra taça. Acho isso ao lado de uma bomba de patente preto descartado em seu lugar. O salto sobre o que parece letal. Eu jogo, grunhindo com o esforço, e a coisa acerta enquadrada no seu peito. O rosto de Zeth é uma nuvem escura, fervendo e crescendo mais irritado a cada segundo.

— O que sobre noite passada? — ele sibila.

— A cama? As algemas? A... — fechei os olhos, balançando a cabeça. Eu não posso acreditar que isso aconteceu.

— A mulher!

O canto de sua boca contrai como se a minha loucura fosse divertida para ele. Ele ainda parece que vai me matar brutalmente, no entanto. Ele começa a se aproximar, letal, um predador perigoso, e eu pego mais uma taça de vidro duro neste momento. Mais pesadas na base, cantos mais nítidos. Eu jogo para ele tão duro quanto eu posso, mas ele simplesmente cai fora do caminho, ainda vindo para mim.

— Você estava bêbada?

— O quê?

— Na noite passada. Você estava bêbada?

— Não.

— Você estava chapada?

— *Não!*

— Então pare de jogar merda em mim. E pare de fingir que você não aproveitou cada segundo disso!

— Eu... — minhas bochechas enchem com o calor. Ele está certo. Ele está tão certo. Eu quero chorar, mas eu não posso deixá-lo ver. Preciso dar o fora daqui. — Onde está a minha roupa de baixo, Zeth?

Ele está a um metro de distância agora, fechando lentamente a distância entre nós. Em uma completa reviravolta a partir de ontem à noite, ele está vestindo um jeans de cintura baixa e uma camiseta branca lisa. De alguma forma, eu só assumi que ele sempre se vestia de preto, não importa o quê - preto de acordo com a cor da sua alma.

— Eu vou mantê-las, — ele me informa.

— Uhhh... Eu não penso assim. Eram Provocateur[9]. — eu me movo para a esquerda enquanto ele chega mais perto, colocando um espaço estreito entre nós. Um sorriso frio se desenrola através de sua cara - calculista, avaliativo.

— Você está negando que você a usava para mim?

Ele me tem lá. Encolho os ombros, tentando lembrar como as pessoas indiferentes agem. — Então?

— Assim, quando uma menina veste uma coisa para mim, torna-se meu, Sloane.

— Uau. Você deve ter armários cheios de roupa interior de prostituta, então.

— Vários armários, — diz ele, — Muitos. Totalmente para explodir.

Me sinto doente. — Esqueça isso, você sabe o quê? Fique com elas. Estou muito cansada e dolorida, e me assustou fazer isso com você agora. Preciso ir para casa. — de repente me lembro que estou no turno da noite hoje à noite e meu ânimo despenca ainda mais. Vou ter que passar 12 horas andando em volta do hospital, revivendo cada

[9] Marca de peças íntimas.

segundo da noite passada enquanto Zeth se gaba com.... quem quer que seja sobre me foder novamente

— Porra típica, — Zeth respira.

— O que é?

— Você. Você está jodando sua merda em mim. Tudo o que fiz ontem à noite foi mostrar quem você realmente é. Você não pode ficar com raiva de mim por isso.

Eu posso estar, e eu estou com raiva dele. — Eu acho que você está vendo o que você quer ver. Eu não estou procurando algum despertar sexual. Eu estou apenas procurando por minha irmã. Eu estou farta de perder o fôlego te perguntando o que você sabe, e eu terminei de jogar estes joguinhos com você. Talvez um dia, se você desenvolver de repente uma consciência, você vai vir e me dizer, por que é a coisa certa a fazer.

Eu respiro fundo e caminho em direção a porta do apartamento, apostando que ele não vai me seguir. Ele não faz, mas ele não consegue não dar a última palavra, — A consciência vai te matar na minha linha de trabalho, Sloane. E fazer a coisa certa, muitas vezes tem o mesmo efeito.

Capítulo Treze

ZETH

Vinte minutos. Eu passo vinte minutos antes de eu estar pronto para destruir o apartamento. Ele já está fodido de ontem à noite, porém, e Ganya está me lançando olhares de merda desde que ele chegou para começar a limpeza. Parece que meus convidados tiveram uma explosão, não que eu saiba. Eu estava escondido em um quarto escuro por horas esperando por ela, nem mesmo vagamente interessado em me juntar com eles. Desde que Sloane apareceu de volta à cena, tudo estava completamente fodido.

É tudo a sua fodida culpa.

E a mulher teve a ousadia de estar jogando merda em mim? Eu deveria ter jogado o rabo dela para fora primeiro quando eu tinha chutado todo mundo para fora. Não, apaga isso... Eu não deveria ter deixado ela ficar em primeiro lugar.

— É tudo o que você precisa que eu faça esta manhã, chefe? — Michael, o assassino furtivo que ele é, entrou no apartamento, sem fazer um som. Eu enterro minhas mãos no meu cabelo, carrancudo na janela olhando sobre a cidade. Por que eu faço isso para mim? Eu estava muito bem. Mais do que isso, eu estive fodidamente completamente feliz. Corri o mais rápido que pude, há dois anos, depois de eu ter dormido com Sloane, porque eu sabia. Eu sabia porra, isso iria acontecer, e agora olhe para onde estamos.

— Sim, — eu suspiro. — Envie um e-mail para o grupo. Deixe-os saber que todas as reuniões futuras foram canceladas até novo aviso.

Isso é besteira. Ela arruinou a coisa toda. Porque agora, quando eu penso sobre foder alguém que não seja Sloane, isso só parece chato. Sem ponto. Eu não estou apaixonado pela garota. Eu não estou. Há apenas algo sobre ela que eu preciso.

Eu esqueço o horizonte e concentro todo o meu temperamento em Michael. Ele não é grande em palavras, eu gosto disso sobre ele. Hoje ele não precisa dizer nada, no entanto. Seus pensamentos estão ali no rosto, claro como o dia. O bastardo acha que isso é hilário.

— E você pode limpar o sorriso do seu rosto também, — eu estalo.

— Eu não estou sorrindo, Zee. Apenas me limito a observar algo que eu nunca pensei que eu ia testemunhar.

— O que você está falando? — eu poderia acabar por ir para uma luta agora - esmagando o meu punho em algo, mas Michael está apenas sendo Michael. Além disso, nós somos dois equilibrados para uma briga rápida; levaria muito para acabar com ele. Ele sorri para mim como se soubesse exatamente o que eu estou pensando.

— Só essa garota. E você. E cancele suas festas mensais. Diz muito, só isso.

— Não diz nada. Apenas acabe... *apenas acabe com esse sorriso*. Você já ouviu falar de Rufus?

Michael enterra seu sorriso e torna-se todo negócios. — Sim, na verdade. Ele disse que um relatório voltou de Julio. Uma menina combinando com a descrição que você enviou trabalha em um de seus complexos.

— Trabalha? — eu sei o que isso significa. Julio é um dos maiores cafetões na Califórnia. Seus complexos são conhecidos em todo o país, inferno, em todo o mundo pela merda depravada que acontece lá em baixo.

Michael concorda. — *Trabalha.*

Merda. Eu deveria apenas desescutar esta informação. Julio não é um cara para se foder, e se a irmã de Sloane está lá pelos últimos dois anos, então ela definitivamente não é a mesma garota que Sloane se lembra. Ela vai ser alguém completamente diferente agora.

— Benji me enviou uma foto, ele conseguiu tirar quando ele estava lá ontem. Quer dar uma olhada? — Michael pergunta. Benji costumava ser um dos meninos de Charlie, jovem, estúpido, antes que ele foi mandado embora em desgraça após regiamente foder um assalto à mão armada que estava cometendo em seu próprio tempo. Três quadras de onde ele morava. Charlie pensou que era estúpido. Não se caga onde você come e tudo isso.

— Ele tirou uma foto? Louco filho da puta. Julio vai matá-lo se ele descobrir que ele tem um celular dentro de suas paredes.

Michael dá de ombros. — O jovem está trabalhando para os mexicanos aqui e ali. Eles confiam nele ligeiramente mais do que os outros insignificantes que eles têm que trabalham para eles. — Michael fala quando ele olha através de seu telefone.

Ele acha o que ele está procurando e me mostra. Na tela tem uma foto borrada de uma menina com uma massa de cabelo cor de chocolate. Ela está vestindo uma camiseta solta que inunda seu pequeno corpo e seu rosto está apenas metade virado para a câmera, mas eu posso ver que ela é a irmã de Sloane assim que coloco os olhos sobre ela. Eu sopro uma respiração afiada.

— É ela?

— Sim. Sim, com certeza é.

— Como você quer continuar?

— Com a porra de cuidado. — Charlie e Julio foram rivais uma vez. Cerca de três anos atrás Charlie desapareceu durante uma semana, me disse para ficar em casa o que era estranho o suficiente, e quando ele voltou as coisas estavam rosas com os mexicanos. Eu tinha ficado suspeito pra caralho na época, um acordo como esse, normalmente só é gerado por negócios, drogas e armas que Charlie move para o sul, em vez de norte. Eu não sou um garoto estúpido, no entanto. Eu aprendi a manter a minha boca fechada em vez de fazer perguntas perigosas. — Nós vamos até lá, Charlie vai saber sobre isso.

Michael considera isso. O cara é mais do que apenas músculo – seu cérebro é malditamente letal, também. Eu não poderia apreciar como ele é algumas vezes, mas ele sempre tem conselhos na mão, especialmente quando se trata de coisas como esta.

— Diga ao velho que você está parando completamente. E diga a Charlie que você está indo até lá visitar a família. Você deixa mais três semanas e ele vai saber o que você precisa é um sabor da vagina enquanto você está perdendo seu tratamento mensal. Faria sentido você ir ver Julio.

Eu resmungo. Charlie sabe que a única família que eu tenho no mundo, está na Califórnia, é a caloteira esposa de um tio que costumava bater na minha bunda crua. Mas isso pode funcionar, talvez. Se eu puder manuseá-lo da maneira certa.

— Você quer levar uma equipe lá em cima com você?

— Porra, não. Se eu me agitar com um bando de meninos, não vou mesmo passar pela porta da frente. Não, eu preciso manter isto pequeno.

— Poderia ter uma menina?

Eu arqueio uma sobrancelha para ele, pressionando meus dedos em meus lábios. — O que quer dizer, ter uma menina?

— Ele estaria esperando isso. Parece que Charlie envia garotas para ele o tempo todo. Ele pega virgens principalmente, mas de vez em quando ele recolhe uma menina com um pouco de experiência. Ele as envia para Julio para passar para o lucro em LA. A clientela tem um gosto menos exigente lá. Não se preocupa em quantos paus já tenham montado a garota.

Eu poderia dizer que Charlie me enviou uma garota? Eu penso sobre isso e meu estômago torce. A primeira pessoa que vem à mente é Lacey, mas eu não poderia nunca, nunca, nunca pedir a ela para fazer isso. Nunca. Ela já está fodida o suficiente. Não, a única outra opção seria Sloane, e é tão inaceitável quanto. Mesmo que seja apenas um ato e ninguém deva tocá-la, é muito arriscado. E se der errado? E se Julio querer provar? Isso é apenas algo que eu não iria tolerar. Seremos fodidamente mortos. — Não vai funcionar, Michael. Vamos precisar encontrar uma outra forma.

Ele não discute a questão. Estamos em um silêncio carregado por um momento antes de ele enfiar a mão no bolso. — Ok, então, chefe. Qualquer outra coisa agora?

— Sim. Há. — foda-se. *Foda-se, foda-se, fodido foda-se*. Esta é possivelmente a pior ideia que eu já tive, mas... Não... Eu nem mesmo tenho uma desculpa. Eu sou apenas um idiota. — Eu preciso de você para ir ver alguém para mim.

— A garota da noite passada?

— Sim. Ela. Eu preciso de você para dar a ela alguma coisa. — eu pego o que eu quero que Michael entregue e ele sai; o momento em que a porta se fecha atrás dele eu sinto vontade de correr atrás dele e socar o cara na boca para não semostrar como imbecil que eu estou sendo. Ele é geralmente bom nisso, mas desta vez ele apenas aceitou o que eu disse a ele e foi embora. Que diabos isso quer dizer? Em vez de correr atrás dele, eu retiro meu telefone e ligo para ele. Eu o vejo lá em baixo

nas ruas quando ele sente o toque do celular. Ele para, olha para trás, para a janela, puxando-o para fora de seu bolso e me atende.

— Mudou de ideia?

Eu mordo minha mandíbula, fechando os olhos. Isso muda tudo. — Não. Só... só não saia do lado dela até que ela faça o que eu pedi, ok? Você *não* a deixe fora de sua vista.

Capítulo Quatorze

SLOANE

— Dra. Romera? Sloane? Ei, Sloane.

Eu balancei minha cabeça, chutando meu cérebro de volta na engrenagem. Mikey, o estagiário, está na minha frente, torcendo suas mãos. O terror abjeto de todos os estagiários na experiência é uma coisa poderosa e paralisante, e ainda parece ter Mikey firmemente em suas garras. Ele pisca para mim e eu percebo que ele me pediu alguma coisa.

— O que há, Mikey? Você matou um dos meus pacientes? — wu provavelmente não deveria brincar com isso - é uma possibilidade afinal. Mike está com uma cor verde estranha, também, que não exatamente acalma minha mente de repente suspeita.

— Eu... tem um cara lá na recepção para vê-la. Ele está esperando por 30 minutos. As enfermeiras disseram que elas não iriam te chamar se não fosse uma emergência, e ele não era da família. E então, Gracie não iria chamar você, porque ele mentiu para ela e disse que ele era seu irmão.

Eu solto um grunhido quando imagino Zeth tentando se passar por meu irmão. — Como ela sabia que ele estava mentindo?

Mikey hesita, voltando-se para o corredor. Ele quer sair daqui muito. — Principalmente porque ele é negro e você não é.

Negro? Eu coloco minha xícara de café ao meu lado, a minha atenção subitamente cem por cento fixa no garoto nervoso na frente de mim. Ele se agita, me colocando no limite.

— Ele disse que se eu não voltar com você em dez minutos, ele iria queimar o meu Jetta, Sloane. Você acha... Existe alguma maneira de nós podermos...? — ele aponta o polegar por cima do ombro, estremecendo.

Esse cara não pode realmente ser Zeth, mas se ele está ameaçando incendiar o carro de alguém, ele sem dúvida, tem algo a ver com ele. Eu gemo e fico de pé - isso vai ser horrível.

Mikey praticamente corre de volta para a recepção, parando para olhar com segurança sobre o ombro, no caso de eu realmente não estar chegando. Quando chegamos, Grace olha para Mikey com uma profunda desaprovação. Ao vir me buscar, ele foi contra ela e isso é a última coisa que você quer fazer por aqui. Grace é a senhora e feitora deste mundo. Mikey provavelmente teria estado melhor beijando um adeus em seu carro. Sentado em uma cadeira dobrável vermelha na sala de espera, Michael, o porteiro da noite passada, está esperando pacientemente, as mãos cruzadas no colo.

Seus olhos castanho claros ganham vida quando ele me vê. Ele se levanta e se aproxima, vestido com o mais belo terno cinza – sem chance de não ser de um designer - que complementa o seu tom de pele cor de mocha perfeitamente. — Sta. Romera. — ele inclina a cabeça educadamente. — Sr. Mayfair me disse que eu iria encontrá-la aqui.

— Sr. Mayfair?

Os olhos de Michael piscam - curiosidade queima e, em seguida, desaparecem com a mesma rapidez. — Zeth. Pediu para vir e te dar isso. — ele tira um envelope preto do bolso do peito, selado e gravado com uma única letra S, escrito em ouro. Eu pego de Michael, carrancuda. A maioria das pessoas teria apenas enviado uma mensagem de texto, mas não. Não Zeth Mayfair (certamente muito comum um sobrenome para ele?). Michael me dá um sorriso amigável - com que diabos ele pode me deixar à vontade é um milagre. Ele é o tipo de homem que outros homens fogem, rápido, e na outra direção, enquanto imploram por suas vidas.

— Você sabe o que está aqui, Michael? — eu aceno o envelope de lado a lado, algo pesado sacode durante o movimento, e eu já posso sentir o que é. Aquele arrogante, manipulador...

— Eu sei, — ele me informa.

— Eu gostaria de saber? — Sr. Mayfair insistiu para que eu espere aqui até que eu tenha testemunhado que você siga as instruções dentro de sua carta. — seus olhos estão brilhando de alegria quando ele me diz isso, como se estivesse apreciando a fúria que floresce no meu rosto. Eu não tenho tempo para isso. Eu não preciso disso. Eu rasgo o envelope, e puxo para fora a nota de dentro, que é tão grossa e luxuosa.

Não há muitas palavras rabiscadas no papel, mas elas são bastante poderosas.

Sloane,

Coloque esta com o resto de suas chaves.

Dê a Michael uma do seu apartamento. Ele vai trazê-la de volta em uma hora.

Z

Esqueça estar puta antes. Agora estou lívida. Agora eu estou vendo vermelho. Ele acha que pode apenas exigir a chave da minha casa? Ele acha que eu vou entreger para, possivelmente, o homem mais intimidador, além dele, que eu já vi? Ha!

— Aperte os freios aí, amigo, — eu digo a Michael. Ele está sorrindo agora, piscando-me um sorriso com brancos brilhante dentes, rindo baixinho. — Por que diabos ele pensa que isso vai funcionar comigo?

— Porque eu ouvi de um contato seu esta manhã - Rufus. Que Zee acha que você pode ser grata pela informação que ele gentilmente compartilhou conosco. Algo sobre uma mulher que você pode estar procurando?

Eu fecho meu punho ao redor da chave ainda dentro do envelope. Isso é... *é de verdade*? — Nem há cinco horas atrás ele me disse que não ia me ajudar, — murmuro.

— Ele disse um monte de coisas. O truque de descobrir quando ele está dizendo a verdade é tudo. Ele está procurando tem um tempo. Desde o hotel, mas...

Oh meu Deus, eu acho que vou vomitar. — Você sabe sobre isso?

— Sr. Mayfair me informou apenas o que ele considerava extremamente importante. Eu precisava saber quem eu estava procurando para ele. Você não pode dizer a ele que eu disse a você, no entanto. Eu ficaria em seis pedaços e na parte inferior das docas antes que eu pudesse piscar.

Isso tudo é de repente demais. Vou até as cadeiras da sala de espera e me sento, cobrindo o rosto com as mãos. Meu coração bombeia com uma vingança, *finalmente, finalmente, finalmente, finalmente.*

Finalmente.

Michael senta ao meu lado, me deixando digerir. Eu inclino minha cabeça para o lado, fechando os olhos, tentando manter as lágrimas na baía. — Ligue para ele, — eu sussurro. — Eu preciso falar com ele.

Os dentes extraordinariamente brancos piscam para mim novamente. — Você pode ligar para ele você mesma, Srta. Romera. Ele colocou suas informações de contato no telefone antes dele estregar para você.

Eu puxo meu celular do meu bolso e verifico imediatamente para ver se é verdade. S, T, U, V, W, X, Y... meu dedo desliza sobre a tela sensível ao toque.

Z.

Aqui está. Uma única letra, seguido de onze dígitos.

Meu coração. Deus, o meu coração não sabe o que fazer com isso. Eu bati o botão de chamada, olhando para Michael cautelosamente. O som do tom de discagem é suficiente para fazer minhas palmas suarem. Toca uma vez, duas vezes... Uma pausa...

— Você fez isso?

Essa voz é ainda mais profunda sobre o fim de um telefone, um grunhido, uma reverberação baixa que me faz querer pressionar as pernas em conjunto para parar a necessidade se construíndo. — Fiz o quê? — eu sussurro.

— Não brinque comigo, Sloane.

Eu estou empurrando a minha sorte com ele e nós mal dissemos duas palavras para o outro. — Tudo bem, — eu admito. — Não, eu não. Eu realmente não posso dizer porque eu quero ou preciso da chave para o seu bizarro lugar de sexo.

— Não é a chave do meu bizarro chaveiro do sexo, — diz ele, e eu estou chocada com o som do riso em sua voz. É a coisa mais deliciosa que eu já ouvi. — É a chave da minha casa. E se você tem a minha, então é justo que eu tenha uma chave para a sua.

— E se eu não quiser isso?

— Eu não sei. Eu não sei o que a realidade se parece.

É. Eu aposto. Aposto que ele nunca sequer considerou eu rejeitar essa demanda dele.

— Pergunte a si mesma, porém, Sloane. Pergunte a si mesma se você quer ir embora. Se você me quer fora de sua vida. Esqueça Alexis e Eli e do jeito que você e eu nos encontramos. Pense sobre o que aconteceu na última noite ao invés. Você sabia quem eu era, exatamente quem eu era. Você sabia o que eu gostava. E você escolheu estar comigo daquele jeito.

Ele espera em silêncio, sua respiração lenta e medida, enviando calafrios na minha espinha quando eu faço o que ele me disse para fazer. Eu considero isso. Este caminho só pode levar a problemas. Um cara perigoso como Zeth, misturado em Deus sabe o que e com quem... Ele foi baleado há três semanas, pelo amor de Deus. Isso não é algo do seu passado. Isso é muito presente.

— Além disso, o garoto que estava vendo as lesões de Lacey desapareceu, — diz ele em voz baixa. — Ela precisa mudar seus curativos. Você não me quer fazendo isso, não é? Eu tenho as mãos muito sujas.

— Sim, eu sei tudo sobre as suas mãos sujas, — eu jogo de volta, corando um pouco quando me lembro de Michael sentado ao meu lado. — O que aconteceria se eu dissesse que não?

— Então, nós teríamos problemas. Você se entregou a mim. Você é minha. Isso não é algo que você pode desfazer.

— Tenho certeza que muitas meninas têm se dado a você. Você pode voltar para fode-las.

— Eu não estou transando com ninguém além de você de agora em diante, meu amor.

— Até você se cansar, você quer dizer?

— Até eu levar um tiro e ele me furar. Até você arrumar todas as suas coisas e fugir de mim. Mas me deixe dizer isso, Sloane... Não se preocupe em fugir. Eu só vou ter que te encontrar. Fique aqui e esteja comigo. Vou fazer valer a pena.

Por que, apenas quando ele pode soar como se ele estivesse tentando ser doce, ele então consegue soar como uma ameaça?

E por que esse perigo me emociona tanto? Eu sinto que eu poderia precisar de algumas sessões com Pippa eu mesma. — Ok.

— Ok?

Eu sopro uma respiração profunda, e depois tiro a chave do envelope – é pequena, e bronze, o tipo de chave feita para um cadeado. Eu fecho os meus dedos em torno dela, sentindo os cumes pontiagudos morderem minha palma. Sou uma estúpida, mulher estúpida. — Ok, Zeth. Ótimo. Tenho reivindicado a posse de sua chave estúpida. — e você já reivindicou a posse de mim. Eu ainda não tenho ideia de por que ele me quer tanto, mas eu não tenho dúvida. Não Zeth. Não desperdice seu tempo. Eu sei muito sobre ele. Se ele não estivesse interessado, ele não estaria indo para esse caminho. Eu ficaria bem no meu caminho para ser uma conquista há muito esquecido por agora.

— E você está dando a sua para Michael?

— Sim. Sim, eu vou dar para ele, eu juro.

Um rosnado ímpio viaja para baixo da linha e diretamente no meu ouvido, minha pálpebra vibra fechada. Eu não sei o que eu fiz. Eu não sei o que eu tenho acordado, mas eu me sinto aliviada. Assim, tão aliviada. Já vi pacientes terminais passarem por isso antes. Eles lutam e lutam por tanto tempo, recusando-se valentemente a desistir, e então, quando eles disseram que é apenas inútil e não há nada mais a ser feito que não seja deixar ir... é quando eles encontram a sua paz. Esse é o mar de rendição. Eu estou flutuando nele agora. É profundo, e é só assim por muito tempo antes que eu esqueça tudo sobre flutuar e me deixei afundar. Afundando para sempre.

— Sloane?

— Sim?

— Eu apenas pensei que você deveria saber...

E então ele diz as três palavras que eu pensei que nunca iria ouvir. Três palavras que quebram meu coração.

— Ela está viva.

Capítulo Quinze

ZETH

— Zeth, Zeth! Acorde! — algo pequeno e duro bate nas minhas costelas. Eu vacilo, recuando imediatamente longe do contato. No espaço de dois segundos, eu giro para fora da cama, agarrando quem estava me tocando, e levantando o punho, pronto para atacar. Eu me viro para impedi-lo de descer a tempo - a pessoa estúpida o suficiente para entrar em um quarto em que eu estou dormindo na verdade não é uma pessoa em tudo. É um cabo de vassoura. Meus joelhos estão explodindo de dor onde bateu nele quando eu rolei para fora da cama, meu coração bate como um pistão furioso.

Não é ele. Não é ele. Você está bem. Respire.

Eu pisco para o cabo de vassoura, tentando fechar os comandos de ataque que estão gritando dentro da minha cabeça.

— Zeth.

A voz é sólida. Calma. Firme. Eu desvio o olhar da madeira clara agora colocada no chão aos meus pés e encontro Lacey em pé na porta, seu gasto robe rosa bem apertado ao redor de seu corpo. Está surrado, mas a garota não vai jogá-lo fora. Sua pele está tão pálida que ela se parece como um fantasma maldito. Ela sabe que não deve me incomodar se eu estou no meu quarto e a porta estiver fechada. A menina é inteligente. Ela sabia que era melhor me cutucar com algo à distância, em vez de se aproximar da cama. É bastante indigno na mesma linha, mas então eu prefiro sofrer a indignidade em vez de machucá-la.

De repente eu percebo que estou nu. Eu sempre durmo nu. Ajeitando-me lentamente da minha postura defensiva, eu lanço um olhar interrogativo sobre Lacey. — O que está acontecendo? — eu pergunto. Ela não pisca com o fato de que eu estar tão nu como o dia em que nasci. Ela não pisca com o fato de eu atacar as pessoas durante o sono também. Nós sabemos que não devemos sondar o outro, cavar

em lugares que não somos bem-vindos. Ela entende. Ela tem sua merda e eu definitivamente tenho a minha.

— Eu não consigo dormir. Eu não me sinto muito bem, — sussurra Lacey. — Não temos quaisquer analgésicos?

Quando seu companheiro de casa decide se matar, existem algumas precauções que você toma quando ela chega em casa. Tenho codeína em seu armário de remédios? Paracetamol? Facas em sua cozinha? Alvejante sob a sua pia da cozinha? Sim, eu não sei. Não mais. Não até que eu tenho certeza que Lacey esteja bem novamente.

Eu ando descalço até a minha mesa de cabeceira e pego o pacote de Tylenol que eu mantenho lá para tomar nas minhas ressacas. Elas podem ser fodidamente brutais, dependendo da força que me puno, ou quão ruim os pesadelos são. Eu tiro dois comprimidos fora da embalagem e cabeceio para Lacey, oferecendo-os na minha mão. Ela revira os olhos.

— Puxa, Zee, você está sendo um retardado.

— Você é a retardada. — eu olho para ela. Ela sabe que eu não a perdoei pela merda que ela fez ainda, mas ela não disse que está arrependida. Ela nunca estará. Eu vou morrer prendendo a respiração antes que isso aconteça. Eu acredito que uma parte dela realmente está esperando que eu diga isso: *desculpe, Lacey. Desculpe que eu arrastei o seu ingrato traseiro ao hospital mais uma vez. Desculpe por salvar sua vida.*

Mas você sabe o quê? Foda-se isso. Ela está sendo uma vadia egoísta agora. Eu vejo quando ela joga os comprimidos em sua garganta e engole seco. E então eu cruzo a linha.

— Por quê, Lace?

Ela não se incomoda fingindo não saber o que eu estou perguntando a ela. Todos esses médicos do hospital, todos e cada um deles, devem ter perguntado a ela a mesma coisa. Ela enfia o cabelo atrás da orelha e puxa o punho do roupão. Eu quebrei um acordo secreto entre nós dois.

Ela sabe, no entanto. Ela sabe que não pode se esquivar. Ela sabe que tem que me dizer alguma coisa, seja toda a verdade ou apenas a metade. Ela franze a testa, raiva cintilando em seus olhos. — Sabe quando você acorda no meio da noite e seu coração esta batendo? Quando o sonho é tão real, você ainda pode sentir e ouvir todo o

zumbido nos ouvidos, rastejando em toda a sua pele? Quando você ainda pode foder perto seus olhos sem ser aterrorizado?

Eu ainda permaneço como mármore, ferozmente estudando-a. Ela sabe que eu experimento isso em todas as noites, mas não vou admitir isso. Merda, não. Eu nunca vou admitir ter medo de novo. Não, nunca.

Lacey aceita o meu silêncio. — Bem, eu não sinto mais isso, Zeth. Eu sonho... e eu acordo e eu não... não estou mais com medo. Eu aceitei. Meu corpo aceitou. Há algo de muito errado comigo, — ela sussurra. Há um horror em seus olhos que eu entendo muito bem. O que aconteceu com ela, em algum lugar ao longo do caminho - o corpo dela cometeu o ato mais escuro da traição: ele começou a apreciar isso.

— Morrer é a única coisa que eu tenho medo nos dias de hoje, — ela respira, — E eu preciso ter medo. Preciso não me sentir como... como eu. Eu preferia estar morta.

Ela se parece com uma menina perdida com seu manto sujo, e seu cabelo bagunçado, e seus olhos azuis assombrados. Eu olho para longe, balançando a cabeça. — O que você precisa? — eu pergunto. Eu não posso abraçá-la. Eu não posso segurá-la. Há algumas coisas que eu posso fazer, e há algumas coisas que eu não posso.

— Nada, — ela me diz. — Você já fez o suficiente. — seu rosto assume um olhar vago, enquanto ela se concentra em meu peito. — Essa médica, ela queria que eu fosse ver a amiga dela. Disse que iria me ajudar.

— E o que foi que você disse?

— Disse a verdade. Isso não faz sentido. Não há fixação de algo que não é nem mesmo vagamente o que costumava ser. Eu mal me sinto humana, Zeth. Eu sou como uma daquelas estátuas deixadas para trás após Pompeia. A forma de mim ainda está aqui. O esboço de quem eu costumava ser. Mas o resto se foi. Eu nunca vou ter de volta. Eu sou apenas cinzas e pedra.



SLOANE

Eu ouço a batida na porta, mesmo que o rádio esteja ligado a um volume ensurdecedor. Eu não tenho vizinhos, não por uma boa milha ou duas, então eu nunca mais terei de me preocupar com as queixas de ruído.

BUM BUM BUM.

As pancadas praticamente agitam o vidro nas janelas com vista para a cidade ao longe.

Faço uma pausa em dobrar a minha roupa. Isso vem de novo. BUM, BUM, BUM. Seja quem for, ele está ficando puto.

Penso imediatamente o pior: é ele. Mas então eu me lembro - Zeth tem uma chave. Ele simplesmente entraria se ele estivesse aqui. Por que diabos eu concordei com isso de novo? Eu derrapo pelo corredor nas minhas meias, pegando o bastão de baseball que eu sempre tenho apoiado à parede atrás da porta da frente. Eu espreito pelo olho mágico e meu estômago cai. Eu giro o bastão mais e mais na minha mão, mordendo meu lábio inferior.

Ele pode ter uma chave, mas agora, por alguma razão, Zeth está batendo na minha porta às dez da manhã no meu único dia de folga esta semana. Ele parece absolutamente furioso, o olho mágico distorceu seu rosto. Ele parece como um gigante.

— Sloane. Se eu me deixar entrar e eu encontrá-la ai dentro, as coisas vão ficar muito estranhas. — suas palavras não são gritos. Ele está falado em um tom de conversa, como se ele soubesse que eu estou de pé, do outro lado da porta, olhando para ele. Ele olha diretamente para o olho mágico e arqueia a sobrancelha.

Foda-se.

Eu puxo a porta aberta, de cara feia para ele. — O que você está fazendo aqui? Você não poderia ter enviado um texto ou algo assim? — a contração se desenvolve no canto da sua boca e eu percebo que ele está tentando não sorrir. Ele está de olho no taco de beisebol na minha mão.

— Eu poderia ter. Mas eu não fiz.

— Bem, você deveria ter feito.

— Eu queria ver onde você morava. — ele sorri um sorriso secreto e eu sei o que significa. Ele já sabia bem onde eu morava. Ele parece ridiculamente quente em sua apertada camiseta preta e jaqueta de couro, suas calças de brim, abraçando-o em todos os lugares certos. Cabelo escuro, olhos escuros, roupas escuras... Estou quase surpresa ao vê-lo sair à luz ao dia.

— Se eu não convidá-lo, você vai ficar parado no limiar? Me sinto particularmente convencida sobre isso. — Zeth faz a coisa sobrancelha novamente e entra na casa.

— Você acha que eu estou saindo de um filme de terror, não é?

— Bem, isso não é um conto de fadas, não é?

— Pode ser. Se você deixar.

— Ah, é? E quem você é suposto ser? Meu príncipe encantado?

Ele bufa. — Não, menina boba. Eu sou o lobo mau. — ele olha em volta com uma curiosidade flagrante que não faz nada para amortecer sua vibração predatória. Parece que ele está à procura de saídas, documentando todas as possíveis rotas de fuga. Não por si mesmo, é claro. Para mim. Quer saber o caminho que eu vou correr.

— O que você está fazendo aqui, Zeth?

— Eu disse a você. Que eu queria ver onde você mora.

— Não, você não fez.

— Oh? Você me conhece tão bem já? — ele pega um porta-retratos, estudando a imagem de mim e Alexis no acampamento de verão. Nós parecemos como duas ervilhas em uma vagem, sorrindo tanto no aparelho. Ele não devia estar aqui. Ele não devia lidar com os meus pertences, fazendo coisas mundanas como folhear meu e-mail fechado que fica no meu balcão da cozinha.

— Hey. Você se importa?

— Você vive aqui sozinha.

— Sim.

— Bom. — ele continua a investigar o local, deixando a cozinha para ir até a sala. O local está bastante vazio, apenas um par de estantes, sofás de couro batido, uma pequena tela plana que eu nunca assisti. Seu olho gruda em meu violão encostado na parede, no canto.

— Você toca? — eu pergunto a ele.

— Não. — ele se vira e, finalmente, me dá atenção.

— Você esta bisbilhotando?

— O único cômodo que eu estou interessado em bisbilhotar é o quarto, Sloane. Agora eu estou apenas me certificando se sua casa é segura. E ela é.

— Eu sei. Eu gastei milhares de dólares para garantir que fosse a prova de assalto quando me mudei. Agora se você não se importa, eu tenho trabalho doméstico que deveria estar fazendo.

Zeth sorri, como se a ideia de me ver fazendo trabalhos domésticos fosse a merda mais engraçada de sempre. — Essa amiga sua, a médica, — diz ele. — Eu quero conhecê-la.

— O quê?

— Eu quero conhecê-la.

— Por quê?

— Então eu posso avaliar se ela pode ajudar com Lacey.

Ajudar com Lacey? Isso leva um tempo para afundar dentro. Ele está pedindo ajuda para sua amiga? Nunca em um milhão de anos eu achei que ele iria perguntar isso. Principalmente porque a garota parecia convencida de que ela não queria ajuda. Não importa o que ela me prometeu no hospital - eu menti para pessoas o suficiente para saber quando alguém está me dizendo algo que eles pensam que eu quero ouvir.

— O nome da minha amiga é Pippa. E por que diabos eu deveria te ajudar?

A sua boca se curva em um sorriso imprudente de Zeth. — Pippa, hein? — ele parece que está desfrutando de alguma piada secreta. Ele anda lentamente pela sala de estar, com o rosto de repente todo perigo e promessa de destruição. Eu sinto que estou sendo caçada. Eu ando para trás quando ele fica mais perto, mas a parede me para depois de três passos. Zeth se inclina para mim e roça a ponta de seu nariz em meu queixo, respirando uma respiração profunda. Me inalando. — Você vai me ajudar por quatro razões. — suas mãos se levantam e encontram meus quadris, trabalhando lentamente sobre o meu corpo, tomando seu tempo, até que ele chega no bolso das calças de brim e puxa o meu

telefone. Eu permaneço congelada o tempo todo, presa ao chão. Ele está me tocando. Ele está me tocando e é plena luz do dia.

— Um, — diz ele, deixando cair o contato com os olhos para olhar para o meu telefone, — Você vai chamar Pippa porque eu te pedi. Essa é a única razão pela qual você sempre vai precisar de agora em diante, — ele começa a digitar as teclas e, em seguida, rola através da tela sensível ao toque, franzindo a testa suavemente. — Dois: você vai chamar Pippa, porque você é uma médica e você quer ajudar Lacey.

Ele aperta o botão de chamada no meu celular e o pende para mim. Eu tiro isso dele, um pouco atordoada com o fato de que ele está tão perto de mim e eu estou praticamente bebendo o cheiro dele, e também porque eu não posso dizer não. Ele já está muito imponente, muito poderoso, muito confiante em si mesmo para duvidar de que eu vou fazer o que ele está me dizendo. O telefone começa a tocar no meu ouvido.

— Três: Você vai fazer o que eu te pedir, porque eu decidi que eu vou te ajudar a encontrar Alexis. — ele levanta um dedo aos lábios para me parar de dizer qualquer coisa antes que eu possa ter uma palavra - não obrigado , não é sobre a porra do tempo . Nada. — E em quarto lugar... — ele morde seu lábio inferior, puxando-o entre os dentes, e eu sei que estou arruinada. Estou arruinada para qualquer outro homem sobre a face do planeta. Ele se inclina para perto de novo, pressionando os lábios contra a concha da minha orelha. Eu tremo antes de sua mão deslizar para baixo na frente da minha calça jeans. — Em quarto lugar, Sloane, eu estou prestes a fazer você gozar. E você vai ser muito grata. — a pressão de seu dedo indicador e médio separando os meus lábios da minha buceta trabalhando para além de encontrar meu clitóris, me faz suspirar.

— Você está pronta?

Eu tenciono cada músculo do meu corpo. Uma chama brilha nos olhos, me desafiando a negar isso.

Eu não. Eu não posso. Ele desliza os dedos para frente, gemendo, empurrando-os para dentro de mim, com o olhar fixo em mim. Eu chupo em uma respiração afiada, lutando contra o desejo de deixar meus olhos rolarem para trás em minha cabeça.

— Sloane? Sloane? Você está aí?

Eu nem sequer percebi que o tom de discagem parou de tocar no meu ouvido. — Merda.

— Bem, olá para você, também. — Pippa parece levemente entretida por minha saudação. Zeth parece tão mal como um homem pode, enquanto ele empurra seus dedos dentro de mim ainda mais duro.

— Você quer que eu pare? — ele sussurra. Eu balancei minha cabeça.

— Então é melhor você começar a falar.

Uma onda de prazer penetrante estremece pelo meu corpo. Eu não posso mais fazer isso, eu fecho meus olhos.

É isso. Ele vai ser o meu fim. Eu posso sentir isso.

— Pippa, oi... Eu... eu preciso te pedir um favor.